

SUZANA BARROSO SPÍNOLA

A TEORIA DO FALO NO RETORNO A FREUD

SUZANA BARROSO SPÍNOLA

## A TEORIA DO FALO NO RETORNO A FREUD

Dissertação apresentada no Curso de Mestrado em Psicologia Faculdade de Filosofia Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanálicos

Orientador: Prof. Luís Flávio Silva Couto

Belo Horizonte  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG  
2001

*Dedico esse trabalho aos meus filhos, Daniel e Marina.*

## AGRADECIMENTOS

Deixo aqui o meu muito obrigada a todos aqueles que, de diferentes maneiras, contribuíram para a elaboração dessa dissertação. Em especial agradeço:

- ao corpo docente da área de Psicanálise do Mestrado em Psicologia, e, aos professores, Ana Cecília Carvalho, Antônio Teixeira, Jeferson Machado Pinto, Jesús Santiago, Luís Flávio Silva Couto, Luís Renato Gazzola, Paulo César Carvalho Ribeiro, pelas contribuições que me proporcionaram, nos seminários oferecidos no curso do Mestrado;
- aos colegas da EBP-Seção Minas Gerais, pela leitura, sempre conseqüente e instigante, do texto de Lacan, particularmente, a Márcia Rosa, pela sua colaboração no exame de qualificação do meu projeto;
- aos meus pais, José T. Barroso e Ilidia M. Faleiro Barroso, pelo incentivo ao trabalho;
- ao Epotamenides Good God, pelo companheirismo.

## RESUMO

Esse trabalho trata da gênese do conceito de falo enquanto significante, na primeira etapa da obra de Lacan, explicitando as razões da inserção desse conceito no campo teórico do retorno a Freud. A articulação, em termos de conjunção e disjunção, entre o falo e o órgão, o falo e o objeto parcial, o falo e a fantasia, balizou o percurso da pesquisa, visto que esses termos traduzem a diversidade das formulações sobre o falo e a errância da psicanálise depois de Freud. Do ponto de vista epistemológico, privilegamos o desvio naturalista da abordagem da função sexual, representado por Ernest Jones, confrontando-o com a concepção estrutural de Lacan. Do ponto de vista histórico, revisitamos o debate batizado de “querela do falo”, que expressou a repercussão do conceito freudiano de falo no movimento analítico, tendo como pivô o problema da posição fálica da mulher. A aplicação do conceito de falo às questões do sujeito masculino e feminino viabilizou uma abordagem clínica do conceito.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. PRIMAZIA DO FALO E DESNATURALIZAÇÃO DA SEXUALIDADE	09
1.1. A fase fálica: estágio ou organização	12
1.2. As teorias sexuais infantis: a concepção da existência de apenas um órgão genital, o masculino, em 1908	17
1.3. Da primazia dos genitais à primazia do falo: o falo e as transformações instintuais, em 1917	24
1.4. A pulsão e o Édipo: a transmissão da organização fálica, em 1924	29
2. O FALO E A DIFERENÇA DE SEXOS	33
2.1. A dialética do falo no centro do Complexo de Édipo: o falo não é o órgão	35
2.2. O Édipo masculino	40
2.3. O Édipo feminino	44
2.3.1. As perguntas de Freud sobre a mulher	46
2.3.2. O tornar-se mulher	51
2.4. O significado do complexo de castração	56
3. A QUERELA DO FALO	64
3.1. O paradoxo da posição de Freud	73
3.2. A identificação fálica da mulher	76
3.3. O superego feminino	81
3.4. O naturalismo de Ernest Jones	82
3.4.1. A teoria do simbolismo	83
3.4.2. A crítica de Jones à fase fálica e o passo adiante de Lacan	88
3.5. A simbólica do dom	96
4. A REDUÇÃO DO FALO À IDÉIA DE OBJETO PARCIAL E A ERRÂNCIA DA PSICANÁLISE DEPOIS DE FREUD	98
4.1. O primado da relação de objeto	99
4.2. A redução do falo ao objeto parcial	104

4.2.1. A redução do falo ao objeto parcial na clínica da psicose	105
4.2.2. A psicanálise com crianças, o falo e a sexualidade feminina	108
4.3.. O falo não é um objeto parcial	115
5. A CONCEPÇÃO ESTRUTURAL DO FALO	130
5.1. O falocentrismo: estrutura e desenvolvimento	135
5.2. O privilégio do significante falo	141
5.3. O paradoxo do significante falo: interface entre significante e gozo	145
5.4. O falo e o sujeito do inconsciente	149
5.5. A função da máscara	152
CONCLUSÃO	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	167

## INTRODUÇÃO

O tema de estudo dessa pesquisa é a teoria do falo no retorno a Freud, elaborada no primeiro tempo da obra de Lacan, reconhecido como a etapa do retorno a Freud, que pode ser estabelecido, aproximadamente, entre 1951 e 1964. Pretendemos investigar a gênese do conceito de falo enquanto significativo, buscando explicitar as razões da inserção desse conceito no campo teórico do retorno a Freud, isto é, porque o falo pode ser considerado um conceito do retorno a Freud. O conceito de falo não é unívoco na psicanálise. Trata-se de uma noção introduzida por Freud, modificada no pós-freudismo e reinterpretada por Lacan. E pode mesmo constituir um divisor de águas entre a doutrina freudiana e outras correntes teóricas que surgiram depois de Freud, tais como a psicanálise do ego e a teoria da relação de objeto. Nossa hipótese é de que o falo é um conceito do retorno a Freud, cuja reinterpretação que lhe foi dada por Lacan, se tornou essencial para a redefinição do campo analítico e da especificidade do fenômeno descoberto por Freud.

No primeiro tempo do seu ensino, Lacan marcou sua presença no movimento psicanalítico, ao propor a releitura de Freud. Seu principal objetivo consistia em retificar o rumo tomado pela psicanálise que, tanto na sua dimensão teórica quanto prática, havia se desviado da orientação freudiana. Devido a razões internas e externas à obra de Freud, diversos conceitos psicanalíticos tiveram sua própria definição, sua operacionalidade clínica e sua função, tomados em descaminhos em relação à sua doutrina. Foi o que ocorreu com o conceito de falo, não sem que isso comprometesse outros conceitos a ele articulados no edifício freudiano. Uma das razões da inserção do conceito de falo no campo teórico do retorno a Freud, foi explicitada por Lacan quando nos remeteu aos *“traços ... que são o arcabouço do edifício freudiano”*, (LACAN, 1958/1998:549). São cinco os traços que identificam o edifício da clínica freudiana: a equivalência da função imaginária do falo nos dois sexos, o complexo de castração como fase normativa da assunção do seu próprio sexo pelo sujeito, o mito do assassinato do pai articulado à presença constitutiva do complexo de

Édipo em toda história pessoal, a instância repetitiva do objeto e seu efeito na vida amorosa, e a noção dissidente de pulsão.

O ponto de partida de nossa pesquisa foi um parágrafo extraído do artigo *A significação do falo* (LACAN, 1958), que condensa as elaborações essenciais sobre esse conceito no campo teórico do retorno a Freud:

*“O falo é aqui esclarecido por sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade implicada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clítoris, que ele simboliza. E não foi sem razão que Freud extraiu-lhe a referência do simulacro que ele era para os antigos” (LACAN, 1958/1998: 696).*

Esse parágrafo pareceu-nos representativo da gênese do conceito de falo em Lacan. Em primeiro lugar, porque ele nos remete à questão do falo na doutrina freudiana, situando-nos no campo freudiano da psicanálise. Em segundo lugar, porque os conceitos aos quais ele se refere, principalmente o de objeto parcial e o de fantasia, nos remete inteiramente à interlocução de Lacan com os analistas da relação de objeto, interlocução que se revelou necessária à sua concepção do falo. Em terceiro lugar, porque ao correlacionar o falo ao objeto parcial, pode nos indicar os motivos da errância que acometeu a psicanálise. Além disso ele evoca o emprego dos três registros: real, simbólico e imaginário, à luz dos quais podemos pensar a incidência do falo na estrutura subjetiva, algo que só nos é possível a partir da teoria lacaniana do falo. Por fim, o encontro de uma formulação muito próxima dessa que citamos, articulada por Lacan durante seu quinto seminário, *As formações do inconsciente* (LACAN, 1957-1958), quando equacionava os problemas conceituais do falo na psicanálise, mapeou o caminho percorrido por nossa investigação.

*“Quanto a nós, enveredaremos pelo caminho de fornecer a solução do problema em função da seguinte fórmula, que em si mesma é apenas um enunciado a ser desenvolvido para ser compreendido – o falo não é uma fantasia, nem uma imagem, nem um objeto, mesmo que parcial, mesmo que interno, mas é um significante. Ser ele um significante é a única coisa que nos permite conceber e articular as diversas funções que ele assume nos diferentes níveis do encontro intersexual” (LACAN, 07/05/1958/1999:386).*

Como podemos articular a fantasia, o objeto parcial e o órgão à função do falo? Nossa idéia é de que ele não se reduz nem a uma fantasia, nem a um objeto parcial, nem ao órgão que ele representa, mas ele participa de tudo isso.

Encontramos no pós-freudismo diversos problemas teóricos e técnicos que podemos atribuir à incompreensão da função fálica para a psicanálise. Entretanto, foi na teoria da relação de objeto que localizamos os maiores impasses em relação ao conceito de falo. Essa corrente teórica assumiu declaradamente uma oposição à tese freudiana da primazia do falo, substituindo-a pelo “*primado da relação de objeto*” (LACAN, 31/05/1956/1988:287). A expressão ‘primado da relação de objeto’ foi empregada por Lacan para denunciar a oposição ao primado do falo, e o destino que teve a tese de Freud de 1923, sobre a organização genital infantil. Freud só então reconhecia que no ápice do desenvolvimento da sexualidade infantil, cujo interesse nos genitais e em sua atividade adquire uma significação dominante, chega-se à uma verdadeira organização genital. A característica principal dessa organização genital infantil consiste no fato de que para ambos os sexos entra em jogo apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. “*O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo*” (FREUD, 1923/1976:180).

Ainda que Freud tivesse formulado a questão dessa maneira, isso não o impediu de revelar uma posição paradoxal relativa ao modo como introduziu a noção de fase fálica, ao associar a função do falo aos fatores maturacionais, isto é, ao articula-la à maturação genital. Ele propôs para ambos os sexos o desconhecimento da vagina como lugar da penetração genital, até o término da fase fálica, isto é, até o declínio do Édipo. A relação do sujeito ao falo que se estabelece desconsiderando a diferença anatômica dos sexos, e que por essa razão, é de interpretação particularmente problemática na mulher e em relação à mulher, constituiu motivo de desacordo entre Freud e seus seguidores. De tal sorte que as confusões conceituais que proliferaram em torno da noção do falo, reduzindo o falo ao órgão ou ao objeto parcial, não eram sem correlação com um assunto que o próprio Freud deixara em aberto, isto é, a feminilidade. Disso decorre a possibilidade de estabelecermos uma correlação entre os problemas

conceituais do falo e a abordagem da sexualidade feminina, que justifica a seguinte pergunta: em que a sexualidade feminina, esclarece-nos quanto à função e à natureza do falo?

Historicamente, as divergências conceituais relativas à significação do falo datam dos anos trinta, nos quais se inscreveu a querela do falo, que consistiu no questionamento do chamado falocentrismo freudiano. Esse debate, que surgiu como resposta à abordagem freudiana da sexualidade feminina, envolveu principalmente Ernest Jones, e um grupo de analistas mulheres, dentre os quais destacamos Melanie Klein, além de Karen Horney e Hélène Deutsch. A querela do falo abriu algumas vias errantes e divergentes, quanto à teoria e a ética da psicanálise, através das quais se enveredaram de modo especial, os analistas da relação de objeto. O debate da querela do falo colocou em confrontação no mínimo duas vertentes de abordagem da sexualidade, que distanciavam a psicanálise da orientação freudiana: a vertente naturalista e a ambientalista, todas as duas comprometidas na redução da psicanálise a uma psicoterapia. A primeira valorizava sobremaneira as determinações biologizantes da sexualidade e a segunda destacava o papel do ambiente, isto é, o papel da realidade na constituição do circuito da pulsão sexual.

De acordo com Lacan, “os cultuadores de falsas janelas biológicas, isto é, os naturalistas” (LACAN, 1958/1998:549), questionaram veementemente a prevalência da instância fálica, rejeitando a equivalência da função imaginária do falo nos dois sexos, tal como Freud havia proposto. Acusaram Freud de ter contaminado ideologicamente a psicanálise, pois, para eles, a noção de fase fálica desconsiderava os aspectos naturais, anatômicos e diferenciados do desenvolvimento de cada um dos sexos. Tal acusação desconheceu radicalmente a especificidade do fenômeno analítico, isto é, aquele estruturado como linguagem na Outra cena freudiana. Além disso, esse desvio caminhou na contracorrente da descoberta freudiana, cujo esforço foi depurar a relação do homem com a palavra e com suas leis, na determinação de tudo que se refere ao desejo. A neutralização do falo operada pelos teóricos da relação de objeto buscava reduzir a realidade humana à natureza. Por outro lado, os

547 defensores do papel do ambiente, também incorreram no desconhecimento ='-0a especificidade do fenômeno analítico, embora tivessem se enveredado por outro descaminho. Podemos identifica-los com a posição culturalista 02,, que apesar de reconhecer a importância da relação do homem com a linguagem, trataram-na como fenômeno social. Foram incapazes, portanto, de articular o social e o cultural com o estrutural, o que certamente os teria situado menos distantes de Freud e mais próximos da leitura inédita que ele fizera da função sexual. Trata-se de um certo forçamento da doutrina freudiana, que esses analistas tentaram moldar aos valores vigentes na sociedade e que contaminaram a psicanálise, principalmente na sua transplantação norte-americana. Não sendo culturalista, tampouco naturalista, Lacan foi buscar no estruturalismo, na lingüística estrutural, uma articulação que o permitiu tratar a lógica do significante na Outra cena freudiana. Essa foi uma condição fundamental para ultrapassar os impasses das teorias anteriores que, como a de Ernest Jones, provavelmente fracassaram, devido a falta de uma elaboração do que é o significante.

Privilegiamos na nossa pesquisa o desvio naturalista, confrontando-o com as perspectivas estruturalistas de Lacan, por entendermos que esse foi o desvio que mais comprometeu o conceito de falo, reduzindo-o à idéia de objeto parcial, noção nunca criticada pelos analistas antes de Lacan. Verificamos que o descaso pela função do falo concomitante à sua redução ao papel de objeto parcial, se deve à uma certa maneira de tratar o símbolo, que acabou prevalecendo no movimento analítico em diversos lugares do mundo, tanto na Europa quanto na América, nos quais a teoria e a prática da análise das relações objetais se disseminou. De fato, a simbólica sexual parece ter constituído uma das maiores preocupações dos discípulos de Freud e ao mesmo tempo o maior problema de todos eles, visto que faltou a todos uma verdadeira teoria do simbólico. Isso explica a origem dos esforços de alguns analistas, como Ernest Jones em 1916 e Melanie Klein em 1930, em direção à construção de uma teoria do simbólico. A teoria do simbolismo de Ernest Jones o colocou na trilha tomada por Lacan, no retorno a Freud.

À neutralização do falo, presente no desvio naturalista estavam associados os seguintes problemas: desconhecimento do Édipo e da castração como estruturas fundantes do sujeito da psicanálise, degradação do modo de falta que concerne à castração e a seu papel central no desenvolvimento da libido, privilégio do modo de falta que concerne à frustração associado as relações pré-edípicas, degradação da simbólica do falo e da função do pai na psicanálise. Esses problemas, diagnosticados por Lacan nos anos cinquenta, determinaram a errância da psicanálise: “*Isso basta, por si só, para nos mostrar onde está a errância da psicanálise de hoje. É que ela se afasta cada vez mais dele. Elude a função fundamental do falo, com o qual o sujeito se identifica imaginariamente, e o reduz à idéia de objeto parcial*” (LACAN,08/01/1958/1999:165). Essa errância implicou, sobretudo, o afastamento do objeto fálico, objeto da castração, que na obra freudiana ocupou uma posição central na economia libidinal do sujeito.

O retorno a Freud e a reinterpretação da noção de falo significou muito mais do que uma pura reelaboração conceptual. Significou uma recuperação da ética da psicanálise. Lacan colocou na berlinda os analistas que insistiam no desconhecimento do mal estar verificado por Freud, desde que constatou um paradoxo intrínseco à assunção de seu sexo pelo homem, uma vez que a assunção do sujeito à uma posição sexual supõe uma condição de ameaça e até de privação. Em *O mal-estar na civilização* (FREUD,1930) encontramos indicações do problema de uma desarmonia essencial e não contingente, na sexualidade humana. Depois, em *Análise terminável e interminável* (FREUD, 1937), Freud nos apontava as seqüelas deixadas pelo complexo de castração no inconsciente, tanto para o sujeito masculino como para o sujeito feminino, o que colocava em discussão os impasses relativos ao final da análise, como, também, a eficácia do discurso analítico. Com o primado do objeto parcial, os analistas pós-freudianos, obturaram a hiancia aberta por Freud, com sua teoria da sexualidade. Dessa maneira, proporcionaram imenso comodismo à prática analítica, afastando-a, cada vez mais, da discordância fundamental implicada na incidência do significativo falo na subjetividade. Tal comodismo era proveniente, sobretudo, das dificuldades da comunidade analítica para

apreender o ensinamento freudiano sobre o desejo, e a ex-sistência do objeto do desejo. Ali onde Freud postulou a falta de objeto, sua negatividade estruturante e organizadora do desenvolvimento pulsional, os pós-freudianos colocaram em jogo o objeto parcial.

Esses foram os motivos que justificaram nossa pesquisa, na qual procuramos localizar, o que Lacan trouxe a essa problemática, como ele tratou os impasses do conceito de falo, desde que definiu o fenômeno analítico enquanto estruturado segundo as leis da linguagem. Pareceu-nos que os três conceitos aos quais Lacan opôs a noção de falo, isto é, o objeto parcial, o órgão e a fantasia, implicam intimamente a relação do homem com a linguagem e com suas leis na constituição de sua posição no desejo. A teoria do significante, que Lacan obteve em parceria com a lingüística moderna, o levou a formular o conceito de falo enquanto um significante.

Na verdade, o conceito de falo também não é unívoco na obra de Lacan. Primeiramente ele interrogou a conjunção e disjunção do falo e do objeto parcial: se o falo não é, como pensavam os pós freudianos, o objeto parcial, o que é ele então? Trata-se de um objeto, ainda que este não seja parcial? Ou seria um símbolo, um signo, uma falta, um significante ou um significado? No artigo *A significação do falo* (LACAN, 1958), o falo é “*um significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante*” (LACAN, 1958/1998: 697). Essa frase abre uma série de perguntas: a) em que essa formulação traduz a fidelidade de Lacan à Freud, e o que mesmo ela quer dizer? b) qual seria o privilégio desse significante? c) como situar a interpretação lacaniana do falo, a partir da própria conceptualização de Lacan? Enfim, o que é o falo<sup>1</sup>?

De fato, observamos que as variações das fórmulas sobre o falo seguem passo a passo com o avanço da teoria do significante e traduzem o percurso da teoria do simbólico em Lacan. Recorremos a Miller, que comentando o percurso de Lacan, constata que, no início, encontramos a supremacia do simbólico sobre

---

<sup>1</sup> As três definições do falo que localizamos na obra de Lacan no retorno a Freud, isto é, o falo como objeto, como significante e como máscara, implicam a sua correlação com o complexo de

os outros dois registros, o do imaginário e o real, à qual se segue uma espécie de redução do simbólico ao significante. Isso se deve a necessidade que teve Lacan de proceder à uma desimaginarização do símbolo, que foi completamente imaginarizado pelos pós-freudianos. Por um lado, o conceito de falo se beneficiou disso, notadamente no tanto que a disjunção do simbólico e do imaginário, viabilizou a disjunção entre o falo e o objeto parcial. Por outro lado, o conceito de falo reintroduziu a conjunção entre significante e imagem, entre simbólico e imaginário. Isso se evidencia através da “*função da máscara*”<sup>2</sup> (LACAN, 1958/1998:702). A conjunção entre imagem e significante implicada na questão do falo, destaca sua função de velamento do real, indicando a insuficiência da teoria do significante para a abordagem do conceito de falo<sup>3</sup>. A sexualidade feminina, mais precisamente, a relação do sujeito feminino com o falo e a afinidade da feminilidade com o real, nos remeteu, sobretudo, à função da máscara, na qual a feminilidade pode encontrar seu refúgio.

---

castração. Dessa correlação resulta uma múltipla significância do falo, pois o falo como faltoso é elevado à maior significância.

<sup>2</sup> Para demonstrá-lo, LACAN (19/04/1961) recorre ao comentário sobre o estilo maneirista presente na pintura a partir de 1520 com a crise do renascimento, até o início do séc. XVII. Lacan procura ver em que consiste o procedimento maneirista e sua afinidade com a função da máscara fálica.

<sup>3</sup> O que concluímos em nossa pesquisa é que a concepção do falo como significante permitiu retificar o desvio naturalista da psicanálise. Contudo, a teoria do significante se revelou insuficiente para dar conta das funções que o falo assume nos diferentes níveis do encontro intersexual. A máscara fálica, que intervém na relação entre os sexos, através de um parecer que substitui o ter para protegê-lo e mascarar sua falta no outro, conjuga o significante e a imagem.

## 1. PRIMAZIA DO FALO E DESNATURALIZAÇÃO DA SEXUALIDADE EM FREUD

Na obra de Freud, encontramos o conceito de falo e o de sua primazia no artigo *A organização genital infantil: uma interpolação*<sup>4</sup> na teoria da sexualidade (FREUD, 1923). Esse artigo, que escolhemos como ponto de partida de nossa investigação da noção do falo em Freud, cumpriu um papel decisivo na teoria da sexualidade. A partir das teses aí formuladas, podemos distinguir dois tempos da construção da teoria da sexualidade: o primeiro foi o tempo dos *Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade* de 1905, em que verificamos a apreensão de uma sexualidade que evolui sem a intervenção do falo; e o segundo, o da *Organização genital infantil* de 1923, em que o desenvolvimento da sexualidade foi colocado sob a primazia do falo. O artigo de 1923 veio reparar um tipo de negligência particular cometida no campo do desenvolvimento sexual infantil, cuja primeira formulação não levava em conta a fase fálica e seu papel na vida sexual de ambos os sexos, masculino e feminino, conforme afirma o seguinte enunciado:

*“Em data posterior (1923) eu mesmo modifiquei este relato, inserindo uma terceira fase no desenvolvimento da infância, subsequente às organizações pré-genitais. Esta fase que já merece ser descrita como genital, apresenta um objeto sexual e certo grau de convergência dos impulsos sexuais sobre esse objeto, mas se diferencia da organização final da maturidade sexual num sentido especial, pois ela conhece apenas uma espécie de genital: o masculino. Por este motivo chamei-a de fase “fálica” da organização. Segundo Abraham (1924), ela tem um protótipo biológico na disposição diferenciada do embrião, que é a mesma para ambos os sexos” (FREUD, 1905/1976:205).*

A noção de fase fálica acrescentada aos *Três Ensaio* sob a forma dessa nota de rodapé que aqui transcrevemos, permaneceu ali como um ponto teórico de exterioridade ao corpo teórico dos ensaios sobre a sexualidade, numa posição de exclusão interna ao texto de 1905. Verificamos também que, para além de uma retificação conceitual, estava em jogo uma consolidação das hipóteses

---

<sup>4</sup> Esse termo em alemão – *Einschaltung* - tempo do verbo transitivo ‘*einschalten*’, que tem, entre outros significados, o de inserir e intercalar. Em latim, temos ‘*interpolatio, onis*’ que, para Plínio, significa a renovação, o concerto de alguma coisa para parecer nova.

freudianas sobre a sexualidade, visto que o conceito de falo reafirmava o corte epistemológico promovido pela descoberta freudiana no universo científico no qual nasceu a psicanálise, ao articular o sexual ao inconsciente.

Entretanto, de acordo com o que se evidencia na nota de rodapé citada, o conceito de falo não se produziu sem um debate que implicou posições muitas vezes incompatíveis entre Freud e os seus discípulos, tal como pudemos observar, no diálogo que se passa entre Freud e Karl Abraham, no decorrer dos Três Ensaio. Extraímos daí a presença de referências de dois campos epistemológicos distintos permeando a elaboração do conceito de falo, a saber, o da psicanálise e o da biologia. Freud se referia ao artigo de Abraham de 1924, *Breve Estudo do Desenvolvimento da Libido, Visto à Luz das Perturbações Mentais*, no qual ele levou às últimas conseqüências o paralelo do desenvolvimento mental com os processos biológicos, afirmando, por exemplo, a hipótese da ontogênese psicológica, isto é, que o indivíduo recapitula a história de sua espécie em seus aspectos psicológicos. Curiosamente, ele procurava estabelecer, dessa maneira, uma “*lei concernente ao desenvolvimento psicosexual do homem*” (ABRAHAM, 1924:157), o que não é de todo alheio à questão de Freud, que o levava a retificar suas primeiras formulações sobre o desenvolvimento da sexualidade.

Com o conceito de falo Freud imprimiu definitivamente sua posição teórica inédita na abordagem do sexual. Ele inaugurou um campo da sexualidade não especificado pela ciência biológica, fundando uma disparidade entre os sexos que a distinção entre órgãos ou fórmulas cromossômicas não possibilita pensar. A questão do falo, devido às suas implicações com o corpo e a linguagem, com as leis da natureza e as leis da cultura, enfim, com o gozo e o desejo, constituiu um conceito decisivo na demarcação das fronteiras entre esses dois campos de saber, isto é, o da ciência biológica e o da psicanálise. Nessa fronteira do saber, encontramos a convivência paradoxal de duas perspectivas na abordagem do sexual, a perspectiva naturalista, adotada por alguns discípulos e seguidores de Freud, comprometida com a ciência biológica, e a freudiana propriamente dita, comprometida com a ciência do inconsciente. O sentido da obra de Freud sempre esteve associado à realidade

sexual do inconsciente, à realidade simbólica e sua ação sobre o corpo e as necessidades do homem. Contudo, foi Lacan, com seu projeto de releitura de Freud, quem elucidou esse sentido norteador da obra freudiana.

*“Muito se tem falado, a propósito dela, num naturalismo, num esforço de redução da realidade humana à natureza. Não é nada disso. A obra de Freud é uma tentativa de pacto entre o ser do homem e a natureza. Esse pacto, seguramente, é buscado em outro lugar que não numa relação de inatismo, já que o homem é sempre experimentado, na obra de Freud, a partir do fato de se constituir como sujeito da fala, como [Eu] do ato de fala. Como negar isso, de vez que, na análise, ele não é experimentado de outra maneira? Diante da natureza, portanto, ele se acha numa postura diferente da de um portador imanente da vida. É no interior da experiência que o sujeito tem com a fala que vem a se formular sua relação com a natureza”(LACAN, 21/05/1958/1999:418).*

Quando a noção de falo e de sua primazia foi incluída no edifício teórico freudiano, os casos clínicos considerados paradigmáticos do tratamento analítico das neuroses, tais como o caso de Dora, o do Homem dos Ratos, o do Pequeno Hans, além do caso de perversão da Jovem Homossexual, já haviam sido analisados. Verificamos, portanto, um certo descompasso entre o emprego da noção de falo na condução desses casos clínicos, pois pareceu-nos que Freud já operava clinicamente com ela, e sua formulação teórica, que se deu só depois. Dentre todos os casos clínicos, o do pequeno Hans foi o único retomado no artigo *A organização genital infantil* para corroborar a nova tese do falo, constituindo o substrato clínico da descrição dos fenômenos da fase fálica e do encontro com a castração, cuja formulação teórica somente se apresentou quatorze anos depois da análise do garoto. Isso nos permite afirmar que esse conceito já nasceu trazendo a marca do retorno, da releitura, conduzindo Freud a retornar aos seus próprios passos.

O avanço obtido na teoria e na prática psicanalítica a partir dos anos vinte implicou outras modificações teóricas, além do conceito de falo. Dentre elas, destacamos o novo dualismo pulsional, que se expressara com a pulsão de vida versus pulsão de morte; o novo modelo do aparelho psíquico com a segunda tópica e as instâncias, *id*, *ego* e *superego*; e uma concepção de subjetividade, caracterizada pela *Ichspaltung* do eu. A comunicação da reformulação conceitual da teoria da sexualidade foi enunciada por Freud da seguinte maneira no artigo de vinte e três:

*“Hoje não mais me satisfaria com a afirmação de que, no primeiro período da infância, a primazia dos órgãos genitais só foi efetuada muito incompletamente ou não o foi de modo algum. A aproximação da vida sexual da criança à do adulto vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto. Mesmo não se realizando uma combinação adequada dos instintos parciais sob a primazia dos órgãos genitais, no auge do curso do desenvolvimento da sexualidade infantil, o interesse nos genitais e em sua atividade adquire uma significação dominante, que está pouco aquém da alcançada na maturidade. Ao mesmo tempo, a característica principal dessa ‘organização genital infantil’ é sua diferença da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo” (FREUD, 1923/1976:180).*

Disso decorre que o conceito de falo nos leva ao interior da epistemologia e da ética freudiana, necessárias à sustentação de toda a doutrina psicanalítica. A seguir, procuramos destacar alguns dos fundamentos epistemológicos e históricos norteadores da psicanálise, sem os quais teria sido impossível a concepção freudiana do falo. Historicamente, temos a passagem da referência da anatomia a uma tópica no que diz respeito ao sexual, o que possibilitou a disjunção entre o falo e o órgão. Temos também o fundamento epistemológico implicado na passagem da natureza à cultura e da lógica evolutiva à lógica retroativa dos fenômenos do inconsciente. Isso promoveu a disjunção da sexualidade do campo das necessidades e a inseriu no campo do desejo. Dessa forma, pretendemos, não só identificar as coordenadas teóricas do conceito de falo em Freud, como também discutir os impasses encontrados por esse conceito no interior da doutrina. A repercussão problemática no movimento analítico da tese do primado do falo que causou, no final da década de vinte, um debate conhecido por querela do falo; marcado por controvérsias, rupturas e divergências que não ficaram sem conseqüências na psicanálise, justifica a pesquisa sobre o conceito de falo em Freud.

### 1.1 A fase fálica: estágio ou organização

O conceito de falo foi introduzido por Freud em meio à proposição de uma fase do desenvolvimento sexual, a saber, a fase fálica. A inserção de mais uma fase no desenvolvimento sexual suscita uma pergunta sobre a visão freudiana da

função do falo na constituição psicosexual. De uma parte, ela significava mais um dos estágios de evolução da libido, que se somava aos estágios anteriormente propostos em termos do oral→anal→genital. Com a fase fálica, acrescentava-se o par de opostos fálico-castrado, que antecede aquele trazido pelo genital, masculino-feminino, que só foi incluído na série nos anos vinte, passando a série a se inscrever de acordo com a seqüência das etapas: oral→anal→fálico-castrado→genital.

*“Antes disso, e enquanto a criança se encontra no ponto mais elevado de seu desenvolvimento sexual infantil, estabelece-se certa organização genital, mas somente os órgãos genitais do indivíduo masculino desempenham nela seu papel, permanecendo os órgãos sexuais femininos não revelados. (Descrevi isso como o período de primazia fálica) Nessa fase o contraste entre os sexos não se inicia em termos de ‘macho’ ou ‘fêmea’, mas de possuir um pênis ou de ser castrado. O complexo de castração que surge nesse sentido é da mais profunda importância na formação tanto do caráter quanto das neuroses” (FREUD, 1925/1976:51).*

De outra parte, a fase fálica implicava a questão de uma organização da sexualidade, a organização genital em oposição à organização pré-genital, para além de cada um dos estágios nos quais se ancora o desenvolvimento sexual. Essa duplicidade de termos que definem a fase fálica, isto é, estágio e organização, implica certamente leituras distintas do mesmo fenômeno, evocando a pergunta sobre qual a ordem que rege os fenômenos da sexualidade. Tanto a noção de estágio quanto a de organização sexual traduziram a necessidade de elaborar a ordenação e a constituição do sexual na realidade psíquica segundo a especificidade do tratamento do sexual no campo de saber da psicanálise. A idéia de estágios da evolução da pulsão traduz uma visão predominantemente evolucionista da pulsão apoiada, portanto, nas leis naturais ordenadoras de seu desenvolvimento, enquanto a segunda, isto é, a idéia de uma organização sexual típica alcançada mediante o complexo de Édipo, se apóia na lei que rege a outra cena psíquica, a lei do desejo.

Para a psicanálise, a vida sexual não emerge como algo pronto e acabado, mas passa por uma série de etapas que definem a constituição psicosexual do sujeito. Disso decorre o problema de se compreender o que é que determina essa evolução, a passagem de uma etapa à outra, as mudanças

significativas dos diversos períodos da vida sexual, sobretudo, o que organiza a sexualidade. Essa nos pareceu constituir a pergunta formulada por Freud, quando retornou aos seus *Três Ensaios*: o que é que orienta a evolução da vida sexual? Através do estudo da sexualidade infantil, ele buscava depurar qual a norma que rege e regula a sexualidade desde as suas manifestações precoces na infância até a vida adulta. De acordo com Paul-Laurent Assoun, que se dedicou ao estudo da epistemologia freudiana, encontramos no livro *O freudismo* (ASSOUN, 1991), o seguinte comentário:

*...”Freud questionou, ao mesmo tempo: (a) a norma sexual no plano das perversões, graças à idéia de perversão polimorfa infantil; (b) a concepção normativa da sexualidade genital finalizada pela procriação, graças à noção de libido pré-genital; (c) a apreensão normativante da criança, reconhecendo seu estatuto de sujeito; e (d) a noção de anomalia neurótica – através da descoberta do ponto de vista do sujeito histórico” (ASSOUN, 1990/1991:59).*

Primeiramente, as características da vida sexual foram ordenadas segundo o pré-genital e o genital, isto é, duas organizações da libido, cujo critério de diferenciação era a ausência do papel predominante das zonas genitais na primitiva organização, a pré-genital e a sua presença na organização genital. O papel predominante das zonas genitais, como zonas erógenas investidas pela libido, significava que uma pulsão mais madura na evolução sexual, a pulsão genital, vinha exercer uma unidade da função erótica necessária à normatização do sexual, sobrepondo-se aos interesses do erotismo oral, anal, que a precediam na escala de desenvolvimento. Na organização pré-genital, constatava-se a falta da subordinação da sexualidade a uma função de síntese, unificadora, o que acarreta à sexualidade infantil a condição de dispersão das pulsões parciais, cuja atividade independente busca o prazer do órgão. A figura da criança como um perverso polimorfo evoca a dispersão da organização libidinal pré-genital da infância, ainda que essa suponha a existência de rudimentos de uma ordem. Na organização genital, ao contrário, a primazia da zona genital surge como fator ordenador da vida sexual, que submete as pulsões parciais, colocando-as a serviço da reprodução. A sexualidade infantil, antes de ascender à síntese promovida pela genitalidade, seria algo comparável a um regime anárquico de governo, pois os instintos componentes, separados, possuem direitos iguais, cada um deles seguindo seus próprios

rumos na busca do prazer. O ponto crítico desse desenvolvimento era, portanto, a subordinação de todas as pulsões parciais à primazia dos genitais e, com isso, a sujeição do erotismo à função reprodutora, o que caracterizaria a forma assumida pela sexualidade na vida adulta. Apesar de haver já no primeiro período da vida sexual a escolha de objeto característica da fase puberal do desenvolvimento, durante a infância, a combinação das pulsões parciais e sua subordinação sob a primazia dos genitais só foram efetuadas muito incompletamente, ou não o foram. Assim sendo, a maior aproximação possível entre a sexualidade infantil e a forma final assumida pela vida sexual após a puberdade seria, até os *Três Ensaios*, a escolha de objeto sexual.

A primazia atribuída aos genitais como fator unificador do polimorfismo pulsional infantil, além de colocar o sexual apenas a serviço da reprodução, evocava uma concepção do desenvolvimento pulsional pautada, sobretudo, num ponto de vista genético, que se assenta, em linhas biológicas do pensamento. De acordo com o esquema evolucionista, as fases libidinais se sucedem como fases de migração da libido sobre as zonas erógenas, isto é, migração de uma erogeneidade já inscrita *a priori* no organismo e norteadora do desenvolvimento em direção a uma maturidade sexual, o que traduz uma visão naturalista da pulsão. Foi precisamente o esquema da pulsão natural que Freud modificou quando passou da idéia de uma primazia dos genitais à idéia da primazia do falo, além de acentuar a função do falo como a de um fator organizador da sexualidade. Geneviève Morel nos apresentou, em seu livro, *El goce sexual* (MOREL, 1992:22) um quadro do desenvolvimento e da organização sexual em Freud.

### O desenvolvimento pulsional

Estadios	Oralidad	Analidad	Fase Fálica	libertad	(fim del desarrollo)
Polaridad Sexual	Sujeto/ Objeto	Activo/ Pasivo	Masculino/ O castrado		Sujeto masculino (actividad, pene) femenino (objeto+pasividad, vagina reconocida)
	Organización Pregenital Infantil		Organización genital infantil		Organización Genital Adulta
			Complejo de castración		
			(castración de la madre)		

Quadro 1

O que Freud propôs através da primazia do falo foi muito mais do que a designação formal de uma etapa de maturação da libido. Trata-se da prevalência de uma ordem, a ordem simbólica, que inscreve o gozo pulsional de um sexo e outro a partir de uma única instância, a instância fálica, que organiza o sexual a partir de dois complexos: o de Édipo e o de castração.

*“Em primeiro lugar, a sexualidade está divorciada da sua ligação por demais estreita com os órgãos genitais, sendo considerada como uma função corpórea mais abrangente, tendo o prazer como a sua meta e só secundariamente vindo a servir às finalidades de reprodução [...] O destacar a sexualidade dos órgãos genitais apresenta a vantagem de nos permitir levar as atividades sexuais das crianças e dos pervertidos para o mesmo âmbito que o dos adultos normais” (FREUD, 1925/1976:52).*

A função do falo como organizador do desenvolvimento sexual, ficou patente em mais três artigos de Freud, dois dos quais são anteriores ao de 1923. Nossa pesquisa pôde recolher alguns fragmentos extraídos desses artigos, que atribuem ao falo a função de primazia na significação sexual da pulsão. O primeiro, *Sobre as teorias sexuais infantis (FREUD, 1908)*, com o conceito de teorias sexuais infantis; o segundo, *As transformações dos instintos exemplificadas no erotismo anal (FREUD, 1917)*, com a discussão sobre as transformações das pulsões; e o terceiro, *A dissolução do complexo de Édipo (FREUD, 1924)*, contemporâneo da tese do primado do falo, que propõe a articulação entre a fase fálica, o Édipo e a castração. Esses três artigos, que

discutiremos em seguida, nos apresentam, respectivamente, o papel prevalente do falo na produção das fantasias infantis, em 1908; o seu papel central e determinante das posições ocupadas pela libido, em 1917; e sua articulação com a lei do pai, em 1924. Interessa-nos destacar que, nas três situações nas quais se desenhava a função organizadora do falo, distinta de sua significação de objeto do estágio fálico, isto é, o de objeto parcial, Freud o apresentava associado a uma significação dominante:

*“...Mesmo não se realizando uma combinação adequada dos instintos parciais sob a primazia dos órgãos genitais, no auge do curso do desenvolvimento da sexualidade infantil, o interesse nos genitais e em sua atividade adquire uma significação dominante, que está pouco aquém da alcançada na maturidade” (FREUD, 1923/1976:180).*

## 1.2 As teorias sexuais infantis: a concepção da existência de apenas um órgão genital, o masculino, em 1908.

A dominância de uma significação referente ao enigma do sexual foi localizada primeiramente a propósito da relação da criança ao saber sexual, verificável através das teorias sexuais infantis. Essas teorias constituem uma sistemática conceitual que concerne, no centro, à pulsão e às primeiras experiências de gozo sexual. A necessidade da produção das teorias sexuais, testemunha precisamente que a sexualidade não se encontra significada *a priori* no inconsciente, mas que aí se inscreve de modo contingente. As teorias sexuais infantis constituem as produções do imaginário infantil no qual uma imagem se destaca como prevalente, a imagem fálica, no despertar da organização genital infantil. No artigo *As teorias sexuais infantis*, Freud mostrou que o sexual produz enigma<sup>5</sup> para a criança. Essas teorias caracterizam uma primeira resposta ao enigma do sexo, uma resposta cuja particularidade é a de ser articulada num tempo anterior à descoberta da diferença de sexos. As primeiras sensações genitais da criança são perturbadoras, desconhecidas, a ponto de não serem identificáveis nem tão pouco localizáveis por ela. É, então, que se produzem as interpretações infantis das primeiras experiências de gozo pulsional, as elaborações de saber chamadas de teorias sexuais infantis.

---

<sup>5</sup>Um enigma quer dizer alguma coisa que se presentifica como non-sense no nível das enunciações, sobre o que torna-se preciso encontrar o *enunciado*.

Encontramos aí uma atividade de pesquisa da criança sobre o sexual que implica o conjunto do corpo. Tal pesquisa envolve toda a atividade do sujeito, motiva os seus temas afetivos, dirige sua vida afetiva de acordo com as imagens fundamentais. São temas ligados, por um lado, à existência do próprio sujeito e, por outro, ao fato de que ele é um sujeito de um sexo. *Morel (1992:20)* nos propôs uma escala do desenvolvimento dos saberes infantis segundo Freud, e sua articulação ao desenvolvimento pulsional.

#### Os saberes infantis

Oralidade	Analidade	Fálica	Não-todo fálico
Criança concebida por um beijo	Criança-fezes Produzido como cocô; teoria sádica do coito	Teoria da mulher com pênis -universal narcisista (o mundo é como o eu) - masturbação com a mãe (complexo de castração)	Aceitar a castração feminina → não tem universal para ela

#### Quadro 2

As teorias sexuais infantis, que irão marcar para o sujeito toda a sua história, tudo o que será para ele a relação entre os sexos, estão ligadas, portanto, à primeira maturidade da fase genital, antes do desenvolvimento completo do Édipo, a saber, a fase fálica. Essa fase é dita fálica, porque no plano das imagens sexuais da criança só existe uma única representação do estágio genital: o falo como tal. Na análise de neuróticos adultos, na decifração dos sintomas e na construção das fantasias foi possível isolar os restos destas teorias ainda ativas no inconsciente. A primeira delas consiste em atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis. O erotismo fálico, ao qual concerne essa teoria, refere-se aos impulsos libidinais cuja fonte é a zona erógena do pênis ou clitóris, enquanto que a vagina não teria, segundo Freud, nenhum significado para a criança nessa etapa. Para a menina, o clitóris é reconhecido como um órgão homólogo ao pênis, posto que sua excitabilidade *“confere à atividade sexual da menina um caráter masculino, sendo necessária uma vaga de repressão nos anos da puberdade para que desapareça essa sexualidade masculina e surja a mulher” (FREUD, 1908/1976:220)*. O erotismo fálico pode manifestar para ambos os sexos objetivos ativos e passivos. Os objetivos passivos são de penetrar e procriar, os passivos são de ser penetrado

e gerar um bebê. De acordo com o Quadro 2, vemos que todas as teorias sexuais infantis se sustentam na ignorância da vagina e no desconhecimento da diferença de sexo, de tal sorte que a significação que prevalece no nível dos enunciados do gozo sexual de acordo com as teorias sexuais infantis é uma significação fálica, onde só conta a existência de um órgão genital, o masculino.

As teorias sexuais impuseram a Freud o reconhecimento de um só órgão que em 1908, foi designado como o pênis, e em 1923, nomeado como falo. Ele considerou que há um malogro típico das pesquisas sexuais infantis, pois há, dois elementos que não são descobertos pelas pesquisas sexuais das crianças: o papel fertilizante do esperma e a existência do orifício sexual feminino – os mesmos elementos, incidentalmente, que a organização infantil não desenvolveu. Verificamos, aqui, como os fatores maturacionais do desenvolvimento sexual são enfatizados, sobrepujando os fatores estruturais relativos à ignorância do feminino no inconsciente. Se, por uma lado, Freud atou a elaboração de saber do inconsciente aos estágios da sexualidade infantil, mais tarde, em 1923, essa idéia foi retificada, visto que essas teorias se apresentam além da extensão de tempo abrangida pelo período sexual infantil. O grão de verdade que podemos extrair do conceito de teorias sexuais infantis é que a significação fálica como dominante não depende da fase ou do estágio de maturidade sexual alcançado, mas, sim, da intervenção da castração sobre cada estágio. A castração significa uma falta de saber sobre o feminino, o que Freud expressou, ao constatar que isso permanecera como enigma.

O caso Hans, cuja publicação é contemporânea do artigo sobre as teorias sexuais, demonstra a prevalência da significação fálica no psiquismo e seu papel de apaziguamento da angústia de castração. Em 1909, Hans possibilitou a Freud a comprovação junto a uma criança das hipóteses sobre a sexualidade infantil, depreendidas até então apenas da análise dos adultos. Ele havia colocado seu próprio pai e Freud diante das reações de um menino ao primeiro despertar de uma sexualidade genital. Suas perguntas, sua angústia e o sintoma fóbico que advém daí, o medo de cavalo, perturbaram seu ambiente familiar. Devido a isso ele fora levado ao encontro de um analista aos cinco

anos de idade. Seu pai, interessado também em responder ao apelo de Freud para encontrarem comprovações da existência da sexualidade infantil, enviava sistematicamente a ele o relato das observações do menino e do diálogo que entre eles se desenvolvia em torno do sintoma fóbico.

Havia fundamentalmente duas perguntas feitas por Hans no despertar de sua sexualidade genital: uma sobre a existência e outra sobre o sexo. Sobre a primeira, Freud nos diz que é o grande problema da infância, ou seja, de onde vêm os bebês. Vemos o menino interrogar sobre o papel do pai no nascimento, por exemplo, quando queria saber de quem era Ana, a irmãzinha recém-nascida, se ela era da mamãe, do papai ou dele. Ao que seu pai respondeu que ela era dos três, resposta muito distante do interesse da criança, isto é, saber qual o papel do pai na geração e as relações de filiação. Quanto à pergunta sobre o sexo, foi uma questão muito concreta, que emergiu no momento em que o órgão genital veio a existir para ele na masturbação, ocasião na qual ele se deparou com uma total carência simbólica do seu ambiente para viabilizar-lhe uma integração, uma simbolização da posição viril. Paralelamente a tudo isso, Hans se encontrava ocupado em observar a presença ou a ausência do pênis, tanto nos objetos (a cadeira, a locomotiva) como em animais (a girafa, o leão, o cavalo), e também nas pessoas, de tal modo que todos eram submetidos por ele a uma indagação: tem ou não tem? Freud registrara o diálogo entre o menino e sua mãe, no qual identificamos a questão do falo como objeto principal da interrogação endereçada a ela:

*“Os primeiros relatórios a respeito de Hans datam de um período em que ele estava para completar três anos de idade. Naquela época, por intermédio de várias observações e perguntas, ele demonstrava um interesse particularmente vivo por aquela parte do seu corpo que ele costumava chamar de seu pipi. Tanto que certa vez perguntou a sua mãe:*

*Hans: Mamãe, você também tem um pipi [ wiwimacher ] ?*

*Mãe: Claro. Por quê?*

*Hans: Nada, eu só estava pensando” (FREUD, 1909:17).*

Hans extraiu de seus pensamentos uma proposição geral: todo objeto animado, em contraste com os objetos inanimados, possui um pipi. A curiosidade relativa ao órgão não estava desconectada de outras indagações, o que certamente evoca a questão de saber o que o falo tem a ver com todas

elas. Ele se preocupava com o pênis, não por acaso, mas na mesma medida em que buscava compreender as transformações no seu mundo, nas suas relações familiares, especialmente na relação com a mãe, advindas do nascimento de uma irmã, acontecimento que promovera uma descompensação na sua posição de único objeto centralizador da libido materna. Ou seja, podemos perguntar o que o falo tem a ver com a mãe, com a criança, com o laço do casal parental, com a paternidade. Na verdade, o caso Hans introduziu a questão sobre o sentido da organização genital, do desejo genital para ambos os sexos, questão cuja resposta irá requerer a lei do pai e sua função normativadora no complexo de Édipo, lei totalmente antinatural. Desse modo, as experiências de gozo pulsional devem entrar numa organização fornecida pela estrutura edípica, na qual o conteúdo é sexual e correlacionado aos primeiros objetos do investimento libidinal, conforme o enunciado a seguir:

*“Deve-se presumir que essa masturbação está ligada ao complexo de Édipo e sirva como descarga para a excitação sexual que lhe é própria. Contudo, é incerto se a masturbação possui esse caráter desde o início, ou se, pelo contrário, efetua seu primeiro aparecimento espontaneamente, como uma atividade de um órgão corporal, e só é colocada em relação ao complexo de Édipo em alguma data posterior; essa segunda possibilidade é, de longe, a mais provável” (FREUD, 1925/1976:311).*

O papel da significação fálica é vincular a experiência masturbatória ao conteúdo edípico, o que introduz uma espécie de norma de regulação do gozo sexual, desde sempre interdito quanto a uma suposta plenitude. Podemos estabelecer um contraponto entre Hans, cuja angústia foi debelada pela produção da significação fálica, e um outro caso, mencionado brevemente na *Interpretação dos sonhos (FREUD, 1900)*, que, contrariamente ao primeiro, ilustrava os efeitos patológicos da elisão da significação sexual, através de uma passagem ao ato na qual o sujeito mutilou seu órgão genital. O caso é mencionado durante o trabalho associativo promovido pela análise de um sonho, cujo sonhador era o próprio Freud e que justamente o levava a considerar o valor inédito de sua teoria dos sonhos e do inconsciente, qual seja, a do sentido sexual dos sonhos. A análise do sonho relatado a seguir, um sonho absurdo que trata com números, evocava a questão da escolha de Freud pela psicanálise, a despeito das rupturas que isso lhe custou.

*“Um de meus conhecidos, Herr M., fora atacado num ensaio com um grau injustificado de violência, como todos nós pensamos – por nada mais nada menos do que Goethe. Herr M. ficou naturalmente esmagado pelo ataque. Queixou-se amargamente dele a alguma companhia à mesa; sua veneração por Goethe, contudo, não fora afetada por essa experiência pessoal. Tentei lançar um pouco de luz sobre os dados cronológicos, que me pareceram improváveis. Goethe morreu em 1832. Uma vez que seu ataque a Herr M. deve naturalmente ter sido feito antes disso, Herr M. deveria ser um homem bem jovem na ocasião. Parecia ser uma noção plausível que tivesse dezoito anos. Não estava inteiramente certo, contudo, de em que ano nos achávamos atualmente, de maneira que todo o meu cálculo se dissipava na obscuridade. Incidentalmente, o ataque achava-se contido no bem conhecido ensaio de Goethe sobre a ‘natureza’ “(FREUD, 1900/1976:469).*

Uma das fontes do sonho remetera o sonhador ao acontecimento que envolvia Fliess, amigo de Freud. O último livro de Fliess havia recebido uma crítica esmagadora feita por um jovem profissional e publicada por um editor de uma revista médica do círculo das relações de Freud. Este havia solicitado uma intervenção junto ao editor seu conhecido, que, entretanto, não se comprometera com qualquer retificação. Em função disso, Freud cortara sua ligação com a revista e expressou em sua carta de renúncia a esperança de que as relações pessoais não fossem afetadas pelo acontecimento. Na verdade, a própria descoberta da psicanálise não se deu sem a conhecida relação de Freud e Fliess, nem tão pouco sem a sua ruptura com as teorias de Fliess.

Uma outra fonte do sonho teria sido um relato que Freud escutara de uma paciente a respeito da irrupção da doença mental de seu irmão, um jovem de dezoito anos, e de como ele havia explodido aos gritos de Natureza! Natureza! Enquanto a interpretação dos médicos para tal exclamação do paciente se baseava na leitura do ensaio de Goethe e nos estudos excessivos feitos pelo paciente em filosofia natural, Freud de sua parte, preferiu pensar no sentido sexual em que a palavra era utilizada, interpretação que ele confirmou subsequente, quando o paciente mutilou seus próprios órgãos genitais. A conclusão de Freud foi que, no seu sonho, ele próprio havia tornado sua a causa do amigo criticado e havia se colocado no lugar dele.

*“A história do paciente de dezoito anos de idade, contudo, e as diferentes interpretações de haver ele exclamado ‘Natureza’ eram alusões à oposição em que eu mesmo me encontrei com muitos médicos, por causa de minha crença na etiologia sexual das psiconeuroses. Poderia dizer a mim mesmo: a espécie de crítica que foi aplicada a seu amigo será aplicada a você – na verdade, até certo ponto, ela já foi aplicada” (FREUD, 1900/1976:471).*

Nesse contexto a menção à passagem ao ato, realizada pelo paciente de dezoito anos, servia quase como um contra-exemplo da teoria freudiana sobre o sentido sexual dos sonhos. De uma parte, Freud reconhecia com seu sonho o sentido sexual dos sonhos e das demais formações do inconsciente; de outra, verificava, através do caso do doente mental mencionado, um exemplo de elisão do sentido sexual. A interpretação desse sonho colocava em discussão a verdade da descoberta freudiana da realidade sexual do inconsciente, em oposição ao campo das ciências da natureza, que constituíam o ponto de partida da formação de Freud. Vale lembrar que sua relação com as ciências naturais foi operatória em diversos momentos de sua vida, desde a escolha da profissão de medicina, influenciada por um certo naturalismo neodarwinista da época:

*“... e foi ouvindo o belo ensaio de Goethe<sup>6</sup> sobre a Natureza, lido em voz alta numa conferência popular pelo professor Carl Bruhl, pouco antes de eu ter deixado a escola, que resolvi tornar-me estudante de medicina” (FREUD, 1925:19).*

---

<sup>6</sup> Tanto quanto poeta, Goethe (1749-1832) foi também um cientista. E chegou a dar mais importância às suas investigações da natureza do que à criação literária. Realizou pesquisas em campos muitos variados como a óptica, a geologia, a mineralogia, a botânica e a zoologia. Mais significativa do que essas realizações isoladas foi sua visão da natureza e sua filosofia da natureza. Divergindo das idéias científicas da época, Goethe a concebeu como uma totalidade orgânica e viva, em profunda conexão com o mundo espiritual, e não um mecanismo frio e sem alma, constituído apenas por matéria em movimento. Em todos os domínios da realidade Goethe trabalha com dois conceitos básicos: arquétipo e metamorfose. São os arquétipos ou idéias universais que conferem coerência à natureza. A metamorfose desses princípios espirituais produz a enorme variedade das formas individuais encontradas no mundo. Por exemplo, através da observação da natureza concluiu que todas as formas vegetais poderiam ser desenvolvidas a partir de uma forma só, isto é, uma realidade espiritual, arquetípica, a planta primordial, que só pode ser alcançada pelo pensamento abstrato, e não pelos sentidos, nem sequer pela imaginação.

Contudo, a ruptura de Freud com as ciências naturais, marcadamente a partir da clínica da histeria, teve como pivô a etiologia sexual das neuroses, de onde se depreende a hipótese de uma desnaturalização da sexualidade.

### 1.3 Da primazia dos genitais à primazia do falo: o falo e as transformações instintuais, em 1917

Para compreendermos a noção de primazia do falo colocada em jogo na organização genital infantil, vamos nos reportar ao artigo de 1917, *A transformação dos instintos exemplificada no erotismo anal (FREUD, 1917)*, onde Freud procurava elucidar os deslocamentos dos objetos da libido, a mobilidade de seus investimentos tanto progressivamente quanto regressivamente. Isso o colocava diante de uma lógica do desenvolvimento antinatural e antievolutiva, que se centraliza em torno do falo e se subordina às leis da retroação, isto é, à lógica do *a posteriori*<sup>7</sup>. Freud postulava neste artigo o papel da organização pré-genital, visto a partir da organização genital.

*“Como resultado de inúmeras impressões e, em particular, de uma observação analítica especialmente convincente, cheguei à conclusão, alguns anos depois, de que no desenvolvimento da libido no homem a fase da primazia genital deve ser precedida por uma ‘organização pré-genital’, na qual o sadismo e o erotismo anal desempenhem os principais papéis.*

*A partir daquele momento tivemos que enfrentar o problema da história posterior dos impulsos instintuais anal-eróticos. O que acontece com eles quando, devido ao estabelecimento de uma organização genital definitiva, perdem a sua importância na vida sexual? [...] Ou encontram um lugar dentro da nova organização da sexualidade, caracterizada pela primazia genital?”(FREUD, 1917/1976:159).*

Como ponto de partida deste artigo de 1917, encontramos o problema das regressões e fixações da libido que a neurose obsessiva apontava. Torna-se importante salientar que as conclusões às quais Freud chegara, então, tiveram como substrato clínico principal o caso do Homem dos Lobos em *História de uma neurose infantil (FREUD, 1918)* onde ele examinou a articulação entre

---

<sup>7</sup> *Nachträglichkeit* é o termo em alemão, que designa a noção freudiana de posterioridade, isto é, termo empregado em relação com a concepção da temporalidade e da causalidade psíquica, significando que há experiências, impressões, traços mnésicos, que podem ser posteriormente remodelados, em função de novas experiências, do acesso a outro grau de desenvolvimento; e pode ser-lhes conferido, um novo sentido e uma eficácia psíquica.



no desenvolvimento. Fazendo a leitura desse diagrama, Freud se deteve na descrição da transformação pulsional necessária à constituição do desejo feminino, na qual nos faz supor a afinidade do seu diagrama com uma migração da libido totalmente antinatural.

Embora em 1917 Freud ainda se referisse à primazia dos genitais e não à do falo, o que ele depurou da análise da regressão e da sua superação, antecipa o que mais tarde foi formulado como sendo a primazia do falo. Ele procurava desvendar o que estava na base destas transformações pelas quais passam os investimentos libidinais no decorrer do desenvolvimento. Citou observações da vida sexual do pequeno Hans, remetendo-nos à sua teoria sexual infantil do parto cloacal, que tinha na sua base a equivalência bebê=fezes. *“A evidência lingüística dessa identidade de bebê e fezes está contida numa expressão da língua, qual seja, dar um bebê a alguém”*(FREUD, 1917/1970:163).

Duas explicações para as transformações instintuais convivem nesse artigo, isto é, uma que privilegia a ordem natural, a da analogia orgânica entre os objetos da pulsão; e outra que privilegia a ordem simbólica, a da analogia simbólica ou equivalência simbólica entre os objetos da série pulsional, essa implicando a lógica da retroação. A equivalência simbólica foi descrita da seguinte maneira:

*“Como ponto de partida para essa exposição, podemos tomar o fato de que parece que nos produtos do inconsciente – idéias espontâneas, fantasias e sintomas – os conceitos de fezes (dinheiro, dádiva), bebê e pênis mal se distinguem um do outro e são facilmente intercambiáveis. Compreendemos, certamente, que expressar-se desse modo é aplicar incorretamente à esfera do inconsciente termos que pertencem propriamente a outras regiões da vida mental, e que fomos levados a nos desviar pelas vantagens oferecidas por uma analogia. Para colocar o assunto de uma forma menos sujeita a objeções, esses elementos do inconsciente são tratados muitas vezes como se fossem equivalentes e pudessem livremente substituir um ao outro”* (FREUD, 1917/1976:160-161).

As duas últimas citações, extraídas das páginas 164 e 160 do artigo mencionado, justificam afirmar que Freud inscrevera o pênis em equações simbólicas constituídas por termos intercambiáveis elucidando seu estatuto particular na série, isto é, aquele que precede a série, ou que a constitui como tal, retroativamente. Principalmente, a penúltima citação, correspondente ao parágrafo extraído da página 164 do artigo de Freud, mostra-nos a

transferência do interesse da libido de um objeto a outro, precedido, no entanto, pelo interesse pelo pênis, o que sugere sua primazia na série dos objetos intercambiáveis. Como denominador comum da série, o falo é o que confere ao objeto a condição do investimento libidinal, ao marcá-lo por sua ausência, isto é, o falo confere ao objeto o valor que lhe é requerido pela libido. Ele não é como os outros objetos parciais, pois se destaca como elemento ordenador da série, incluído e excluído dela.

Com o primado do falo, a psicanálise definiu uma sexualidade que se organiza e se desenvolve em torno de uma perda, e a essa idéia de perda Freud deu o nome de castração. Desde então a organização fálica, mais do que um estágio do desenvolvimento, dá seu sentido a todas as experiências de perdas corporais anteriores, que vão adquirir só depois a significação da castração, quer dizer, a significação de uma falta.

*“Foi apresentado, de modo inteiramente correto, que a criança obtém a idéia de um dano narcísico mediante uma perda corporal originária da experiência de perder o seio da mãe após o sugar, da entrega diária de suas fezes e, em verdade, até de sua separação do útero, ao nascer. Não obstante, não se deveria falar de um complexo de castração até essa idéia de perda ter-se vinculado aos órgãos genitais masculinos” (FREUD 1923/1976:182).*

De acordo com a lógica retroativa, a incidência da castração na fase da primazia fálica reordena as experiências anteriores da organização pré-genital. Uma nota de rodapé inserida no relato do caso Hans recuperava a alteração feita pelo artigo de 1923, com um enunciado semelhante ao anterior:

*“Já foi sugerido com insistência que o bebê, toda vez que o seio materno é afastado dele, sente essa privação como uma castração (isto é, como perda daquilo que ele considera uma parte importante do seu próprio corpo); ademais, sugeriu-se que ele não pode deixar de ser idênticamente afetado pela perda regular de suas fezes; e que, afinal, o ato do próprio nascimento (que consiste, de fato, na separação da criança da mãe, com a qual ela até então esteve unida) constitui o protótipo da castração. Mesmo reconhecendo todas essas raízes do complexo, expus o ponto de vista de que a expressão ‘complexo de castração’ deve restringir-se aquelas excitações e conseqüências decorrentes da perda do pênis. Qualquer um que, analisando pessoas adultas, se convenceu da presença invariável do complexo de castração irá sem dúvida encontrar dificuldade em atribuir sua origem a uma ameaça casual, aliás de espécie nada comum; será levado a admitir que as crianças constroem para si mesmas esse perigo, utilizando os mais indiretos indícios, os quais jamais deixarão de existir” (FREUD, 1908/1976:18).*

Trata-se de uma operação necessária à vinculação da idéia de perda ao órgão genital masculino, o que o constitui como símbolo, isto é, como falo. Essa operação modifica o estatuto de uma parte do corpo, isto é, o pênis, tão logo essa parte do corpo caia sob o golpe da ameaça que se chama ameaça de castração, quer dizer, quando a criança, mediante uma ameaça casual, mas também independentemente dela, se vê sob a condição de submeter sua satisfação ao limite imposto pela lei fálica. O fator decisivo dessa operação de negatização do órgão é a visão do órgão genital feminino, que podemos considerar como tendo para o sujeito o valor de um encontro faltoso<sup>8</sup>. Como tal, este encontro constitui uma dificuldade, uma descontinuidade, um empecilho que origina simbolizações, mediante as quais se pretende integrar o inassimilável. Indicar que alguma coisa não está ali é supor sua presença possível, é introduzir na experiência a dimensão simbólica. *“O símbolo no sentido freudiano, está sempre relacionado com um modo de negação, o que se encontra na base da transformação do órgão, que resulta na instituição do falo como símbolo” (LAURENT, 1995:56).*

A experiência da castração tal como o fio de Ariadne, ordena de modo retroativo a organização libidinal. A angústia de castração é um fio que perfura todas as etapas do desenvolvimento. Os estágios se organizam em torno dela. Desse modo, é ela também que orienta as relações que são anteriores à sua aparição propriamente dita, tais como as do desmame e as da disciplina anal. Essa não foi a única concepção sobre o desenvolvimento sexual reconhecida pelos analistas em volta de Freud. Dentre eles, destacamos Ernest Jones devido à sua participação singular no debate sobre a fase fálica. O impasse subjacente a essa confusão se deveu em parte, ao fato de Freud não ter podido correlacionar a lógica do *a posteriori* à lógica do significante. Para isso a psicanálise precisou esperar Lacan no retorno a Freud.

Portanto, podemos concluir, com Freud, que a primazia do falo, diferentemente da primazia dos genitais, elucidou a função do falo na constituição do desejo. Uma prova disso é a descrição feita por ele, em 1917, sobre a constituição do

---

<sup>8</sup> Lacan assim definiu a função da tiquê, do real como encontro, isto é, traumatismo.

desejo feminino, para a qual Freud se valeu do diagrama (Quadro 3) das inter-relações dos objetos na transformação dos instintos:

*“Nas meninas, a descoberta do pênis dá origem a uma inveja desse órgão, que depois se transforma em desejo por um homem, como possuidor do pênis. Ainda antes disso, o desejo de um pênis foi convertido num desejo de um bebê, ou este último tomou o lugar do primeiro. Uma analogia orgânica entre pênis e bebê (linha tracejada) é expressa pela existência de um símbolo (‘o pequeno’) comum a ambos. Um desejo racional (linha dupla) conduz, então, do desejo por um bebê ao desejo por um homem: já avaliamos a importância dessa transformação instintual” (FREUD, 1917/1976:165).*

Contudo, a função da primazia do falo no desenvolvimento sexual só se sustenta se partimos do fato de que, para Freud, o falo não é o órgão. Encontramos no artigo de 1917 as diversas características do falo, definindo-o como um objeto intercambiável e, portanto, faltoso, que implica uma lei, enquanto fator ordenador da substituição dos objetos atrativos da libido. Enfim, tudo isso nos permite identificar o estatuto do falo na teoria freudiana: ele não é o objeto parcial. Sua função promove a organização e a centralização libidinal em torno de uma falta de objeto, como também a substituição dos objetos que interessam ao desejo, intervindo de modo antievolutivo no desenvolvimento.

#### 1.4 A pulsão e o Édipo: a transmissão da organização fálica do desejo, em 1924

Fundamentalmente, o problema da evolução pulsional, abordado na retificação feita na teoria da sexualidade através da tese da primazia do falo, servia a Freud de horizonte para a inserção definitiva do sexual noutro campo, o campo delimitado por um conflito de dimensão simbólica, isto é, o complexo de Édipo. A noção freudiana de falo sob a perspectiva da organização da vida sexual se torna mais evidente se lermos *A organização genital infantil* paralelamente a outro texto a ele correlacionado, *A dissolução do complexo de Édipo*, escrito um ano depois. Freud iniciava o estabelecimento de uma correlação entre a fase fálica e o complexo de Édipo. O caráter de tipicidade do complexo de Édipo e da fase fálica, caráter que transcende as contingências históricas de cada um, foi ressaltado por Freud quando definiu sua função de transmissão. Trata-se de um fenômeno que implica uma herança e um programa, isto é, o

programa regido pela lei do pai, ao qual a criança deverá submeter a satisfação de suas pulsões. A definição do falo como um símbolo, implica o Édipo como a organização encarregada de transmiti-lo, ao inserir a criança na ordem simbólica.

*“Embora a maioria dos seres humanos passe pelo complexo de Édipo como uma experiência individual, ele constitui um fenômeno que é determinado e estabelecido pela hereditariedade e que está fadado a findar de acordo com o programa, ao instalar-se a fase seguinte preordenada de desenvolvimento. Assim sendo, não são de grande importância quais as ocasiões que permitem tal ocorrência ou, na verdade, que ocasiões desse tipo possam ser de algum modo descobertas” (FREUD, 1924/1976:218).*

Com o conceito de complexo de Édipo, Freud submeteu o sexual à uma única lei: a da interdição do incesto, que obriga a criança a renunciar à satisfação com a mãe em troca de uma promessa de realização futura, fora dos laços com os objetos parentais. A reflexão de Freud sobre os destinos da pulsão, sobre a sua paradoxal satisfação, sobre a sublimação, abriu-lhe os caminhos da discussão do mal-estar na civilização, a partir da virada teórica dos anos vinte, enfatizando a oposição natureza versus cultura. A definição freudiana de *Kultur* – termo equivalente a civilização – designa a soma das ações e instituições através das quais a vida humana se distancia de seus ancestrais animais, ações que servem a duas finalidades: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação das relações dos homens entre si. De uma parte, temos as pulsões, que representam a força da natureza, e, de outra parte, o trabalho da cultura, *Kulturarbeit*, expressão da renúncia exigida ao gozo pulsional pela civilização. A descoberta do inconsciente, trouxe a ruptura com o fato natural propriamente dito, formulada por Freud da seguinte maneira: *“Onde estava o id, ali estará o ego. É uma obra de cultura – não diferente da drenagem do Zuider Zee”*<sup>9</sup> (FREUD, 1933/1976:102).

Para compreender a operação da cultura sobre a natureza e a questão da transmissão da lei na obra freudiana, é fundamental mencionar o mito do pai descrito em *Totem e Tabu* (FREUD, 1913), segundo o qual, a invenção do pai originário e o mito do assassinato do pai se articulam à estruturação do complexo de Édipo. Com este mito Freud tentava explicar a origem da lei que

interdita o gozo, que dá acesso ao desejo e que está na base da substituição da natureza pela cultura. O assassinato do pai, como fator fundante de uma lei, implica a estreita relação entre a morte e o aparecimento de um símbolo e nos permite correlacionar o falo ao pai, isto é, à lei do pai. Na descrição das organizações culturais, desde as mais primitivas, Freud verificou em todas elas a função de um símbolo que ordena as relações entre seus membros, que os identifica, a exemplo da família humana, cujos membros, a mãe, a criança e o pai, se posicionam segundo a ordem fálica. O recurso ao mito traduz a necessidade de dar forma à verdade inerente à castração, isto é, essa perda constitutiva do desejo humano. O artifício freudiano de criação de um mito, seu caráter de posição, de não natural, pode ser compreendido no tanto que, com Lacan, tratarmos a questão da origem em articulação com a linguagem e a perda que ela impõe ao sujeito que fala.

O complexo de Édipo é o fenômeno central do período sexual da primeira infância e é com a sua dissolução que a organização fálica pode ser ultrapassada. Ele deve sucumbir à repressão dando passagem ao período de latência.

*“Mesmo não ocorrendo nenhum acontecimento especial tal como os que mencionamos como exemplos, a ausência da satisfação esperada, a negação continuada do bebê desejado, devem, ao final, levar o pequeno amante a voltar as costas ao seu anseio sem esperança. Assim, o complexo de Édipo se encaminharia para a destruição, por sua falta de sucesso, pelos efeitos de sua impossibilidade interna” (FREUD, 1924/1976:217).*

A expressão empregada por Freud, “a negação continuada do bebê desejado”, parece estar correlacionada à equivalência simbólica entre bebê e falo no inconsciente. O fato é que a decepção quanto à realização dos impulsos edípicos envolve diretamente o falo, tanto na relação da criança com a mãe, quanto na relação com o pai, pois é sobre o falo que incide a operação de castração no âmago do complexo de Édipo, decidindo a sua solução. A primazia do falo norteia as relações libidinais no interior do Édipo a partir da dialética do ter ou não ter, em que a diferença anatômica é captada num sistema de valores, isto é, num sistema simbólico, cujo pivô é a percepção da

---

<sup>9</sup> Golfo dos Países Baixos, fechado por um dique e que hoje constitui um lago interior.

presença e da ausência do pênis. O declínio da organização edípica, associado à intervenção da castração, culminará na realização da posição sexual de ambos os sexos. Tudo isso faz da constituição sexual uma constituição psicosexual. A partir dos anos vinte, a sexualidade ficou na obra de Freud cada vez mais apreendida através de dois complexos: o complexo de Édipo e o complexo de castração.

Contudo, isso não impediu uma leitura naturalista da pulsão, feita por parte dos seguidores de Freud. O naturalismo é uma doutrina segundo a qual tudo o que existe, objetos e acontecimentos, somente comporta uma causalidade, uma explicação e uma finalidade naturais. O universo inteiro e suas entidades particulares são susceptíveis de explicação pelos métodos das ciências naturais e humanas. O homem é uma simples produção da natureza. Na época de Darwin, os naturalistas falam de evolução sem nenhuma intervenção supranatural: todas as formas organizadas da vida, até as mais evoluídas, são, em última instância, oriundas da matéria não vivente. As formas viventes são dependentes da natureza, havendo, para os naturalistas, uma recusa de qualquer fenda lógica intransponível entre os fatos naturais e as noções abstratas de valor, o que os torna próximos do materialismo, no sentido de que até mesmo os valores éticos podem ser justificados naturalmente. O conceito de natureza se apresenta sob a forma de três acepções: a) o ser tomado no seu próprio devir, tendo os seres naturais neles mesmos o princípio e a lei de seu devir, estando em oposição aos produtos da arte humana; b) natureza no sentido de 'o que faz com que uma coisa é o que ela é', essência; c) natureza e natural enquanto oposto ao que é histórico, natureza e cultura.

Como veremos, alguns pós-feudianos, guiados por um discípulo de Freud, Ernets Jones, acabaram se alinhando aos princípios naturalistas, tomando-os como fundamentos epistemológicos norteadores da orientação teórica e clínica das questões da sexualidade e da diferença de sexos.

## 2. O FALO E A DIFERENÇA DE SEXOS

A diferença dos sexos inscreveu-se para a psicanálise num contexto geral de uma nova concepção da sexualidade humana em que se marcava uma ruptura com a função de qualquer lei oriunda da natureza na regulação da vida sexual. O que Freud introduziu com o primado do falo foi justamente uma outra lei, isto é, a lei fálica, essa advinda da inserção do sujeito no campo da cultura. Ao contrário do que se pode pensar, para a psicanálise, não há nada de natural na vida sexual, ainda que não possamos excluir do campo da sexualidade a participação da natureza. De tal maneira que é preciso perguntar, desde então, o que a posição sexual deve à natureza e à cultura?

Freud verificou a dificuldade de estabelecer critérios diferentes dos biológicos, para designar a feminilidade e a masculinidade e para encontrar um significado psicológico para o masculino e o feminino. Em *O mal-estar na civilização*, ele repertoriou os achados da ciência biológica sobre o contraste entre os sexos, isto é, aqueles baseados na anatomia, comentou a obscuridade da teoria da bissexualidade, sobre a qual a psicanálise não conseguiu descobrir nenhum elo com a teoria dos instintos. Além disso, criticou a identificação muito imediata da polaridade masculinidade-atividade e feminilidade-passividade, opinião de modo algum universalmente confirmada, nem no reino animal. Concluiu que, embora o sexo constitua um fato biológico de extraordinária importância na vida mental, é difícil de apreendê-lo psicologicamente. *“Deveríamos concluir que aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (FREUD, 1933:139).*

A apreensão psicológica do sexo tem para Freud uma única via, qual seja, a via que inscreve a pulsão na realidade do inconsciente, implicando a natureza masculina da libido. A teoria psicanalítica da libido, desde os *Três Ensaio*s, expressava a convicção de que, no campo do sexual, o que é articulável, isto é, tratado no campo da representação, deve submeter-se às coordenadas da lei fálica. *“Seria até mesmo possível sustentar que a libido é invariável e necessariamente de natureza masculina, ocorra ela em homens ou em mulheres e independente de ser seu objeto um homem ou uma mulher”*

(FREUD, 1905). Seja qual for o remanejamento que Freud tenha introduzido em sua teorização, através de todas as fases da esquematização que pôde dar da vida psíquica, a prevalência do centro fálico jamais foi modificada. Durante as investigações freudianas relativas à sexualidade feminina sucedâneas do primado do falo, encontramos a reafirmação contundente da natureza masculina da libido:

*“Denominamos a força motriz da vida sexual de ‘libido’. A vida sexual é dominada pela polaridade masculino-feminino; assim, insinua-se a idéia de considerarmos a relação da libido com essa antítese. Não seria surpreendente se verificasse ter cada sexualidade a sua libido especial, apropriada para si, de forma que um tipo de libido perseguiria as finalidades de uma vida sexual masculina e um outro tipo, as finalidades de uma vida sexual feminina. Mas nada disso procede. Existe apenas uma libido, que tanto serve às funções sexuais masculinas, como às femininas. À libido como tal não podemos atribuir nenhum sexo. Se, consoante a convencional equação ‘atividade e masculinidade’, nos inclinamos a qualificá-la como masculina, devemos não esquecer que ela também engloba tendências com uma finalidade passiva. Mesmo assim, a justaposição ‘libido feminina’ não tem qualquer justificação”*(FREUD, 1933/1976:161).

A proposição da natureza masculina da libido requer que a psicanálise leve em conta a articulação entre o somático e o psíquico, característica da pulsão, isto é, um corpo erogenezado, mapeado pela ação interpretativa do Outro. Com a reafirmação da natureza masculina da libido temos uma espécie de fórmula universal da referência fálica do desejo, qual seja, também na mulher, e não apenas no homem, o falo está no centro. Tal fórmula é totalmente anti-natural e ganhará contornos mais precisos quando situarmos, com Lacan, a função do falo na dialética do desejo e da demanda. Se o falo está no centro também para a mulher, é porque a dialética fálica é a única capaz de introduzir o sujeito, masculino ou feminino, nos ideais típicos de cada sexo, que sustentam a realização genital da pulsão. Isso quer dizer que a particularidade de cada sexo e a diferença de sexos não é mais sancionada pela biologia, nem comandada pelo instinto. Homem e mulher não são identidades complementares segundo uma ordem natural das coisas, visto que o sexual se inscreve na estrutura edípica segundo uma outra ordem, isto é, segundo as leis do inconsciente.

## 2.1 A dialética do falo no centro do complexo de Édipo: o falo não é o órgão

A primazia do falo afirmada em 1923 não mais nos permite fundar a diferença de sexos na anatomia. A realidade anatômica conta para ambos os sexos, masculino e feminino, no tanto que ela se expressa psiquicamente. Freud diz o seguinte: *“A frase, a anatomia é o destino, quer dizer que a distinção morfológica está fadada a encontrar expressão em diferenças de desenvolvimento psíquico”* (FREUD, 1924/1976:222). Na interpretação do dado sugerido pela natureza entra em jogo a função do falo. A natureza cai sob a intervenção deste único símbolo, que categoriza a diferença natural em termos de falo e de castração. O que a psicanálise observara desde seu início é que os sujeitos se identificam muito pouco com base na anatomia; e que por isso são propensos a se inquietarem com seu ser sexuado e a interrogarem muito precocemente na existência o que é ser homem, o que é ser mulher. Se a anatomia decide o estado civil, ela não comanda o desejo, nem tão pouco a pulsão. Da presença ou ausência do pênis, a que os critérios anatômicos se reduzem inicialmente, depende que se diga, menino ou menina, para que os sujeitos se façam homem ou mulher. Ou seja, a inscrição do sexual na realidade psíquica depende do discurso sexual, segundo o qual a natureza vale apenas como interpretada, e a própria percepção é estruturada pela realidade psíquica. Dessa maneira, temos que, se o órgão fálico conta na diferenciação dos sexos é na condição de perder sua naturalidade enquanto órgão: *“O órgão natural, tornando-se um instrumento, decide a categorização sexual do sujeito, em termos de falo e de castração”* (MOREL, 1996: 44).

O problema da disjunção entre falo e órgão atualiza um debate epistemológico e histórico, relativo ao lugar que teve, na doutrina freudiana, a anatomia. Sabemos que, no período pré-psicanalítico, no Instituto de Fisiologia de Ernst Brucke, o trabalho de Freud centrou-se no domínio quase exclusivo da anatomia. *“A investigação do órgão definiu a démarche da investigação de Freud no campo das ciências naturais, segundo a qual o fisiológico é legível na estrutura anatômica”* (ASSOUN, 1983:121). Mas, em 1888, Freud iniciou um estudo original para diferenciar as paralisias orgânicas das histéricas, no qual

formulou algo fundamental sobre sua compreensão da histeria: ela, nos seus diversos sintomas, funciona centrada num corpo representado, e não no corpo anatômico. Desde então, o corpo não foi mais tratado pela psicanálise, senão a partir de sua articulação à linguagem, aos símbolos e às imagens. O sintoma histérico, tal como, por exemplo, a gravidez fantasmática de Anna O., uma paciente de Breuer cujo caso chegara até Freud, causou uma interrogação sobre a realidade sexual do inconsciente, como também sobre a passagem de uma lógica da anatomia para uma lógica da representação e o abandono do método anátomo-patológico. Anna O, num dado momento de sua relação transferencial a Breuer, acredita-se grávida, não sem insinuar o que seu médico tinha a ver com aquilo, o que atestava o estatuto fantasmático do corpo no sintoma histérico. Outro exemplo, a paralisia das pernas de Elizabete, paciente de Freud, também revelava a intervenção de uma anatomia fantasmática no sintoma histérico. Entretanto, não é somente nessa neurose que podemos identificar a percepção da anatomia norteadada *a priori* pela fantasia. A percepção da diferença anatômica entre os sexos e sua interpretação estão sob a égide da realidade fantasmática.

Freud verificou, no caso Hans, por exemplo, que a descoberta da presença e da ausência do órgão fálico constituiu um fator decisivo para tudo que se organizou no psiquismo da criança em torno da sexualidade, da diferença de sexos; mas que tudo isso estava subordinado ao estado da efetuação da estrutura edípica. A partir do Édipo, que pode-se compreender várias questões, tais como, a questão de saber porque é essa a parte do corpo que ganha um estatuto privilegiado na organização da economia libidinal; depois, qual seria seu papel no desenvolvimento da sexualidade, nas fantasias do neurótico; e, por fim, como ele determina, enquanto falo, as vicissitudes do Édipo do menino e da menina e a constituição da identificação sexual para ambos.

O estatuto simbólico do falo na realidade do inconsciente foi proposto por Freud, ao afirmar que: “*Fezes, ‘bebê’, e ‘pênis’ formam, assim, uma unidade, um conceito* inconsciente (sit venia verbo<sup>10</sup>) – a saber, o conceito de um

---

<sup>10</sup> A tradução dessa expressão é – “ com o perdão da palavra” . Entendemos que Freud a empregou para modular sua afirmação de que o falo é um conceito inconsciente, certamente

'pequeno' que se separa do corpo de alguém (FREUD, 1918/1976:107). Além dessa afirmação, localizamos no artigo de 1917, comentado no capítulo anterior como um dos mais importantes artigos de Freud para a teoria do falo, o seguinte parágrafo:

*“Não pode deixar de ter significado o fato de que na linguagem simbólica dos sonhos, bem como na da vida cotidiana ambos podem ser representados pelo mesmo símbolo; tanto bebê como pênis são chamados ‘o pequeno’, [‘das kleine’]. É fato sabido que o discurso simbólico ignora com frequência a diferença de sexo. O ‘pequeno’, que originalmente significava o órgão sexual masculino, pode, assim, ter adquirido uma aplicação secundária aos genitais femininos”(FREUD, 1917/1976:161).*

Esse parágrafo permite algumas conclusões: primeiro, o fato de que, no discurso simbólico, o falo não é o órgão; depois, o fato de que o falo é o único símbolo para inscrever no inconsciente o que compete ao sexual; e, por fim, o fato de que algo relativo à diferença de sexos permanece ignorado na dimensão simbólica. Mas, paradoxalmente, o próprio Freud, ao articular a ignorância do órgão feminino na fase fálica a fatores de ordem maturacional, deixou aberta a via na qual parte dos seus seguidores foram encontrar apoio para postular uma teoria da diferença de sexos fundada na realidade anatômica. Esse foi um dos pontos polêmicos causadores do debate que ocupou o movimento analítico no final da década de vinte, denominado a querela do falo, no qual nos deteremos mais adiante.

A percepção da diferença anatômica foi considerada por Freud em duas situações igualmente decisivas para o desenvolvimento sexual: a primeira é a visão do órgão genital de um outro semelhante, de uma outra criança, e a segunda é a descoberta da anatomia materna, ambas contando respectivamente, na entrada e na saída da fase fálica. Tanto uma quanto outra situação produzem um efeito diferenciado para cada um dos sexos. Para aquele que tem pênis, a percepção de sua ausência na menina dará o peso de realidade à ameaça de castração vinda do adulto; para aquela que não tem pênis, é diante de sua visão que ela sucumbirá à inveja do pênis, [penisneid]. Sobretudo, a particularidade da abordagem freudiana da anatomia depende do

---

porque não dispunha de uma teoria do significante com a qual pudesse reconhecer o estatuto do falo.

que se compreende por expressão psíquica da percepção. Não é raro uma tendência de compreender a expressão psíquica da diferença anatômica entre os sexos, de maneira que a percepção imaginária seja tomada como ponto de partida de uma interpretação. Desse modo, teríamos que, para se tornar homem ou mulher, o sujeito deveria simbolizar sua anatomia, isto é, a falta de pênis como feminino, e a presença de pênis como masculino. Trata-se de uma intuição comum que vê na observação do corpo a referência primordial da simbolização da posição sexual. Mas, para a psicanálise, a observação do corpo está submetida à interpretação viabilizada pelos complexos de Édipo e de castração.

A realização da posição sexual no ser humano está ligada à prova da travessia de uma relação fundamentalmente simbolizada, a do Édipo. Há, por um lado, no que diz respeito à genitalidade, num dado momento do desenvolvimento infantil, um salto que comporta uma evolução, uma maturação; por outro lado, há o Édipo, complexo que promove a assunção do próprio sexo. A solução desse complexo está diretamente ligada ao ideal do eu e é através do ideal do eu que o Outro intervém na constituição das identificações sexuais. Através da simbolização a que é submetida a realização genital, é que o homem se viriliza e que a mulher aceita verdadeiramente sua função feminina. Nessa operação, o falo assume um papel decisivo, ao introduzir o sujeito numa dialética típica do nível genital do desejo, onde ele ordena, para ambos os sexos, o que é desejável. O órgão simbolizado ganha o estatuto de traço identificatório, tanto para a menina quanto para o menino, traço que os localiza na partilha dos sexos. Masculino e feminino se repartem segundo o símbolo fálico que coloca em jogo a dialética do ter e da falta de ter, dialética que se articula, se elabora e se resolve no nível da função normativa do Édipo.

A função estruturante do Édipo significa que ele deve conduzir à escolha do objeto sexual, a uma identificação sexual, e que, para isso, é preciso que o sujeito, homem ou mulher, se situe com referência à interdição do pai, de onde procede o ideal do eu, a identificação ao tipo ideal de cada sexo, na saída do conflito edípico.

*“As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal” (FREUD, 1924/1976:221).*

A primazia do falo promoveu uma abordagem inédita do complexo de Édipo, que culminou na disparidade entre o Édipo feminino e o masculino, cujos caminhos se convergem na fase fálica e vão se divergir no declínio dessa fase.

*“Com a fase fálica e ao longo dela, a sexualidade da tenra infância atinge seu apogeu e aproxima-se da sua dissolução. A partir daí meninos e meninas têm histórias diferentes. Ambos começaram a colocar sua atividade intelectual a serviço de pesquisas sexuais; ambos partem da premissa da presença universal do pênis. Mas agora os caminhos dos sexos divergem. O menino ingressa na fase edipiana; começa a manipular o pênis e, simultaneamente, tem fantasias de executar algum tipo de atividade com ele em relação à sua mãe, até que, devido ao efeito combinado de uma ameaça de castração e da visão da ausência de pênis nas pessoas do sexo feminino, vivencia o maior trauma de sua vida e este dá início ao período de latência, com todas as suas conseqüências. A menina, depois de tentar em vão fazer as mesmas coisas que o menino, vem a reconhecer sua falta de pênis ou, ante a inferioridade de seu clitóris, como resultado deste primeiro desapontamento em rivalidade, ela com freqüência começa a voltar as costas inteiramente à vida sexual” (FREUD, 1940/1976:180).*

A divergência dos caminhos dos sexos na constituição psicosexual inspirou o título do artigo de Freud, *Conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (FREUD, 1924)*, cuja tese principal é da existência de um contraste fundamental entre os dois sexos, o que muito custou a Freud admitir. Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração.

*“A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estágio que estivemos considerando é uma conseqüência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida; corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada” (FREUD, 1925/1976:319).*

Uma das dificuldades de admitir tal idéia se deve ao fato de que, em decorrência dessa particularidade do desenvolvimento sexual das mulheres, a fase pré-edipiana ganhava uma importância até então desconhecida. Freud partia da observação clínica que lhe mostrava a possibilidade de um certo número de mulheres permanecerem detidas em sua ligação original à mãe e

nunca alcançarem uma verdadeira mudança em direção aos homens. O problema estava em que, se de fato a fase pré-edipiana comportava as fixações e repressões a que se remonta a origem das neuroses, isso implicava talvez “*retratar-nos da universalidade da tese segundo a qual o complexo de Édipo é o núcleo das neuroses*”(FREUD, 1931/1976:260). Freud concluiu que não havia necessidade de efetuar tal correção e resolveu a questão ampliando o conteúdo do complexo de Édipo de modo a incluir todas as relações da criança com ambos os genitores.

## 2. 2 O Édipo masculino

A descrição do Édipo do menino, elaborada por Freud antes da descrição do Édipo feminino, permitiu-lhe detectar as vinculações entre a organização fálica, o complexo de Édipo, a ameaça de castração, a formação do superego e o período de latência. Nos meninos, o complexo não é simplesmente reprimido. É feito em pedaços pelo choque da ameaça de castração. A castração promove para o menino sua saída do complexo. Na entrada na fase fálica, a percepção da anatomia coloca em jogo uma primeira aproximação da diferença de sexo feita pela criança ainda num plano imaginário:

*“No decurso dessas pesquisas, a criança chega à descoberta de que o pênis não é uma possessão, comum a todas as criaturas que a ela se assemelham. Uma visão acidental dos órgãos genitais de uma irmãzinha ou companheira de brinquedo proporciona a ocasião para essa descoberta”* (FREUD, 1923/1976:181).

Quando o menino faz essa descoberta, começa por demonstrar irresolução ou falta de interesse: não vê nada ou rejeita o que viu, ou procura expedientes para colocar sua percepção de acordo com suas expectativas. A combinação, sempre *a posteriori*, das observações do menino com as circunstâncias das ameaças vindas do adulto, constitui o fundo da angústia de castração, que poderá fixar permanentemente duas reações do menino para com as mulheres: horror à mulher ou desprezo triunfante por ela. A ameaça de castração lhe impõe a renúncia à mãe como objeto sexual, ao mesmo tempo que lhe coloca a promessa de realização fálica futura, através da legitimação de sua posição viril, obtida pela identificação com o pai. O que o menino não

tem, que não está à sua disposição no ponto de nascimento e de revelação do desejo genital, é seu ato. Ele vai instituir o ato sexual no âmbito do projeto, visto que ele só conta com uma promessa de realização, algo do tipo de uma promissória para o futuro, e que concerne ao seu ideal de ego. Isso significa a constituição de uma dívida simbólica jamais possível de ser quitada. O processo de constituição da identificação masculina foi apresentado da seguinte forma:

*“Agora, porém, sua aceitação da possibilidade de castração, seu reconhecimento de que as mulheres eram castradas, punha fim às duas maneiras possíveis de obter satisfação do complexo de Édipo, de vez que ambas acarretavam a perda de seu pênis – a masculina como uma punição resultante e a feminina como pré-condição. Se a satisfação do amor no campo do complexo de Édipo deve custar à criança o pênis, está fadado a surgir um conflito entre seu interesse narcísico nessa parte de seu corpo e a catexia libidinal de seus objetos parentais. Nesse conflito, triunfa normalmente a primeira dessas forças: o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo” (FREUD, 1925/1976:221).*

Para o menino, trata-se de um conflito entre a pulsão e a identificação, isto é, ele experimenta a irrupção da pulsão no âmago do seu ser, questionando sua identificação narcísica e colocando-o diante do falo enquanto presença real. A intromissão de um ponto real no universo fálico da organização genital, isto é, algo irrepresentável, não fica sem conseqüências para o sujeito, que é tomado do afeto da angústia. No caso Hans, esse momento é marcado pela crise de angústia que antecedeu sua fobia, pois ele não sabia mais se situar, a partir dessa nova experiência.

*“Mais cedo ou mais tarde a criança, que tanto orgulho tem da posse de um pênis, tem a visão da região genital de uma menina e não pode deixar de convencer-se da ausência de um pênis numa criatura assim semelhante a ela própria. Com isso a perda de seu próprio pênis fica imaginável e a ameaça de castração ganha efeito adiado [Nachtraglichkeit] (Freud, 1924/1976:220).*

A visão do corpo feminino toma o sentido de uma “nova experiência” (FREUD, 1924:220), que produz a re-significação da falta. Até então a criança se situava a partir do jogo com a mãe, na identificação com o objeto do desejo dela, o falo imaginário. Torna-se, então, necessário operar uma transposição simbólica do imaginário, quer dizer, perceber que o falo, enquanto imaginário, tem valor simbólico, condição essencial para a assunção da posição sexual

masculina. A formulação do falo enquanto imaginário pode ser lida na frase de Freud, a mãe perde seu pênis:

*“Mulheres a quem ela respeita, como sua mãe, retêm o pênis por longo tempo. Para ela, ser mulher ainda não é sinônimo de não ter pênis. Mais tarde, quando a criança retoma os problemas da origem e nascimento dos bebês, e advinha que apenas as mulheres podem dar-lhes nascimento, somente então também a mãe perde seu pênis” (FREUD, 1923/1976:183).*

Se o Édipo é a condição necessária à realização da masculinidade, sem castração não há constituição de uma posição sexual viril. A operação de castração é a que pode assegurar que o órgão fálico resulte para o menino num atributo viril. Isso implica considerá-lo, não somente do ponto de vista de um órgão simbolizado, mas como órgão real. No real de seu funcionamento de órgão, o pênis resta excluído de toda simbolização. Isso nos indica que a virilidade implica o ter e a falta de ter em três registros possíveis, o real, o imaginário e o simbólico. A operação de castração franqueia ao sujeito masculino a assunção da função viril, não sem um luto do falo enquanto imaginário, condição para que o sujeito venha a responder às necessidades da parceira na relação sexual. Trata-se de não tê-lo somente a título de símbolo. O falo é, portanto, a chave do declínio do Édipo que consolida a masculinidade no caráter do menino. A consolidação da masculinidade advém de uma intensificação da identificação com o pai na saída do Édipo, que torna o gozo lícito para o sujeito masculino. O declínio do complexo de Édipo é um momento crucial do estabelecimento da posição masculina, como também do aparecimento dos seus impasses. É daí que pode advir uma série de problemas que se encontram na base dos sintomas correlacionados à assunção da posição viril, e que concernem ao amor e ao desejo, na relação do homem com o outro sexo.

O caso Hans constitui exemplo de um desses impasses da saída do Édipo e da assunção da posição viril, ambos correlacionados à carência paterna. Embora Hans não se tenha tornado um homossexual, o pênis não adquire para ele muito valor, senão imaginariamente. Sendo assim, o falo prevalece como um objeto imaginário nos jogos com as meninas, em que o sujeito busca satisfazer uma imagem com o pênis, sem, contudo, arriscá-lo no jogo do desejo, onde ele

conta como presença real. Tomado no mundo materno, Hans ainda se imaginava como o doador do falo, prometendo-o à sua mãe; quando, por exemplo, propõe ao pai que cada um, tanto ele quanto o pai formem um par com a própria mãe, mantendo dessa maneira, uma satisfação à margem da castração. As dúvidas do menino expressas no diálogo com seu pai, demonstram a dificuldade de situar o falo numa linhagem paterna. De acordo com o relatório de seu pai: *“Hans ainda quebra a cabeça para descobrir o que um pai tem a ver com seu filho, já que é a mãe que o traz ao mundo”* (FREUD, 1908/1976:107). Para seu futuro, o que ficara prometido não indica nenhum ideal de eu masculino. Ele se imagina pai de crianças das quais cuidará à maneira da mãe. A virilidade permanece um impasse para o pequeno Hans, não só porque ele ignora a questão da filiação, pois não se esclareceu de que maneira ele pertencia ao seu pai; mas, fundamentalmente, tudo isso se articula com o fato de que não houvera de maneira adequada, a substituição do falo materno pelo paterno, o que fixa seu estatuto no imaginário. A posição sexual masculina, no tanto que ela se sustenta nos ideais fálicos, ideais que submetem a realização pulsional à interdição do pai, é uma posição fabricada pelo Édipo, cuja travessia faz do menino um homem.

Contudo, o antagonismo entre a civilização e a vida instintual, foi motivo das elaborações de Freud sobre a psicologia do amor, nas quais ele nos fez ver que a assimilação dos ideais da civilização não assegura ao homem a satisfação e o sucesso no campo do amor. Além das inibições e sintomas que podem surgir para o sujeito masculino, Freud verificou que a desnaturalização da pulsão implica uma perda estrutural, que ele classificou como uma espécie de impotência psíquica generalizada.

*“Visto que devemos reconhecer que todos os fatores relevantes que conhecemos – a forte fixação infantil, a barreira ao incesto e a frustração nos anos de desenvolvimento depois da puberdade – podem ser encontrados em praticamente todos os seres humanos civilizados, deve-se justificar a perspectiva da impotência psíquica como uma condição universal da civilização e não uma perturbação circunscrita a alguns indivíduos”* (FREUD, 1912/1976:167).

Através de uma série de três artigos, *Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita pelos Homens* (1910); *Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor* (1912), *O Tabu Da Virgindade* (1918), Freud destacava “o

*tratamento estritamente científico que damos ao campo do amor humano” (FREUD, 1910/1976:149).* Tal abordagem científica das coisas do amor procurava estabelecer a lógica que rege a escolha amorosa dos homens e das mulheres. O que constitui uma espécie de referência para a eleição do objeto de amor é, precisamente, o valor que ele porta para a libido, ou o valor requerido pelo investimento libidinal, que lhe é atribuído pelos ideais civilizatórios, cuja baliza é o falo. Todo o jogo da supervalorização ou subvalorização do objeto sexual tem como medida uma espécie de padrão fálico que varia de acordo com a época e com os costumes sociais, que constituem as condições de realização pulsional impostas pela civilização e que sempre significam um certo obstáculo para a libido:

*“Para intensificar a libido, se requer um obstáculo; e onde as resistências naturais à satisfação não foram suficientes, o homem sempre ergueu outros, convencionais, a fim de poder gozar o amor. Isto se aplica tanto aos indivíduos como às nações. Nas épocas em que não havia dificuldades que impedissem a satisfação sexual, como, talvez, durante o declínio das antigas civilizações, o amor tornava-se sem valor, e a vida, vazia; eram necessárias poderosas formações reativas para restaurar os valores afetivos indispensáveis”(FREUD, 1912/1976:170).*

Um dos efeitos mais freqüentes desse obstáculo requerido pela libido para o sujeito masculino é a divisão entre o objeto de amor e o objeto de desejo, isto é, quando ele ama não deseja e quando ele deseja não pode amar. Por outro lado, o sujeito se vale de estratégias que, tais como a depreciação na esfera do amor, visam tornar o objeto acessível à libido. Essa é uma característica comum do amor dos homens civilizados. Trata-se segundo Freud de um “efeito residual” ( FREUD, 1912/1976:169), da organização falocêntrica da libido.

### 2.3 O Édipo feminino

Nossa hipótese é de que a teoria do falo em Freud sempre esteve intimamente associada à abordagem do feminino. No artigo *A organização genital infantil (FREUD, 1923)*, logo depois de enunciar a fórmula – a primazia não é dos genitais, mas do falo - Freud dizia que *“infelizmente, podemos descrever esse*

*estado de coisas apenas no ponto em que afeta a criança do sexo masculino; os processos correspondentes na menina não conhecemos*” (FREUD, 1923/1976:180). Um dos efeitos da formulação do primado do falo foi promover a investigação da sexualidade feminina, através do estudo da particularidade do Édipo e da castração feminina, passo importante para a teoria do falo, visto que a sexualidade feminina se organiza em torno da falta de objeto que concerne ao falo.

Podemos distinguir três posições na teorização freudiana sobre o desenvolvimento sexual da mulher, lembrando, entretanto, que elas não seguem uma ordenação cronológica. A inserção da fase fálica constituiu um elemento diferencial dessas posições teóricas, colocando em jogo, um antes e um depois do primado do falo, no que concerne à teoria da sexualidade feminina. A primeira posição freudiana tomou o percurso do Édipo feminino como análogo ao do masculino, no desenvolvimento sexual. Ainda em *O eu e o id*, depois de propor a afinidade da consolidação da masculinidade com o declínio do Édipo, Freud sustentava que, “*de maneira precisamente análoga, o desfecho da atitude edipiana numa menininha pode ser uma intensificação de sua identificação com a mãe (ou a instalação de tal identificação pela primeira vez) – como é nos meninos*” (FREUD, 1925:47). A segunda posição teórica de Freud sobre a evolução sexual da menina surgiu em 1919 com o estudo das fantasias de espancamento, que se relacionava quase inteiramente com o desenvolvimento sexual infantil das meninas. Tal estudo tornava evidente uma insatisfação com a analogia exata entre os dois sexos. A expectativa de existir um paralelo completo no desenvolvimento de ambos, menino e menina, revelava-se equivocada. E é, por fim, somente na terceira posição teórica de Freud, que encontramos a tese da disparidade entre o percurso masculino e o feminino no Édipo. Essa idéia foi desenvolvida no artigo *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (FREUD, 1925), onde verificava-se que a distinção anatômica entre os sexos deve expressar-se em conseqüências psíquicas.

### 2. 3. 1 As perguntas de Freud sobre a mulher

A mais significativa das perguntas de Freud sobre a mulher – o que quer uma mulher? – permaneceu como enigma, indecifrável, demonstrando a afinidade da feminilidade com o não saber, impossível de ser articulado pelo saber psicanalítico. Entretanto, se essa pergunta ficou como marca registrada da posição freudiana quanto à mulher, ela não foi a única que orientou a investigação da psicanálise, principalmente depois da virada dos anos vinte. Desde a afirmação da primazia do falo, encontramos na obra de Freud a emergência de uma série de perguntas envolvendo a particularidade do desenvolvimento sexual da menina. Elas testemunham o quanto Freud manteve em caráter investigativo sua abordagem do tema. Extraímos dos textos dedicados ao assunto, *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), *Conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), *A sexualidade feminina* (1931) e *Feminilidade* (1933); três perguntas que motivaram a investigação freudiana sobre o desenvolvimento sexual da mulher nesse período de sua obra. Todas elas concernem ao falo.

A primeira delas decorreu imediatamente da inserção da fase fálica no desenvolvimento: “*Será que também podemos atribuir-lhe uma organização fálica e um complexo de castração? A resposta é afirmativa, mas essas coisas não podem ser as mesmas como são nos meninos*” (FREUD, 1924/1976:222). Na conferência XXXIII, *Feminilidade* (FREUD, 1933), reencontramos a questão apresentada de modo mais assertivo: “...”*como vêem, pois, atribuímos às mulheres um complexo de castração. E por boas razões o fazemos, embora seu conteúdo não possa ser o mesmo que o dos meninos*’ (FREUD, 1933:153). Apesar do que muitos pensaram, Freud não creditou às mulheres qualquer natureza anti-fálica. Para ele, as mulheres não deixam de se situarem na categoria do primado do falo, embora se situem aí de um modo diferente do dos homens.

*“O complexo de castração nas meninas também inicia ao verem elas os genitais do outro sexo. De imediato percebem a diferença e, deve-se admiti-lo, também a sua importância. [...] e se tornam vítimas da inveja do pênis; esta deixará marcas indeléveis em seu desenvolvimento e na formação de seu caráter, não sendo superada, sequer nos casos mais favoráveis, sem um extremo dispêndio de energia psíquica”(FREUD, 1933/1976:154).*

A segunda pergunta sobre o desenvolvimento sexual da menina concerne à passagem da fase fálica, masculina, à posição feminina, passagem cuja questão central é o deslocamento ou a transferência da libido dirigida à mãe para o pai. *“Como ocorre, então, que as meninas abandonem o objeto original de amor, a mãe, e tomem o pai como objeto?” (FREUD, 1925/1976:312).* Reformulada, a pergunta volta, no início do artigo de 1931, *Sexualidade Feminina*: *“Como encontra o caminho para o pai? Como, quando e por quê se desliga da mãe?” (FREUD, 1931/1976:259).* A particularidade da castração feminina é que a menina se considera castrada, isto é, privada do falo, num primeiro momento devido à operação da mãe, e, em seguida, devido à operação do pai. Portanto, ela transfere da mãe para o pai tudo que se relaciona ao complexo da castração. A primeira operação, a da mãe, é o que leva a menina a desligar-se dela e voltar-se para o pai de modo esperançoso. A questão é, pois, saber como a castração é operatória para o sexo feminino, isto é, como a falta do pênis poderá determinar a subjetivação da posição feminina, de que modo essa privação irá assumir uma significação sexual. Para isso, é necessária à menina a passagem pelo Édipo. Ou seja, é necessária a operação do pai no complexo de Édipo, como aquele que transmite a lei para que a privação do pênis seja subjetivada no plano da diferença de sexo e ganhe expressão psíquica.

*“Até aqui não se cogitou do complexo de Édipo, nem até esse ponto desempenhou ele qualquer papel. Agora, porém, a libido da menina desliza para uma nova posição ao longo da linha – não há outra maneira de exprimi-lo – da equação ‘pênis-criança’. Ela abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; com esse fim em vista, toma o pai como objeto de amor. A mãe se torna objeto de seu ciúme. A menina transformou-se em uma pequena mulher”(FREUD, 1925/1976:318).*

O desenvolvimento feminino é mais difícil e mais complexo, de vez que inclui duas tarefas extras a se realizarem com a entrada no Édipo propriamente dito,

às quais não há nada de equivalente no desenvolvimento de um homem: a tarefa de modificação da zona erógena, do clitóris para a vagina, e a tarefa de modificação do objeto de amor, da mãe para o pai. Esses elementos - o clitóris como órgão sexual principal, o caráter inteiramente masculino da vida sexual das meninas, a exigência de uma onda de repressão dessa sexualidade masculina dando lugar à feminilidade na puberdade - estão na base da tese freudiana de que o desenvolvimento sexual da menina segue por um tempo um caminho masculino. Mas, diferentemente do menino, observou-se que a resposta da menina à percepção da distinção anatômica, isto é, a resposta designada como a inveja do pênis, é decisiva quanto ao destino da sua relação com a mãe: *“Faz seu juízo e toma sua decisão num instante. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo”* (FREUD, 1925/1976:314). O primeiro passo da menina na fase fálica não é a vinculação do gozo masturbatório ao conteúdo edípico. O processo de falicização do gozo é precedido pelo desencadeamento da inveja do pênis através da descoberta do órgão masculino.

*“Elas notam o pênis de um irmão ou companheiro de brinquedo, notavelmente visível e de grandes proporções, e imediatamente o identificam com o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível; dessa ocasião em diante caem vítimas da inveja do pênis”* (FREUD, 1925/1976:313).

Ambos os artigos de 1925 e de 1931 atribuem ao complexo de castração o fator específico do desligamento da mãe efetuado pela menina.

*“A menos que possamos encontrar algo que seja específico das meninas e não esteja presente, ou não esteja presente da mesma maneira, nos meninos, não teremos explicado o término da vinculação das meninas à sua mãe. Acredito haveremos encontrado esse fator específico, e, na verdade, no lugar onde esperávamos encontrá-lo, embora numa forma surpreendente. [...] se situa no complexo de castração. [...] Foi uma surpresa, no entanto, constatar, na análise, em que as meninas responsabilizam sua mãe pela falta de pênis nelas e não perdoam por terem sido, desse modo, colocadas em desvantagem”* (FREUD, 1933/1976:153).

A terceira pergunta de Freud sobre a mulher surgiu mediante a descoberta do vínculo pré-edípico da menina com a mãe, vínculo decisivo nas vicissitudes da feminilidade: *“O que é que a menina exige da mãe? Qual a natureza de seus objetivos sexuais durante a época da ligação exclusiva à mãe?”* (FREUD, 1931/1976:270). A novidade encontrada no Édipo feminino é que, para as

mulheres, o complexo de Édipo tem uma longa pré-história e constitui uma formação secundária: “*Nossa compreensão interna dessa fase primitiva, pré-edipiana, nas meninas, nos chega como uma surpresa, tal como a descoberta, em outro campo, da civilização mino-miceniana*<sup>11</sup> *por detrás da civilização da Grécia*” (FREUD, 1931/1976:260). A surpresa de Freud com a descoberta de uma organização fálica operando desde a relação da menina com a mãe é comparável à surpresa da descoberta, no campo da história, de uma civilização anterior à grega. Pois, supostamente, até então a Grécia teria sido o berço da civilização, tanto quanto o Édipo teria sido o início de uma organização fálica da libido. Isso permitiu reconstruir o percurso do acesso à posição feminina, não sem que Freud tenha considerado tão fundamental quanto difícil a investigação analítica desse período precoce da vida infantil, já que nem tudo da relação mãe-filha é captado pela organização fálica da libido. O artigo *A sexualidade feminina* (FREUD, 1931) amplia o anterior, *Conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (FREUD, 1925), ao tratar os problemas recém-descobertos, acentuando a importância dessa fase pré-edipiana para as mulheres. Freud interrogou o que a menina exige da mãe. E, em sua resposta, examina a frustração de amor, a decepção, cujo objeto central é o pênis que falta à mãe, isto é, o falo.

*“Nem sempre é fácil precisar uma formulação desses desejos sexuais iniciais; o que mais claramente se expressa é um desejo da menina de ter da mãe um filho e o desejo correspondente de ela mesma ter um filho – ambos, desejos pertencentes ao período fálico e certamente surpreendentes, porém estabelecidos, acima de qualquer dúvida, pela observação analítica”*(FREUD, 1933/1976:148).

---

<sup>11</sup> Uma das primeiras grandes civilizações européias, localizada na ilha de Creta na região do mar Egeu, e formadora da cultura ocidental grega. Foi antes considerada uma civilização mítica, teve sua existência comprovada por arqueólogos, com a descoberta de um de seus palácios, o palácio de Cnossos, datado de 1900 a. C, governado por Minos, uma espécie de rei de função religiosa. As pesquisas comprovam que em 1400 a . C, grande parte de Creta foi destruída devido a causas naturais não identificadas. A partir daí a civilização minoica foi dominada pela micenica (oriunda da Grécia) e sua escrita foi modificada de linear A para linear B (uma espécie de grego trazido do continente) originando a civilização mino-miceniana. Tal escrita era registrada em tábuas de argila e conservava-se nos palácios. Cnossos e suas tábuas de argila sobreviveram aos tempos, constituindo hoje um importante tesouro arqueológico.

A expectativa frustrada de receber da mãe o objeto desejado, quer esse se apresente sob forma do seio, do bebê ou do pênis, tomados na série de uma equivalência simbólica, testemunha o encontro com a castração da mãe, isto é, com uma impossibilidade de obter dela o que se esperava.

*“Seja como for, ao final dessa primeira fase de ligação à mãe, emerge, como motivo mais forte para a menina se afastar dela, a censura por a mãe não lhe ter dado um pênis apropriado, isto é, tê-la trazido ao mundo como mulher. Uma segunda censura, que não remonta tão atrás, é bastante surpreendente. É que sua mãe não lhe deu leite bastante, não a amamentou o suficiente” (FREUD, 1931/1976:268/269).*

O encontro com a castração, profundamente decepcionante, produz todo um remanejamento da posição libidinal do sujeito envolvendo a passagem do pré-Édipo ao Édipo. A vinculação pré-edípiana com a mãe é fadada a perecer devido aos inevitáveis desapontamentos sofridos pela demanda, o que coloca o sujeito diante da insatisfação constitutiva do desejo.

*“Quando passamos em revista toda a gama de motivos para se afastar da mãe, que a análise traz à luz – que ela falhou em fornecer à menina o único órgão genital correto, que não a amamentou o suficiente, que a compeliu a partilhar o amor da mãe com outros, que nunca atendeu às expectativas de amor da menina, e, finalmente, que primeiro despertou a sua atividade sexual e depois a proibiu -, todos esse motivos, não obstante, parecem insuficientes para justificar a hostilidade final da menina” (FREUD, 1931/1976:269).*

Freud extraiu das formulações precedentes algumas indicações importantes para a clínica, no que tange às diferentes fixações patológicas do sujeito feminino, ancoradas no período pré-édípico. São problemas que decorrem de uma falha ou vacilação da dialética fálica no pré-édipo feminino, o que coloca o sujeito diante de um real não absorvido pela organização fálica.

*“Entre estas acha-se a suspeita de que essa fase de ligação com a mãe está especialmente relacionada à etiologia da histeria, o que não é de surpreender quando refletimos que tanto a fase quanto a neurose são caracteristicamente femininas, e, ademais, que nessa dependência da mãe encontramos o germe da paranóia posterior nas mulheres” (FREUD, 1931/1976:261).*

Todas as três perguntas que recortamos do texto freudiano - a primeira, sobre a inscrição da mulher na organização fálica, a segunda, sobre o deslocamento libidinal e amoroso da mãe para o pai no Édipo feminino, a terceira, sobre a especificidade da relação pré-edípiana da menina com a mãe - demonstram

como o falo está no centro da constituição psicosexual feminina. Podemos pensar uma variedade clínica de problemas que concernem à relação da mulher com o falo, implicando o amor, o desejo e o gozo. Embora não vamos desenvolvê-los nessa etapa do nosso trabalho, verificamos em Freud o interesse e o incentivo a investigá-los, o que se encontra na base de seu diálogo com outros analistas, convocando-os à investigação clínica do tema.

### 2.3.2 O tornar-se mulher

O tornar-se mulher é, para Freud, um processo que resulta dos efeitos do encontro com a castração materna e que se resolvem no complexo de Édipo feminino. A feminilidade, não é para Freud, sem afinidade com o que é fálico. Entretanto ele não deixara de constatar que a feminilidade remete-nos a um ultrapassamento da lógica edípica ordenada pelo falo, isto é, para um além do Édipo. Dentre os fatores considerados fundamentais na produção da posição feminina, aqueles que determinam a transferência da libido da mãe ao pai, foram privilegiados por Freud, que definiu esse deslocamento como o conteúdo principal do tornar-se mulher. Não há deslocamento das posições da libido sem a função do falo, sem que o falo possa localizar os objetos a serem investidos pela mulher. A fase fálica da menina culmina numa mudança no sexo do seu objeto de amor correspondente à mudança em seu próprio sexo: *“Os novos problemas que agora exigem investigação são a maneira pela qual essa mudança ocorre, quão radical ou incompletamente é efetuada, e quais as diferentes possibilidades que se apresentam no decurso desse desenvolvimento”* (FREUD, 1931/1976:263).

O encontro com a castração também divide o sujeito feminino entre a aceitação e o reconhecimento da castração, por um lado, e a rebeldia contra esse estado de coisas considerado indesejável, por outro. Dessa atitude dividida abrem-se três linhas de desenvolvimento: a escolha da neurose, o complexo de masculinidade e a saída pela feminilidade, que Freud tomou como eixos de investigação dos novos problemas relativos ao tornar-se mulher. Na escolha da neurose, devido à inveja do pênis, a menina perde o prazer que obtinha de sua

sexualidade fálica e abre mão dela, o que leva à cessação de toda a sua vida sexual. *“Humilhada, ela renuncia à satisfação masturbatória e rejeita seu amor pela mãe, e, com isto, boa parte de suas aspirações sexuais”* (FREUD, 1933/1976). A mãe, amada até então, era, na verdade, a mãe fálica, que cai como objeto de amor. Porque não tem o falo ela é desvalorizada e odiada, e o pai é eleito como novo objeto do amor da menina. Mas essa mudança, esta passagem da mãe ao pai, pode não se dar por completo, e o caminho da saída para a feminilidade se detém com o abandono da sexualidade fálica, que acabará por ser considerada demasiadamente insatisfatória.

No complexo de masculinidade a menina se aferra com desafiadora autoafirmatividade à sua masculinidade ameaçada, recusando-se de maneira rebelde a reconhecer a castração da mãe. Refugia-se numa identificação com sua mãe fálica ou com seu pai e aferra-se à esperança de obter um pênis. Muitas vezes, essa esperança se torna o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem persiste. O complexo de masculinidade não corresponde exatamente à homossexualidade feminina, que tem origem no desfecho da situação edipiana, isto é, na decepção por não receber o que se esperou do pai, isto é, o falo sob a forma de um filho. Antes que uma mulher elabore o caráter universal da castração, podem ocorrer intensas e complexas manifestações da inveja do pênis definidas como *“conseqüências psíquicas da inveja do pênis, na medida em que não é absorvida na formação reativa do complexo de masculinidade”* (FREUD, 1925/1976:315). Destacamos quatro conseqüências apresentadas no estudo freudiano, como resíduo do complexo de masculinidade: a) o sentimento de inferioridade associado à ferida narcísica; b) o ciúme como inveja do pênis deslocada; c) um afrouxamento da relação afetuosa da menina com o objeto materno; e d) a oposição à masturbação, precursora da extinção da masculinidade da menina.

Na saída pela feminilidade, diante da castração da mãe, a menina renuncia ao amor dessa e se volta para o pai com o desejo de pênis, do qual sua mãe a frustrou. Essa saída assegura a forma feminina do Édipo, cujo caminho, ainda que indireto ou sinuoso, viabiliza a atitude feminina normal. Em seguida, o ter nascido mulher é imputado ao pai. As tendências passivas da libido tanto

quanto as ativas, que na fase fálica podem estar presentes, ambas dirigidas à mãe, são utilizadas, e as masculinas se dirigem até os fins passivos.

*“Com o afastamento da mãe, a masturbação clitoriana não raro cessa também, e, com bastante frequência, quando a menina reprime sua masculinidade prévia, uma parte considerável de suas tendências sexuais em geral fica também permanentemente danificada. A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à catástrofe. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora aberto à menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação que superou” (FREUD, 1931/1976:275).*

Das três soluções para a castração, a primeira não efetua por completo a passagem da mãe ao pai, a segunda mantém a ligação com a mãe ou retorna-se a ela a partir de uma decepção com o pai, e, na terceira, se efetua mais radicalmente a virada para o pai.

*“O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica” (FREUD, 1933/1976:158).*

O que se pôde deduzir do Édipo é que a especificidade do desejo feminino é o desejo de falo. A posição feminina estrutura-se a partir do estabelecimento da equivalência simbólica responsável pela transformação da libido. Trata-se, portanto, de uma modificação da relação ao falo para o sujeito feminino, estabelecendo-se um antes e um depois da operação descrita por Freud, enquanto uma equação simbólica. Caso contrário, se essa equação não se opera, a menina pode permanecer numa posição masculina, a serviço da obturação da castração materna, identificando-se tanto ativa quanto passivamente com o falo materno.

*“Não nos passou despercebido o fato de que a mesma desejou um bebê anteriormente, na fase fálica não perturbada: este era, naturalmente, o significado de ela brincar com bonecas. Todavia este brinquedo não era expressão de sua feminilidade: serviu como identificação com sua mãe, com a intenção de substituir a atividade pela passividade. Ela estava desempenhando o papel de sua mãe, e a boneca era ela própria, a menina: agora ela podia fazer com o bebê tudo o que sua mãe costumava fazer com ela” (FREUD, 1933/1976:158).*

Quanto à saída do Édipo, nas meninas falta o motivo para a dissolução desse complexo, o que se verificou como um outro problema particular da constituição psicosexual feminina. O Édipo pode ser lentamente abandonado, ou seus efeitos podem persistir com bastante ênfase na vida mental das mulheres. Sendo assim, o superego feminino nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como o é nos homens, o que levava Freud a redimensionar o papel desempenhado pelas figuras do amor na formação do superego da mulher. Com a teoria do Édipo feminino, a psicanálise não concluiu a teoria da feminilidade, pois verificou-se que a feminilidade não se abrigava totalmente na dimensão fálica oferecida pela inscrição nos complexos de Édipo e de castração.

O exame de cada uma das três linhas de desenvolvimento sexual da mulher que já apresentamos, se fez para seu autor “*com base na participação da mulher na função sexual*” (FREUD, 1933/1976:143). A participação da mulher na função sexual parece designar a inclusão da mulher na partilha dos sexos, isto é, a mulher como ser sexuado, posicionando-se em relação ao falo e à castração. O falo ordena o campo do desejo e localiza a libido em relação à função sexual. Entretanto, algumas das respostas às quais Freud chegara, colocaram-no diante da afinidade da mulher com um além dessa função, implicando uma outra dimensão, na qual a libido não é totalmente localizada pelo falo. Freud encerrou sua última conferência sobre o tema, indicando que a natureza feminina não se reduz à função sexual. A parte da natureza feminina tomada na função sexual é, precisamente, a parte desnaturalizada pela incidência da castração e da ordem fálica, submetida à dialetização do ser e do ter. Porém, outra parte constitui o “*enigma da natureza da feminilidade*” (FREUD, 1933/1976:140), permanecendo opaca à análise e designando a dimensão de uma alteridade radical.

*“Isto é tudo o que tinha a dizer-lhe a respeito da feminilidade. Certamente está incompleto e fragmentário e nem sempre parece agradável. Mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua função sexual. É verdade que essa influência se estende muito longe; não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos. Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes” (FREUD, 1933/1976:165).*

A sexualidade da mulher alcançou uma promoção conceitual significativa na investigação teórica depois de Freud, mas nem sempre tal investigação se pautou na orientação freudiana e, menos ainda, se prestou à elucidação do conceito de falo, junto aos pós-freudianos. Muito ao contrário, essa questão promoveu um dos debates mais significativos do movimento analítico. O debate realizado pelos analistas da segunda geração, do qual trataremos no próximo capítulo, confrontava a feminilidade, nos seus aspectos artificiais ou fabricados pelas estruturas do Édipo e da castração, com os aspectos naturais, colocando em cheque a teoria freudiana e o conceito de falo.

Contudo, o estudo do desenvolvimento sexual da menina promoveu, em definitivo, a disjunção entre o falo e o órgão, no tanto que fez dele um objeto de reivindicação, de inveja, de ciúme, de decepção e frustração, expressões psíquicas da diferença de sexos. O que Freud não formalizou e que, todavia, é legível na tese sobre a vinculação pré-edipiana da menina à mãe, para a qual ele dera tanta importância teórica e clínica, é todo o jogo em torno do falo que estrutura a demanda e o desejo, para além das necessidades, endereçada, primeiramente à mãe, depois ao pai. Pois aí surge uma demanda que supõe um objeto antinatural, avesso ao objeto da necessidade, que opera precisamente no tanto que falta e que permanece indefinidamente como objeto da demanda, instaurando o desejo como insatisfeito. Também a importância que toma o amor no Édipo feminino, tanto na relação pré-edipiana com a mãe, quanto no deslocamento desse amor para o pai, favorece o exame da função do falo, no tanto que a realização do amor implica a falta de objeto. E, por fim, a especificidade do superego feminino problematiza o modo de inserção da mulher na ordem fálica e as conseqüências disso na dimensão do gozo

feminino. Contudo, alguns impasses teóricos foram decisivos na repercussão que teve, no meio analítico, a tese freudiana da primazia do falo. Um desses impasses é o estatuto particular da falta relativa à ausência do pênis na mulher. Um outro é o estabelecimento da equação pênis=bebê, cuja operação é mencionada como decisiva da solução feminina para a castração, sem que, no entanto, se descreva qual a mudança no registro do objeto em jogo nessa operação. Além disso, essa operação sobre os objetos requer o agenciamento do pai apreendido nos seus diferentes registros, cuja elaboração somente tornou-se possível com o ensino de Lacan.

#### 2.4 O significado do complexo de castração

A maior consequência da inserção da fase fálica no desenvolvimento, no tanto que podemos tomá-la como a definição de um modo de organização da sexualidade, foi a formulação do binômio falo-castração, enunciado por Freud nos seguintes termos: *“Parece-me, porém, que o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia fálica for também levada em consideração”* (FREUD, 1923/1976:182). De uma parte, temos a organização fálica da vida sexual, que se pauta na premissa fálica, e de outra, a castração, que incide no âmago dessa organização destituindo-a e indicando deste modo, um para além da organização fálica da sexualidade. A correlação do falo e da castração foi discutida por Freud, depois do artigo *A organização genital infantil*, através de três temas, introduzidos pela tese da primazia do falo: o tema do fetichismo, o tema da divisão do ego e o tema do repúdio à feminilidade, tratados, respectivamente, no artigo *Fetichismo* (FREUD, 1927), no artigo *A Divisão do Ego no Processo de Defesa* (FREUD, 1940) e no artigo *Análise Terminável e Interminável* (FREUD, 1937).

O estudo do fetichismo e da relação com o objeto fetiche precisou esperar a tese da primazia do falo, que levou Freud a considerar o mecanismo da recusa [*Verleugnung*], primeiramente, como resposta da criança ao encontro com a

castração materna, resposta que faz obstáculo ao declínio da organização fálica.

*“Sabemos como as crianças reagem às suas primeiras impressões da ausência de um pênis. Rejeitam e acreditam que elas realmente, ainda assim, vêem um pênis. Encobrem a contradição entre a observação e a concepção dizendo-se que o pênis ainda é pequeno e ficará maior dentro em pouco, e depois lentamente chegam à conclusão emocionalmente significativa de que, afinal de contas, o pênis pelo menos estivera lá, antes, e fora retirado depois”(FREUD, 1923/1976:182).*

Posteriormente, a recusa ganhou o estatuto de mecanismo diferenciador e típico das perversões. A importância do estudo do fetichismo para a teoria do falo e da castração em Freud é indiscutível. Do artigo *Fetichismo*, extraímos algumas passagens que pareceram importantes para o reconhecimento do estatuto do falo na psicanálise e para o desenvolvimento da articulação falo-castração.

Mas, sobretudo, o que o estudo do fetichismo demonstrou é que o desejo é totalmente desnaturalizado pela função da linguagem e de suas leis. No fetichismo, a falta de simbolização do falo materno promove a eleição de um fetiche como condição do desejo. O mecanismo da recusa é o que está na base da constituição do fetiche, objeto que é colocado no lugar do pênis faltante e através do qual o sujeito tem como sustentar o desejo sexual, sem sucumbir diante da castração. O fetiche constitui um indício do triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra ela. Trata-se de um objeto que pode servir apropriadamente como substituto do pênis que falta, o que não é sem relação com as leis do inconsciente:

*“Não é verdade que, depois que a criança fez sua observação da mulher, tenha conservado inalterada sua crença de que as mulheres possuem um falo. Reteve essa crença, mas também a abandonou. No conflito entre o peso da percepção desagradável e a força de seu contradesejo, chegou-se a um compromisso, tal como só é possível sob o domínio das leis inconscientes do pensamento – os processos primários. Sim, em sua mente, a mulher teve um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. Outra coisa tomou seu lugar, foi indicada como seu substituto, por assim dizer, e herdou agora o interesse anteriormente dirigido ao seu predecessor. Mas esse interesse sofre também um aumento extraordinário, pois o horror da castração ergueu um monumento a si próprio na criação desse substituto” (Freud, 1927/1976:181).*

Freud empregou o termo “*substituto para o falo ausente da mulher*” (FREUD, 1927/1976:182) para designar o fetiche. Preocupou-se em particular nesse artigo, tanto quanto no artigo *A organização genital infantil*, em precisar a especificidade da castração como a castração materna:

*“Ao enunciar agora que o fetiche é um substituto para o pênis, decerto criarei um desapontamento, de maneira que me apresso a acrescentar que não é um substituto para qualquer pênis ocasional, e sim para um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido. Isso equivale a dizer que normalmente deveria ter sido abandonado; o fetiche, porém, se destina exatamente a preservá-lo da extinção”*(FREUD, 1927/1976:179).

Do estudo do fetichismo se depreendeu também a divisão do ego, embora ela não seja um caso excepcional e restrito ao fetichismo. A divisão do ego acabou tomando um caráter universal, isto é, uma divisão generalizada. Pois ela revelou-se como um índice estrutural do encontro com a castração, no tanto que implica sempre uma perda no nível da satisfação pulsional. No artigo *A divisão do ego no processo de defesa*, cuja elaboração ficara inacabada, Freud colocou-se em prol da idéia de uma fenda no ego [*Ichspaltung*], fenda incurável, que resulta do encontro com a castração. Descreveu a reação do ego de uma criança, diante de uma situação traumática, caracterizada pelo conflito entre a exigência de satisfação por parte de uma pulsão e a proibição por parte da realidade, conflito que evoca a articulação da pulsão e do Édipo. Na resposta ao conflito, o sujeito pode sustentar duas reações contrárias e eficazes, isto é, conjugar a satisfação pulsional com a realidade através de um compromisso. Aqui o falo e a castração se articulam numa formação de compromisso, isto é, num sintoma:

*“Ambas as partes na disputa obtêm sua cota: permite-se que o instinto conserve sua satisfação e mostra-se em respeito apropriado pela realidade. Mas tudo tem de ser pago de uma maneira ou de outra, e esse sucesso é alcançado ao preço de uma fenda no ego, a qual nunca se cura, mas aumenta à medida que o tempo passa. As duas reações contrárias ao conflito persistem como ponto central de uma divisão (*splitting*) do ego”* (FREUD, 1940/1976:309).

Disso decorre o problema do mal estar na civilização. A despeito desse mal estar associado à impossibilidade de domínio das pulsões, Freud recusou a ilusão naturalista, cuja expectativa seria certamente erradicar o mal estar da

civilização, apelando ao primitivo, ao não-artificial ou ao natural, como solução para o problema do desejo e da pulsão. Trata-se de uma ilusão que desconsidera a perda no nível da satisfação pulsional, causada pela incidência da linguagem sobre as necessidades humanas.

*“Mas quão ingrato, quão insensato, no fim das contas, é esforçar-se pela abolição da civilização! O que então restaria seria um estado de natureza, muito mais difícil de suportar. É verdade que a natureza não exigiria de nós quaisquer restrições dos instintos, deixar-nos-ia proceder como bem quiséssemos; contudo, ela possui seu próprio método, particularmente eficiente, de nos coibir. Ela nos destrói, fria, cruel e incansavelmente, segundo nos parece e, possivelmente, através das próprias coisas que ocasionaram nossa satisfação. Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, sua raison d'être real, e nos defender contra a natureza”(FREUD, 1927/1976:26).*

A linguagem desaloja o ego de sua própria casa, fabricando trilhas de satisfação pulsional desviadas de qualquer suposto caminho natural de realização, desalojando o ser da sua natureza. A descoberta do inconsciente, que, ao lado das descobertas de Copérnico e de Darwin, destituíram o homem da ilusão de uma posição central no universo, definiu como sujeito da psicanálise o eu na sua divisão, excluindo a possibilidade da personalidade total. Por isso, a incidência do falo no desenvolvimento infantil é essencialmente discordante, disruptiva e jamais harmoniosa, como certamente quereria o narcisismo humano. Tal discordância se deve ao fato de que a articulação entre a pulsão genital e o Édipo, articulação que a submete à circulação do complexo de Édipo, isto é, ao que se designa como campo da cultura, se dá parcialmente. Na verdade, o primado do falo no desenvolvimento sexual vem nos mostrar que a genitalidade é dissoluta, não ajuntada, ou seja, que o sexual é incompatível com uma estrutura sem fenda, sem falta, sem divisão. Essa é uma das conseqüências da correlação falo-castração, na qual podemos fundamentar, com Freud, a tese da divisão entre a realidade sexual do inconsciente e a pulsão, que aí só se inscreve parcialmente. Se, por um lado, imaginou-se que a psicanálise pudesse dar um sentido sexual a tudo o que fosse pulsional, isto é, um sentido fálico, logo se verificou que o sentido sexual apresenta um limite, a castração. Trata-se da existência de algo fora de sentido sexual no cerne do sentido sexual.

Outra maneira através da qual a psicanálise abordou o binômio falo-castração implicou a correlação do falo e do feminino, explicitada com a tese freudiana sobre o final do tratamento analítico. De acordo com as considerações freudianas sobre a eficácia do tratamento analítico, a análise produziria um certo resíduo dificilmente deslocável. Trata-se do resto da operação da análise que Freud chamara de repúdio à feminilidade, isto é, uma manifestação tanto dos homens quanto das mulheres relativa à castração, que traduz o esforço por ser masculino. Ao interrogar a eficácia da análise, Freud considerou a irreduzibilidade, em qualquer análise finita, das seqüelas deixadas pelo complexo de castração no inconsciente masculino e da inveja do pênis [*Penisneid*] no inconsciente da mulher. Ambas as situações, apesar de distintas, expressam a relação do neurótico ao falo:

*“Tanto em análises terapêuticas quanto em análises de caráter observamos que dois temas vêm a ter preeminência especial e fornecem ao analista quantidade inusitada de trabalho. Logo se torna evidente que aqui um princípio geral está em ação. Os dois temas estão ligados à distinção existente entre os sexos; um deles é tão característico dos homens quanto o outro o é das mulheres. Apesar da dessemelhança de seu conteúdo, há uma correspondência óbvia entre eles. Algo que ambos os sexos possuem em comum foi forçado, pela diferença entre eles, a formas diferentes de expressão” (FREUD, 1937/1976:284).*

Pareceu-nos legível, nessa citação, que o que os dois sexos possuem em comum é a referência ao falo no inconsciente, que o princípio geral em ação é certamente o princípio fálico, que é o que viabiliza a subjetivação da diferença anatômica. Para o homem, ela significa ameaça, para a mulher, a nostalgia. Esta subjetivação concerne a dois temas de importância suprema para a psicanálise freudiana: “Os dois temas correspondentes são, na mulher, a inveja do pênis – um esforço positivo por possuir um órgão genital masculino – e, no homem, a luta contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem” (FREUD, 1937/1976:285).

*“Nos homens, o esforço por ser masculino é completamente egossintônico desde o início; a atitude passiva, de uma vez que pressupõe uma aceitação da castração, é energicamente reprimida, e amiúde sua presença só é indicada por supercompensações excessivas. Nas mulheres, também, o esforço por ser masculino é egossintônico em determinado período – a saber, na fase fálica, antes que o desenvolvimento para a feminilidade se tenha estabelecido. Depois, porém, ele sucumbe ao momentoso processo de repressão, cujo desfecho, como tão freqüentemente foi demonstrado, determina a sorte da feminilidade de uma mulher”(FREUD, 1937/1976:285).*

Esse esforço, por ser masculino, na verdade é a expressão maior da resistência ao encontro com a castração, que implica a destituição da organização fálica da vida sexual, o que requer, tanto do homem quanto da mulher, a elaboração de algo que se coloca mais além das coordenadas estabelecidas pelo Édipo na vida sexual.

*“Em nenhum ponto de nosso trabalho analítico se sofre mais da sensação opressiva de que todos os nossos repetidos esforços foram em vão, e da suspeita de que estivemos ‘pregando ao vento’, do que quando estamos tentando persuadir uma mulher a abandonar seu desejo de um pênis, com fundamento de que é irrealizável, ou quando estamos procurando convencer um homem de que uma atitude passiva para com homens nem sempre significa castração e que ela é indispensável em muitos relacionamentos na vida” (FREUD, 1937/1976:286).*

Certamente Freud partira da organização fálica da sexualidade de onde deduziu a castração. Ainda em *A organização genital infantil* (FREUD, 1923), ele recorreu a uma figura da mitologia grega, Medusa, para tratar o binômio falo-castração. Definiu que a castração é da mãe, remontando-nos ao símbolo mitológico do horror – a cabeça de Medusa - à impressão dos órgãos genitais femininos desprovidos de pênis. Freud privilegiou, como um encontro crucial para a organização fálica infantil, o encontro com a castração materna, pois ele promove a destituição da premissa universal do falo. Pareceu-nos bastante significativo, que, um ano antes do artigo sobre a primazia do falo, ele tivesse escrito esse outro breve artigo, intitulado *A cabeça de Medusa* (FREUD, 1922), publicado postumamente. Sua leitura, à qual somos enviados por uma nota de rodapé inserida no artigo de 1923, também nos permite estabelecer a correlação entre o falo e a castração:

*“Os cabelos na cabeça da Medusa são freqüentemente representados nas obras de arte sob a forma de serpentes e estas, mais uma vez, derivam-se do complexo de castração. Constitui fato digno de nota que, por assustadoras que possam ser em si mesmas, na realidade, porém, servem como mitigação do horror, por substituírem o pênis, cuja ausência é a causa do horror. Isso é uma confirmação da regra técnica segundo a qual uma multiplicação de símbolos de pênis significa castração”(FREUD, 1922/1976:329).*

No final desse artigo de 1923, Freud sugeria a investigação da origem do símbolo isolado de horror na mitologia grega, bem como paralelos seus em outras mitologias. No domínio das obras de arte, encontramos as máscaras de Gorgó que representam as Górgonas, sendo Medusa considerada a Górgona por excelência. Essas máscaras surgiram no início do século VII a.C. com a função de evocar um poder de terror, um medo original, uma referência ao insólito e ao estranho, medo em estado puro e ainda um furor guerreiro, um poder de morte. São representações evocativas, e não objetos de culto. Essas máscaras foram encontradas esculpidas em vasos, em moedas, em escudos decorando vários tipos de objetos em residências, ateliês e templos. As Górgonas habitam as proximidades do inferno e têm uma aparência monstruosa. São três monstros que tinham a cabeça aureolada de serpentes venenosas, presas de javali, mãos de bronze e asas de ouro e petrificavam quem as olhasse. O mito faz alusão à beleza anterior de Medusa. Posídon unira-se a ela sexualmente dentro do templo de Átena, que teria lançado sobre Medusa um castigo causador de sua metamorfose. Com aparência horrorosa, passou a provocar a morte daqueles que a olhavam, morte por petrificação. Depois de ter causado muitas desgraças, acabou sendo morta, decapitada por Perseu. Perseu encaminhou-se para a habitação das Gréias, filhas de Fórcis, que conheciam a rota que levava ao esconderijo das Górgonas, também ajudado por Hermes, o deus que não se perde na noite e pela inteligência de Átena, que espanca as trevas. As Gréias lhe entregaram o que era, segundo o oráculo, indispensável para matar a Górgona: sandálias com asas, uma espécie de alforje para guardar a cabeça de Medusa e o capacete de Hades, que tornava invisível a quem o usasse. Hermes lhe deu uma espada afiada de aço e Átena emprestou-lhe seu escudo de bronze, polido como um espelho. Perseu então pairou acima da Górgona adormecida, refletiu o rosto de Medusa

no polido escudo de Átena e, com a espada, decapitou-a. Átena, a deusa virgem, passou a usar esse símbolo de horror no seu escudo, o que fizera dela uma mulher inabordável.

O recurso feito a esse mito por Freud, para dar conta do problema da castração e do seu manejo possível, também nos conduz à questão da função da máscara<sup>12</sup>, empregada para a mitigação do horror da castração, cuja causa é a falta do pênis na mulher. Arriscamos dizer que, segundo o parágrafo citado anteriormente, Freud nos indicava a afinidade das máscaras com o falo e sua função de velamento da castração.

---

<sup>12</sup> Além dessa referência à função da máscara feita através de Medusa, enquanto símbolo mitológico do horror, encontramos no texto freudiano uma referência importante sobre a mascarada, que mais tarde se tornou um conceito de Joan Rivière e foi retomado por Lacan em *A significação do falo* (1958). Na terceira parte de *Além do Princípio do Prazer*, Freud nos conduz à epopéia de Tancredo e Clorinda, na qual essa se apresenta ao amado, disfarçada, isto é, mascarada, sob a armadura de um cavaleiro inimigo.

### 3. A QUERELA DO FALO

A tese freudiana da primazia do falo nos colocou inexoravelmente diante da castração e seu papel na constituição psicosexual do sujeito. Isso não ficou sem conseqüências no movimento analítico, pois o que se seguiu na virada da década de vinte para a de trinta, foi um intenso debate em torno da significação da fase fálica da mulher. Esse debate, em última instância, traduzia uma dificuldade da comunidade analítica em assumir, de maneira conseqüente, a incidência do binômio falo-castração na vida sexual. Certamente que se o elemento pivô da querela constituiu a tese freudiana sobre o falo, isso traduzia uma reação à questão do desejo, tal como Freud a colocou depois de 1920.

Muitos foram os analistas que insistiam no desconhecimento do mal estar verificado por Freud, advindo do paradoxo intrínseco à assunção de seu sexo pelo homem e sobre o qual ele nos advertiu em *O mal estar na civilização* (FREUD, 1930). Trata-se do desconcerto essencial e não contingente característico à sexualidade humana, no tanto que o acesso à uma posição sexual, supõe uma condição de ameaça e de privação, que incidem sobre o falo para o menino e a menina, respectivamente. Mas, tanto para Freud quanto para seus seguidores a significação da fase fálica da menina constituiu, particularmente, um problema de difícil elaboração, que culminou em divergências teóricas importantes. O que a inserção dessa fase no desenvolvimento sexual trouxe de mais polêmico foi precisamente o problema da relação da mulher ao falo. Nessa polêmica se encontravam envolvidos Freud e um grupo de mulheres analistas, que contavam com a colaboração de Ernest Jones, num movimento de oposição ao mestre. Essa dissensão foi batizada por Lacan de querela e constituiu objeto de seus comentários nos *Escritos* e em vários seminários, especialmente em dois momentos de sua obra. Primeiramente, quando o seu trabalho se voltou para o conceito de falo no auge da releitura da obra de Freud. Desse período datam três artigos dos *Escritos*, *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* (LACAN, 1958), *A significação do falo* (LACAN, 1958) e *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina* (LACAN, 1960), nos quais Lacan

discutiu os problemas conceituais e éticos envolvidos na querela do falo. Destacou, no âmago das concepções que surgiram em volta de Freud, a imprecisão conceitual do falo, responsável por uma leitura da questão do sexo que em muito distanciava da orientação freudiana. Além de rever as concepções dos analistas envolvidos na querela do falo, quanto à posição fálica na mulher, Lacan teve como objetivo dar aí um passo adiante, um terceiro passo, visto que considerou o de Freud o primeiro e o dos seus seguidores, dentre eles, Ernest Jones, o segundo. Mais tarde, na década de setenta, quando produziu as fórmulas da sexuação, Lacan procedeu a uma revisão da noção de falo, que ganhou, então, na sua obra, o estatuto de uma função.

O que essa querela colocou em andamento foi uma especulação que comprometeu o edifício teórico-clínico da psicanálise no pós-freudismo, que girou em círculos, posicionando-se na abordagem do sexual entre desenvolvimento e meio ambiente. Essa especulação dizia respeito a uma leitura do sexual que ora valorizava sobremaneira as determinações biologizantes da sexualidade, ora sobrepunha a isso o papel decisivo do ambiente, isto é, o papel da realidade na constituição do circuito da pulsão sexual. Ambas as vertentes do desvio da psicanálise freudiana estiveram associadas a uma concepção problemática da linguagem e do simbólico. Por um lado, os que defendiam as determinações biologizantes da sexualidade ficaram capturados numa posição naturalista, que tomava o desenvolvimento sexual segundo as leis da natureza, isto é, reduzia o sexual a uma pulsão natural, sem nenhuma correlação com a estrutura significante e a linguagem. Por outro lado, os defensores do papel do ambiente também incorreram no mesmo desconhecimento da especificidade do fenômeno analítico, embora tivessem se enveredado por outro descaminho. Podemos identificá-los com a posição culturalista, que, apesar de reconhecer a importância da relação do homem com a linguagem, trataram-na como fenômeno de comunicação social e de efeito apenas utilitário. Foram incapazes, portanto, de articular o social ou o cultural com o estrutural, o que certamente os teria situado menos

distantes de Freud e mais próximos da leitura inédita que ele fizera da função sexual.

Nossa pesquisa privilegiou os problemas do desvio naturalista, por considerar que ele, mais do que outros, comprometeu o conceito de falo e de sua primazia e, conseqüentemente, a abordagem da sexualidade pela psicanálise. Pretendemos considerar a querela do falo a partir de um ponto de vista exterior à própria querela, isto é, de um olhar dirigido àquele debate somente *a posteriori*. Trata-se da incidência do olhar de Lacan sobre os problemas da querela do falo, cuja interpretação pareceu-nos motivada pelo interesse que a questão despertou nele, quando elaborou sua concepção de falo. Não sendo culturalista, nem naturalista, Lacan foi buscar na lingüística estrutural uma articulação que o permitiu tratar a lógica do significante na outra cena<sup>13</sup> freudiana. Utilizaremos o instrumental teórico lacaniano para confrontar a orientação freudiana e a de seus discípulos e seguidores. Dentre os discípulos de Freud, privilegiaremos a contribuição de Ernest Jones, representante maior de uma hipótese naturalista da questão do falo. Nossa hipótese é a de que a visão naturalista se sustentou numa redução do falo ao papel de objeto parcial. Devemos perguntar quais teriam sido as razões do debate conceitual dos anos trinta na psicanálise, visto que ele parece ter implicado questões diversas, isto é, problemas de natureza teórica, institucional e ética.

Antes de examinarmos as divergências teóricas em jogo na querela do falo, consideraremos um outro aspecto do problema, este mais exterior à psicanálise, porém não sem relação com ela. Referimo-nos aqui às transformações sociais que, já naquele momento, atingiam as mulheres, como, por exemplo, as mudanças na estrutura da família tradicional e no papel da mulher na família, todas elas tomadas como objeto de reivindicação de grande parte da sociedade na qual, ao mesmo tempo, floresciam as teses freudianas sobre a sexualidade feminina. Não pretendemos aqui fazer uma leitura de uma possível intrincação entre a história do feminismo e a da doutrina analítica. Apenas nos interessa isolar os ingredientes envolvidos na querela do falo, principalmente aqueles que colocaram em jogo o conceito de falo. Certamente

essas transformações sociais repercutiam na formação dos ideais norteadores das posições libidinais das mulheres, oferecidos a elas pela civilização. Isso foi retratado pelos movimentos sociais que envolveram a mulher, especialmente o feminismo, de onde partiu uma série de críticas à psicanálise, especialmente à sua visão da mulher.

A teoria freudiana identificada como falocêntrica não deixou de ser considerada por muitos como um prejuízo causado à mulher moderna. A teoria do falo, segundo os partidários do feminismo, não passava de uma justificativa da dominação masculina sobre as mulheres, no tanto que ela seguia na contracorrente da demanda social de igualdade dos direitos. A emergência do feminismo pretendia defender, a todo custo, as aspirações igualitárias para os sexos, visto que a sociedade constatava uma posição de discriminação da mulher, colocada em condições de inferioridade em relação ao homem no campo dos direitos e do trabalho. Por exemplo, na Inglaterra, um país de tradição vitoriana e muito presente nos problemas teóricos da querela do falo, em 1918, o movimento feminista já comemorava seu êxito, com a legitimação do direito de voto para as mulheres.

Ainda nos dias de hoje se interroga o que a psicanálise teria feito pela mulher, pela mudança de sua posição de exclusão em alguns setores da sociedade. Pergunta-se, basicamente, em que a doutrina freudiana pode ter contribuído para a emancipação feminina, ou, ao contrário, para a manutenção do seu lugar na sociedade patriarcal. Encontramos, ainda, atualmente, interpretações favoráveis e desfavoráveis à teoria freudiana do desenvolvimento sexual da mulher, às vezes, considerada algo completamente inadequado e ofensivo à verdadeira natureza feminina. A exemplo disso, um artigo intitulado *Freud and Feminism: A critical Appraisal* (RICHARDS, A. 1999, pp. 1212-1237), do *Journal of the American Psychoanalytic Association*, discute esse problema, tomando partido do fundador da psicanálise, recolocando a pergunta: Freud foi contra ou a favor das mulheres? O artigo defende a idéia de que ele foi um feminista igualitário influenciado, portanto, por uma vertente americana do feminismo que se espalhou dos Estados Unidos para a Europa. Não

---

<sup>13</sup> A outra cena [*Eine andere Schauplatz*], é a que Freud, a propósito dos sonhos, designa

pretendemos adotar essa mesma linha de investigação neste capítulo, mas, sim, localizar os impasses da teoria freudiana do falo, que se repercutiram na abordagem da sexualidade feminina.

Certamente, a teoria freudiana sobre a sexualidade feminina não teve como finalidade intervir na situação social da mulher, conforme as expectativas do feminismo. Entretanto, Freud não desconhecia essas expectativas. Não só chegou a mencioná-las em diversas passagens dos seus textos sobre a sexualidade feminina, como também procurou elucidar a diferença dos princípios em jogo na psicanálise e no feminismo. A primeira vez que o fez foi em *A dissolução do complexo de Édipo* (FREUD, 1924), onde diferenciou os pressupostos de sua teoria sobre a posição fálica da mulher, dos pressupostos do feminismo. Logo depois de interrogar se a psicanálise poderia atribuir uma organização fálica e um complexo de castração à mulher, e tendo prontamente uma resposta positiva, acrescentou: *“Aqui a exigência feminista de direitos iguais para os sexos não nos leva muito longe, pois a distinção morfológica está fadada a encontrar expressão em diferenças de desenvolvimento psíquico”* (FREUD, 1924/1976:222). Assim sendo, podemos dizer que o feminismo estaria mais próximo de uma leitura ideológica da problemática feminina do que de uma leitura psicanalítica. Freud assim o expressou:

*“É de prever que analistas masculinos com opiniões feministas, bem como nossas analistas femininas, discordem do que afirmei aqui. Dificilmente deixarão de objetar que tais noções se originam do ‘complexo de masculinidade’ do macho e se destinam a justificar, com fundamentos teóricos, sua inclinação inata a desprezar e oprimir as mulheres. Mas essa espécie de argumentação psicanalítica nos faz lembrar aqui, como tão freqüentemente acontece, a famosa ‘faca de dois gumes’, de Dostoievski. Por sua vez, os opositores daqueles que argumentam dessa maneira pensarão ser inteiramente natural que o sexo feminino se recuse a aceitar um ponto de vista que parece contradizer sua igualdade cobiçada com os homens. O emprego da análise como arma de controvérsia evidentemente não pode levar a decisão alguma”* (FREUD, 1931/1976: 265).

A querela do falo envolvia, portanto, um debate teórico, como também não estava imune às transformações sociais que envolviam a mulher, o que não deixou de repercutir no interior do movimento analítico. Nesse sentido nos chamou a atenção para que, até mesmo nos estudos de casos clínicos

produzidos em volume significativo neste período, a descrição da mudança da posição da mulher e o questionamento dos ideais femininos na sociedade tenham sido motivo de considerações. Por exemplo, no artigo *A feminilidade como máscara* (RIVIÈRE, 1929,) onde Joan Rivière apresentou a hipótese da feminilidade como máscara, uma descrição dos impasses da mulher moderna, antecedia ao relato dos casos clínicos nos quais sustentava sua hipótese:

*“Eu faço alusão aqui a um tipo de mulher intelectual. Não faz muito tempo as carreiras intelectuais eram quase exclusivamente o apanágio de um certo gênero de mulheres, manifestamente masculinas que, em certos casos, não disfarçavam nem mesmo seu desejo de ser um homem ou sua reivindicação viril. Os tempos mudaram. De todas as mulheres engajadas em nossos dias numa profissão liberal, seria difícil dizer, ao observar seu modo de vida ou seu caráter, se a maioria é mais nitidamente feminina ou masculina”(RIVIÈRE, 1929/1999:29).*

A hipótese da feminilidade como máscara de Joan Rivière tentava mostrar que as mulheres que aspiram a uma certa masculinidade podem vestir a máscara da feminilidade para afastar a angústia e evitar a vingança que elas temem por parte do homem. Tal hipótese colocava em discussão o problema central em torno do qual se desenrolou o debate analítico sobre a sexualidade feminina, o problema da identificação masculina da mulher. Muitas publicações, congressos, investigações e relatos de casos clínicos que problematizavam o desenvolvimento sexual feminino foram apresentados pelas analistas envolvidas na investigação desse tema, no período de 1928 a 1932. Destacamos, como autoras de vários desses artigos, as seguintes analistas: Karen Horney, Melanie Klein, Josine Muller, Hélène Deutsch, Jeanne Lampl de Groot, Ruth Mac Brunswick, todas elas tendo suas idéias comentadas por Freud e Jones. O próprio Freud estimulava a investigação dos pontos teóricos relativos ao desenvolvimento sexual feminino, deixados em aberto e ainda obscuros para ele. Curiosamente, ele incentivava a pesquisa clínica das analistas mulheres que começavam a ocupar o cenário do movimento analítico, atribuindo-lhes, quanto ao tema, um lugar de saber. Delas esperava principalmente elementos elucidativos de sua tese sobre a fase pré-ediapiana da menina:

*Tudo na esfera dessa primitiva ligação com a mãe me parecia tão difícil de apreender nas análises – tão esmaecido pelo tempo e tão obscuro e quase impossível de revivificar – que era como se houvesse sucumbido a uma repressão especialmente inexorável. Mas talvez tenha ficado com essa impressão porque as mulheres que estavam em análise comigo podiam aferrar-se à própria ligação com o pai em que se tinham refugiado da fase primitiva em questão. Na verdade, parece que as analistas femininas – tais como, por exemplo, Jeanne Lampl de Groot e Hélène Deutsch – foram capazes de perceber esse fatos mais fácil e claramente por terem sido auxiliadas, ao lidarem com as que se achavam em tratamento com elas, pela transferência a uma substituta da materna adequada” (FREUD, 1931/1976:261).*

Ernest Jones se apoiava principalmente nas contribuições de Melanie Klein, Karen Horney, Josine Muller, enquanto Freud valorizava as contribuições de Hélène Deutsch, Jeanne Lampl de Groot, Ruth Mac Brunswick, mais favoráveis à sua posição. Contudo, ele não deixou de comentar a reação das mulheres analistas às suas teses sobre o desenvolvimento sexual feminino, depois de definir seu trabalho como o de *“indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual”* (FREUD, 1933/1976:144).

*“Em épocas recentes, começamos a aprender um pouco acerca dessas coisas, graças à circunstância de várias de nossas excelentes colegas de análise terem começado a trabalhar a questão. A discussão desse aspecto adquiriu atração especial a partir da distinção entre os sexos. Pois essas senhoras, sempre que alguma comparação parecia mostrar-se desfavorável ao seu sexo, conseguiram expressar a suspeita de que nós, analistas homens, não tínhamos conseguido superar determinados preconceitos profundamente arraigados contra aquilo que era feminino, e que esse fato estava sendo responsável pela parcialidade de nossas pesquisas”*(FREUD, 1933/1976:144).

A discordância que se instalou em torno da questão do desenvolvimento sexual feminino se sustentou em hipóteses teóricas de Ernest Jones contrárias às de Freud, ainda que o primeiro tudo tivesse feito para escamotear a incompatibilidade de seus pontos de vista para com os do mestre, buscando um consenso onde não havia. Em termos institucionais, para além dos dois estavam Viena e Londres, isto é, Freud e a incipiente escola inglesa de psicanálise. Essa querela, apesar de fecunda, não deixou de abalar o edifício teórico da psicanálise. Ela comprometia a dimensão inédita da teoria freudiana da sexualidade, pois envolvia diretamente o conceito de falo. Por outro lado,

indicava o auge do exercício do debate analítico contemporâneo de Freud, que Lacan considerou uma demonstração de entusiasmo e paixão doutrinal:

*“A verdade é que a discussão atualmente abandonada quanto à fase fálica, ao retermos os textos remanescentes dos anos de 1928-32, revigora-nos por seu exemplo de paixão doutrinal, à qual a degradação da psicanálise, consecutiva à sua transplantação norte-americana, acrescenta um valor de nostalgia. Se resumíssemos esse debate, só faríamos alterar a autêntica diversidade das posições adotadas por uma Helene Deutsch, uma Karen Horney e um Ernest Jones, para nos limitar aos mais eminentes” (LACAN, 1958/1998:694).*

Podemos também fazer disso uma outra leitura: a querela do falo também expressa, no campo do saber da psicanálise, algo da verdade implicada no conceito de falo, cuja incidência na vida sexual traduz, não sem discórdia, a desnaturalização do sexo, resultante de sua apreensão no campo da fala e da linguagem. A questão, de cunho radicalmente ético, é que a articulação da função do falo com a linguagem não ocorre sem implicar ambos os sexos numa espécie de desarmonia estrutural, jamais possível de ser sanada.

As principais teses freudianas sobre a fase fálica, que constituíram o motivo das divergências teóricas, foram enunciadas no polêmico artigo *Algumas Conseqüências Psíquicas da Diferença Anatômica entre os Sexos* (FREUD, 1925) e reenunciadas no artigo *Sexualidade Feminina* (FREUD, 1931). Dentre os comentários presentes na nota do editor, por ocasião da publicação desse segundo artigo, destacamos algumas palavras de Strachey que nos transmite uma idéia dos problemas enfrentados por Freud.

*“A publicação desse trabalho anterior provocou consideráveis repercussões entre os psicanalistas, especialmente, talvez na Inglaterra, e elas podem ter estimulado Freud a retornar ao assunto. A última seção do presente artigo contém – coisa bastante fora do comum nos trabalhos de Freud – algumas críticas de uma série de outros artigos. E é curioso como ele pareça tratá-los como se esses trabalhos tivessem surgido espontaneamente e não, como era claramente o caso, como reação a seu próprio artigo um tanto revolucionário de 1925 – ao qual, na verdade, não faz aqui qualquer referência” (STRACHEY, 1931/1976:257).*

O polêmico artigo atualizava os impasses de Freud com relação ao feminino, acentuados com a noção de primado do falo. Aliás, na apresentação da retificação dos *Três Ensaio*s em 1923, Freud admitia a influencia de

dificuldades subjetivas no trabalho de elaboração teórica sobre o desenvolvimento sexual. Diz ele:

*“A dificuldade do trabalho de pesquisa em psicanálise demonstra-se claramente pelo fato de ser-lhe possível, apesar de décadas inteiras de observação incessante, desprezar aspectos de ocorrência geral e situações características, até que, afinal, elas nos confrontam sob forma inequívoca. As observações que seguem têm a intenção de reparar uma negligência desse tipo no campo do desenvolvimento sexual infantil” (FREUD, 1923:179).*

Pareceu-nos que a dificuldade à qual Freud se referia não era sem correlação com a interrogação subjacente a todo o seu percurso: a interrogação sobre o feminino. Tal idéia se justifica se levarmos em conta o fato de que, no mesmo momento em que enunciava a tese da primazia do falo, Freud definia a castração como a castração da mãe, cujos efeitos no desenvolvimento sexual se apresentam como cruciais nas vicissitudes da organização fálica da sexualidade. Pois ela determina o declínio da organização fálica infantil, o que é fundamental para que surja a categoria do feminino propriamente dito.

No artigo sobre *A organização genital infantil (FREUD, 1923)*, como também em todas as ressonâncias por ele provocadas na obra de Freud e na de seus seguidores, a teoria do falo não veio sem a teoria da castração e da diferença de sexos. Na verdade, o binômio falo-castração trouxera no seu âmago a questão da feminilidade, apresentada a Freud, desde o começo de sua prática, na clínica da histeria. Verificamos que tanto a descoberta da psicanálise quanto sua evolução estiveram associadas à investigação freudiana sobre o feminino. É o que se pode depreender de um sonho do próprio Freud, o sonho da injeção feita a Irma, considerado por ele o que inaugurou a descoberta da psicanálise. O sonho de Irma registra o efeito no inconsciente do encontro com o feminino, isto é, com o inassimilável ao campo da representação, que mobiliza o simbólico, através do trabalho do sonho. Um pouco antes disso, as primeiras históricas já haviam confrontado Charcot e Freud com o feminino, quando, através dos sintomas da repulsa e da conversão, interpelavam o mestre em busca de um saber que não há. O nascimento da psicanálise se deve a um impasse da ciência, aqui representada por Charcot, para abordar o real da feminilidade. O que o artigo *Conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (FREUD, 1925)* trouxe de novidade foi a particularidade do Édipo

e da castração feminina. Destacaremos três, dentre os conceitos inseridos na teoria da fase fálica e na do Édipo feminino, mais questionados na querela do falo: a noção da ignorância do órgão sexual feminino, a identificação masculina da mulher e o superego feminino. Todos eles colocavam em evidência a fragilidade de uma teoria do simbólico em Freud, responsável, a nosso ver, pelos problemas conceituais do falo na psicanálise.

### 3.1 O paradoxo da posição de Freud

A querela do falo não se desenrolou sem a colaboração de Freud, ou daquilo que Lacan nomeou como “*o paradoxo da posição de Freud*” (LACAN, 1958/1998:695), a despeito da sua teoria inédita sobre o sexual. Com o termo fase fálica Freud especificava a primeira maturação genital caracterizada, por um lado, pela dominância imaginária do atributo fálico e pelo gozo masturbatório, ressaltando, entretanto, que não há propriamente maturidade genital sem a castração. Por outro lado, localizava o gozo da mulher no clitóris, assim promovido à função do falo. Dessa maneira, ele excluiu para ambos os sexos qualquer localização da vagina como lugar de penetração genital, até o declínio do Édipo, até o término da fase fálica.

O que retratou o paradoxo da posição de Freud foi a maneira como ele introduziu a noção de fase fálica, articulada à maturação genital, à idéia de fase do desenvolvimento, em contraponto com a noção da organização fálica da libido. O paradoxo se manifestava em afirmar, de uma parte, que a mulher não conhece nada do seu órgão sexual, a vagina, antes da etapa da puberdade; por outra parte, declarar insistentemente sua própria ignorância sobre a primeira etapa da vida sexual da menina. Contudo, a idéia de haver, até a puberdade, um desconhecimento do órgão genital feminino, da vagina como lugar da penetração genital, subvalorizou os efeitos da organização estrutural da sexualidade em prol do desenvolvimento. Não se podia aceitar facilmente essa idéia da ignorância da vagina, senão tomando-a numa lógica denegatória. Lacan comentou esse problema, remetendo-nos a uma fábula que consiste na denegação do fato de que os jovens sabem fazer amor sozinhos.

*“Essa ignorância é bastante suspeita de desconhecimento, no sentido técnico do termo, ainda mais que às vezes ela é forjada. Não estaria ela apenas de acordo com a fábula em que Longo nos mostra a iniciação de Dafne e Cloé<sup>14</sup> subordinada aos esclarecimentos de uma velha senhora?”(LACAN, 1958/1998:695).*

O problema da ignorância do sexo feminino constituiu um dos pontos de investigação clínica por parte dos analistas envolvidos no debate sobre a fase fálica. Diz Freud:

*“Um homem, afinal de contas, possui apenas uma zona sexual principal, um só órgão sexual, ao passo que a mulher tem duas: a vagina, ou seja, o órgão genital propriamente dito, e o clitóris, análogo ao órgão masculino. Acreditamos que estamos justificados em supor que, por muitos anos, a vagina é virtualmente inexistente e, possivelmente, não produz sensações até a puberdade. É verdade que recentemente um crescente número de observadores tem comunicado que os impulsos vaginais estão presentes mesmo nesses primeiros anos. Nas mulheres, portanto, as principais ocorrências genitais da infância devem ocorrer em relação ao clitóris. Sua vida sexual é regularmente dividida em duas fases, a primeira das quais possui um caráter masculino, ao passo que apenas a segunda é especificamente feminina”(FREUD, 1931/1976:262).*

Essa questão dividiu a opinião dos analistas entre os partidários de Freud, de um lado, e os outros, influenciados por Melanie Klein. Conforme Lacan, em *A significação do falo* (LACAN, 1958), ambas as posições, na verdade, traduziam uma dificuldade de reconhecimento da especificidade dos fenômenos inconscientes, isto é, a falta da noção de significante para especificar o fenômeno analítico:

*“Não nos enganaremos se retomarmos a questão indagando-nos o que teria imposto a Freud o evidente paradoxo de sua posição. Pois somos forçados a admitir que ele era mais bem guiado do que qualquer um em seu reconhecimento da ordem dos fenômenos inconscientes de que foi o inventor, e que, na falta de uma articulação suficiente da natureza desses fenômenos, seus seguidores estavam fadados a ficar, menos ou mais, aí perdidos”(LACAN, 1958/1998:695)*

A falta de uma teoria do significante comprometeu a articulação entre o corpo e o inconsciente, que requer que o corpo seja situado a partir da linguagem, isto é, o corpo desubstancializado pela ação do significante. Lacan, em *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina* (LACAN, 1960), levou-nos a

---

<sup>14</sup> Trata-se de uma fábula que, na verdade, relata a revelação feita a um jovem casal por um velho, o velho Filetas, sobre o significado amoroso de seus ardores e anseios desconhecidos.

reabrir o paradoxo freudiano e suas conseqüências, que desaguaram numa concepção do falo totalmente antifreudiana.

*“Inversamente, um paradoxo original da abordagem psicanalítica, a posição-chave do falo no desenvolvimento libidinal, interessa por sua insistência em se repetir nos fatos.*

*É aqui que a questão da fase fálica na mulher agrava seu problema, por ter, depois de fazer furor entre os anos de 1927 e 1935, sido desde então deixada numa tácita indivisão, ao bel-prazer das interpretações de cada um.*

*É ao nos interrogarmos sobre suas razões que poderemos romper essa suspensão.*

*Imaginário, real ou simbólico, no que concerne à incidência do falo na estrutura subjetiva em que se acomoda o desenvolvimento, não são aqui palavras de um ensino específico, mas justamente aquelas em que se assinalam, na redação dos autores, os deslizos conceituais que, por não terem sido criticados, conduziram à atonia da experiência depois da pane do debate”(LACAN, 1960/1998:736).*

Verificamos, portanto, que o que se encontra na origem da idéia de um desconhecimento do sexo pela menina até a puberdade é a predominância do imaginário na abordagem da questão, em detrimento do simbólico. Uma leitura imaginária consiste em tomar o corpo como índice da verdade do inconsciente. Supõe-se, portanto, no corpo o lugar do mistério, do que escapa à decifração, o lugar da verdade. Trata-se, no dizer de Lacan, do apelo à voz do corpo, que se encontra junto às analistas mulheres opositoras de Freud. Ele assim o expressou por ocasião do seu artigo, *L'Étourdit* (LACAN, 1972): *“Indiquemos tão somente que as mulheres aqui nomeadas invocaram (é sua inclinação neste discurso) o inconsciente com a voz do corpo, como se não fosse justamente do inconsciente que o corpo tomava voz”* (LACAN, 1972:19). Elas foram procurar no reconhecimento precoce da vagina, o apoio para uma feminilidade definida sem o significante fálico. Buscava-se, então, um substrato para a interpretação do feminino numa referência corporal específica.

Com os três registros lacanianos, podemos distinguir o que procede da imagem do corpo, registro do imaginário; daquilo que se inscreve como marcas sobre o corpo, registro do simbólico; e do que procede do gozo do corpo, registro do real. A articulação entre o simbólico e o real, entre o significante e o gozo remete-nos ao conceito de zonas erógenas que delimitam os orifícios do corpo nos quais se apóia a pulsão, localizando as marcas privilegiadas por certos objetos pulsionais. Se podemos afirmar, com Freud, a ignorância da vagina no

inconsciente e, ao mesmo tempo, concordar com os pós-freudianos com o conhecimento precoce da vagina, isso só é possível ao recorrermos aos diferentes registros da experiência sexual. Pois é fato que existe um símbolo fálico no inconsciente e que não existe, proporcionalmente, um símbolo vaginal ou um significante da vagina, nem tão pouco uma libido feminina. A polarização anterior entre Freud e os outros analistas pode ser ultrapassada se levarmos em conta o real do gozo, isto é, a experiência do gozo feminino, da qual não há traços, nem marcas simbólicas. Na verdade, a questão da ignorância primária do próprio sexo para a mulher tem sua razão na proeminência do falo como símbolo para ambos os sexos no inconsciente.

### 3.2 A identificação fálica da mulher

A teoria da identificação masculina da mulher muito cedo causou obstáculos ao sucesso da análise na clínica da histeria. Podemos citar, como exemplos clínicos da captura histérica na identificação imaginária, os casos de Elizabeth von R. e o cunhado e o caso Dora e o Sr. K. Em ambos Freud acabou confundindo o objeto de desejo e a identificação. Precisamente no caso Dora, isso o impediu de reconhecer, na identificação da analisante, o papel do falo na fantasia da histérica, isto é, o papel de recobrimento do real da feminilidade e o de sustentação da pergunta sobre o feminino. Freud não pôde se dar conta da diferença essencial entre o objeto da identificação de Dora, o Sr. K., isto é, a posição através da qual Dora formulava sua pergunta sobre o que é ser mulher e o objeto do desejo de Dora, o que acabou promovendo a interrupção do tratamento. Na introdução ao *Fragmento da análise de um caso de histeria* (FREUD, 1905), onde temos o relato do caso de Dora, encontramos uma nota de rodapé acrescentada ao texto em 1923, ano da tese do primado do falo. Essa nota testemunha a importância das consequências clínicas da retificação da teoria da sexualidade feita em 1923, possibilitando-nos inclusive uma releitura do caso Dora à luz da questão do falo:

*“O tratamento descrito neste trabalho foi interrompido em 31 de dezembro de 1899. O meu relato a respeito dele foi escrito durante as duas semanas imediatamente subsequentes, mas não foi publicado senão em 1905. Não é de esperar-se que após mais de vinte anos de trabalho ininterrupto eu nada tivesse a alterar em meu modo de encarar o caso e na sua apresentação; mas seria obviamente absurdo atualizar a história clínica por meio de emendas e acréscimos” (FREUD, 1905/1976:11).*

Uma das retificações no caso, viabilizada pela teoria do falo, concerne, por certo, ao problema da identificação masculina da mulher, que se revelou para Freud a partir da inserção da fase fálica no desenvolvimento como uma passagem forçada na estruturação do Édipo feminino. Na releitura que Lacan fez do caso Dora, disse o seguinte:

*“Quando Dora se vê interrogar a si mesma sobre o que é uma mulher?, ela tenta simbolizar o órgão feminino como tal. Sua identificação com o homem, portador de pênis, é para ela, nessa ocasião, um meio de aproximar-se dessa definição que lhe escapa. O pênis lhe serve literalmente de instrumento imaginário para apreender o que ela não consegue simbolizar”(LACAN, 21/03/56/1985:203).*

Essa identificação, revela onde estava o eu de Dora, isto é, localiza o sujeito fantasmaticamente, constituindo uma das fórmulas do ser fálico da mulher.

*“Todos os elementos estão aí para que a menina tenha uma experiência da posição feminina que seja direta e simétrica à realização da posição masculina. Não haveria obstáculo algum se essa realização tivesse de se cumprir na ordem da experiência vivida, da simpatia do ego, das sensações. E no entanto a experiência mostra uma diferença surpreendente – um dos sexos é forçado a tomar a imagem do outro sexo por base de sua identificação. Que as coisas sejam assim não pode ser considerado como uma pura extravagância da natureza. O fato não pode ser interpretado senão na perspectiva em que é a ordenação simbólica que tudo regula. Ali onde não há material simbólico, há obstáculo, falha, na realização da identificação essencial à realização da sexualidade do sujeito. Essa falha provém do fato de que, num ponto, o simbólico está falto de material – pois lhe é preciso algum. O sexo feminino tem uma característica de ausência, de vazio, de buraco, que faz com que aconteça ser menos desejável que o sexo masculino no que ele tem de provocante, e com que uma dissimetria essencial apareça. Se tudo devesse ser discernido na ordem de uma dialética das pulsões, não se veria por que um tal desvio, uma tal anomalia, seria requerida”(LACAN, 21/03/1956/1985:202).*

A identificação fálica da mulher, por um lado, foi apresentada como radicalmente inversa à natureza, isto é, uma identificação que só se sustenta no artifício do jogo do desejo. Mas o próprio Freud hesitou em interpretar a passagem da fase masculina da menina para a fase feminina, como uma

particularidade da inserção da mulher na organização fálica da libido. Ao recorrer a explicações de caráter biologizante recuou diante da desnaturalização da posição do sujeito no sexo, como podemos verificar no seguinte parágrafo, extraído da conferência *Feminilidade* (FREUD, 1933):

*“Com o passar do tempo, portanto, uma menina tem de mudar de zona erógena e de objeto – e um menino mantém ambos. Surge então a questão de saber como isto ocorre: particularmente, como é que a menina passa da vinculação com sua mãe para a vinculação com seu pai? ou, em outros termos, como passa ela da fase masculina para a feminina, à qual biologicamente está destinada?”(FREUD, 1933/1976:147).*

Noutro momento, um pouco antes de reservar aos poetas o saber faltante na psicanálise sobre a natureza feminina, imaginava a possibilidade de encontrar a base biológica das peculiaridades das mulheres, expressando sua expectativa da seguinte maneira:

*“Descobrimos em ação nessa fase as mesmas forças libidinais que na criança do sexo masculino, e pudemos convencer-nos de que, durante algum tempo, essas forças seguem o mesmo curso e têm o mesmo desfecho em ambos. Subseqüentemente, fatores biológicos desviam essas forças libidinais [no caso da menina] de seus objetivos originais, inclusive conduzindo as tendências ativas e, em todo sentido, masculinas, para canais femininos”(FREUD, 1931/1976:275).*

A reação do meio analítico à concepção da posição fálica na mulher não é de todo sem correlação com a vacilação de Freud, pois considerar um destino feminino biologicamente traçado menospreza toda articulação sobre o papel de um complexo inconsciente na constituição das identificações sexuais. Freud buscou comprovar a existência da fase fálica, a despeito das opiniões contrárias à sua e a despeito da falta de uma teoria do significante com a qual pudesse elucidar que a relação da mulher ao falo se estende para além de uma fase do desenvolvimento. Muito antes de postular a inserção da fase fálica no desenvolvimento, em *O tabu da virgindade* (FREUD, 1918), artigo incluído nas *Contribuições à psicologia do amor*, Freud recorria a um caso clínico para comprovar a existência da fase fálica. Interessava a ele, sobretudo, compreender a lógica da vida amorosa feminina, antes e depois da escolha de objeto propriamente determinada pelo Édipo. Aquém da virada para o pai, pode-se encontrar a origem de uma série de problemas da sexualidade

feminina, associados à inveja do pênis, característica da fase masculina da menina, e que foram reunidos sob a categoria de “*sexualidade imatura de uma mulher*” (FREUD, 1918:190).

*“Aprendemos das análises de muitas mulheres neuróticas que elas passam, em sua infância, por uma fase em que invejam nos irmãos o seu símbolo da masculinidade e se sentem em desvantagem e humilhadas devido à falta dele em si mesmas (na verdade devido à sua proporção diminuta). Incluímos essa ‘inveja do pênis’ no ‘complexo de castração’”(FREUD, 1918/1976:189).*

A comprovação da existência da fase fálica foi sustentada com o caso aí relatado de uma analisante de Freud. Tratava-se de uma mulher que depois de cada experiência repetida de relação sexual e desde a primeira, atacava agressivamente o parceiro, a despeito de amá-lo e de obter da relação a satisfação sexual desejada, o que foi atribuído aos problemas da identificação fálica. “*No caso já descrito [...] consegui provar que essa fase existira antes da fase da escolha de objeto. Só mais tarde foi a libido da menina dirigida para seu pai e, então, em vez de desejar ter um pênis, desejou – um filho*”(FREUD, 1918/1976:189).

Podemos dizer que, com relação à identificação, é preciso referi-la sempre à lógica fálica, isto é, a identificação se pauta estruturalmente no ser ou no ter o falo, ou nas variações possíveis dessa fórmula. Lacan trata a diferença quanto ao ponto de partida do sujeito masculino e do sujeito feminino com relação ao falo para, então, propor duas fórmulas. Uma delas para o sujeito feminino, ela é sem tê-lo. E outra para o sujeito masculino, ele não é sem tê-lo. É em torno dessa assunção subjetiva entre o ser e o ter que atua a realidade da castração. No artigo *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (LACAN, 1958), contemporâneo à elaboração do conceito de falo, Lacan articulou a concepção que se tem do tratamento analítico, válida tanto para o homem quanto para a mulher, segundo a lógica fálica, considerando, portanto, a função do falo na busca do desejo.

*“... esse falo o qual recebê-lo e dá-lo são igualmente impossíveis para o neurótico, quer ele saiba que o Outro não o tem ou que o tem, pois, em ambos os casos, seu desejo está alhures – em sê-lo -, e porque é preciso que o homem, macho ou fêmea, aceite tê-lo e não tê-lo, a partir da descoberta de que não o é”(LACAN, 1958/1998:649).*

Pareceu-nos que Freud se ateuve, sobretudo, à fórmula do ter o falo e seu corolário, a falta de ter, como norteadora das posições libidinais das mulheres, tanto na descrição da organização fálica, quanto na saída do Édipo. Entretanto, diferenciou a questão da identificação na saída do Édipo, para o menino e para a menina. A identificação ao ideal do eu para a menina na saída do Édipo está correlacionada à privação feminina, pois é na medida em que o pai se torna o ideal de eu que a menina reconhece que ela não tem o falo. Na verdade, a identificação fálica é resultado da falta de uma essência significável da mulher, decorrência estrutural da exclusão do feminino do campo do Outro. Nesse campo, o feminino somente é identificável se for incluído no terreno fálico circunscrito pelo Édipo. Esta foi uma das diretrizes comentadas por Lacan na sua intervenção no *Congresso sobre a sexualidade feminina (LACAN, 1960)*, ao mencionar que as imagens e símbolos na mulher não estariam isolados das imagens e símbolos da mulher. Isso quer dizer que não há diferentes registros do simbólico segundo cada caso, pois, para ambos os sexos, trata-se do ingresso na ordem simbólica do Édipo.

*“Se os símbolos não têm aqui outra captura senão imaginária, provavelmente é porque as imagens já foram sujeitas a um simbolismo inconsciente, ou seja, a um complexo – que torna oportuno lembrar que as imagens e símbolos na mulher não podem ser isolados das imagens e símbolos da mulher”(LACAN, 1960/1998:737).*

Podemos destacar quatro fórmulas dos diferentes modos do ser fálico, o que também nos abre à questão de investigar qual seria a particularidade de cada uma delas. A primeira é a identificação imaginária que antes comentamos a propósito do caso Dora, *“identificação imaginária da mulher (em sua estrutura de objeto proposto ao desejo) com o padrão fálico que sustenta a fantasia”(LACAN, 1960/1998:742)*. A segunda, que aproxima o ser fálico e a posição feminilizada do psicótico: *“na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens”(LACAN, 1958/1998:572)*. A terceira, foi definida como *“a identificação última com o significante do desejo” (LACAN, 1958/1998:633)*, que Lacan depurou da releitura do sonho da açougueira espirituosa [*Witzige*], identificação através da qual o sujeito faz valer sua necessidade de um desejo insatisfeito.

Por fim temos a mascarada, conceito inicialmente elaborado por Joan Rivière, que Lacan retomou em *A significação do falo* (LACAN, 1958), onde surge a afinidade da posição feminina com a máscara. Para além do ser, a mascarada implica o artifício do parecer.

### 3.3 O superego feminino

O que é do feminino e que transborda a lógica fálica instalada na cultura se tornou patente para Freud, por exemplo, quando examinou o alcance dos efeitos particulares do complexo de Édipo na mulher. O principal deles, ou pelo menos um dos mais discutidos dentre os analistas do final da década de vinte, é a formação do superego feminino. De acordo com o Édipo masculino e sua articulação à ameaça de castração, temos que, na saída do complexo, o superego como seu herdeiro, assegura ao sujeito o cumprimento da interdição paterna. Entretanto, o mesmo não ocorre no Édipo feminino, no qual a castração está na entrada do complexo, sendo necessário, portanto, atribuímos à formação do seu superego outros motivos distintos. Freud considerou o medo de perder o amor como o correlato, na mulher, da ameaça de castração. *“Provavelmente não estaríamos errados em dizer que é essa diferença na relação recíproca entre o complexo de Édipo e o de castração que dá seu cunho especial ao caráter das mulheres como seres sociais”* (FREUD, 1931/1976:264). Essa tese não foi corroborada por muitos analistas, além de ter sido rechaçada pelo movimento feminista presente na sociedade contemporânea de Freud.

*“O complexo de castração prepara para o complexo de Édipo, em vez de destruí-lo; a menina é forçada a abandonar a ligação com sua mãe através da influência de sua inveja do pênis, e entra na situação edipiana como se esta fora um refúgio. [...] As meninas permanecem nela por um tempo indeterminado; destroem-na tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto. Nessas circunstâncias, a formação do superego deve sofrer um prejuízo; não consegue atingir a intensidade e a independência, as quais lhe conferem sua importância cultural, e as feministas não gostam quando lhes assinalamos os efeitos desse fator sobre o caráter feminino em geral”*(FREUD, 1933/1976:159).

Através do problema da particularidade da formação do superego feminino, ampliava-se o questionamento da relação da mulher com a organização fálica.

*“Também consideramos as mulheres mais débeis em seus interesses sociais e possuidoras de menor capacidade de sublimar os intisntos, do que os homens. O primeiro desses dois aspectos certamente deriva da qualidade dissocial que indiscutivelmente caracteriza todos os relacionamentos sexuais”(FREUD, 1933/1976:1640).*

De todo modo, o que está em jogo com o problema do superego feminino é a afinidade da dissolução do Édipo com a renúncia pulsional requerida pelos objetivos da civilização; e de como isso se dá com as mulheres. A não dissolução do complexo de Édipo feminino, ou sua dissolução parcial, acarreta um prejuízo da inserção cultural da mulher. Para Freud, alguns traços de caráter das mulheres, tais como menor senso de justiça que os homens, aptidão restrita para se submeterem às exigências da vida, maior influência da afeição e da hostilidade nos julgamentos da realidade são resultantes da especificidade do superego feminino. Contudo, só com a teoria do significante podemos fazer uma leitura dessa questão, considerando, com Lacan, a especificidade do gozo feminino, problema que ele formulou na intervenção apresentada no Congresso de Amsterdam com o seguinte enunciado: *“convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher” (LACAN, 1960/1998:739).*

### 3.4 O naturalismo de Ernest Jones

No lugar da pergunta freudiana sobre a mulher – o que quer uma mulher? – Jones formulou outra pergunta – a mulher nasce mulher, ou ela é feita? Tal interrogação não deixa de expressar o que estava em jogo na participação de Jones na querela do falo, isto é, as referências naturais versus as referências culturais, implicadas na inserção da mulher na partilha dos sexos. De uma parte, se respondemos, com Freud, que a mulher é feita, isto é, que ela torna-se mulher, temos que, enquanto ser sexuado, ela é fabricada segundo o discurso sexual. De outra parte, se respondemos, com Ernest Jones, que ela já nasce mulher, privilegiamos uma essência feminina, já dada a *priori*, obtida à revelia do discurso e do campo do Outro.

*“In short, I do not see a woman – in the way feminists do – as an homme manqué, as a permanently disappointed creature struggling to console herself with secondary substitutes alien to her true nature. The ultimate question is whether a woman is born or made” (JONES, 1935:273).<sup>15</sup>*

O empreendimento de Jones pretendeu reduzir o paradoxo freudiano relativo à constituição da posição feminina, que teria instalado a mulher no desconhecimento primário de seu sexo. Ele se colocou em defesa de uma essência feminina, que, a seu ver, teria sido prejudicada com a noção da fase fálica freudiana. Sua interpretação da teoria freudiana expressou os impasses decorrentes de uma hipótese naturalista sobre o falo e a sexualidade. Pretendemos destacar as idéias de Jones, situando-as à luz dos comentários de Lacan. Ele viu em Jones uma atitude decisiva e decidida na propagação da psicanálise, pois foi quem mais fez para assegurar aos valores analíticos uma certa circulação oficial e um status reconhecido pelos poderes públicos. Mas, sobretudo, Lacan interrogou o sistema teórico de Jones, no qual destacou, a teoria do simbolismo, a teoria da fase fálica da menina e o conceito original de *aphanisis*. Ele não poupou suas críticas dirigidas à indefinição de Ernest Jones, o que considerou, do ponto de vista teórico, uma posição débil.

*“Não bastasse a extrema importância da questão, essa querela mereceria nosso interesse pelas façanhas dialéticas que impôs ao dr, Ernest Jones para sustentar, a partir da afirmação de sua plena concordância com Freud, uma posição diametralmente contrária, qual seja, aquela que o transformou, com nuances, sem dúvida, no paladino das feministas inglesas, aferradas ao princípio do ‘cada um com o seu’: os boys com o falo, as girls com a x...” (LACAN, 1958/1998:561).*

### 3.4.1 A teoria do simbolismo

Nosso interesse pela teoria do simbolismo analítico de Jones justifica-se no fato de que ela insere a noção de falo no campo do simbólico, apesar de não ter conseguido, a despeito dos esforços de seu autor, definir a especificidade do símbolo para a psicanálise. Isso se reflete na descrição particular de Jones

---

<sup>15</sup> Em resumo, eu não vejo uma mulher – da maneira que as feministas fazem - como um homem castrado, como uma criatura permanentemente desapontada, lutando para consolar-se

da dialética do falo na mulher. A teoria do simbolismo de Jones veio em resposta a um apelo de Freud, quanto à importância para a psicanálise de uma investigação da questão do símbolo, presente desde a *Interpretação dos Sonhos* (FREUD,1900). Dentre os enxertos feitos nesse texto, os mais importantes dizem respeito ao problema do simbolismo nos sonhos e ao conceito de símbolo, tanto quanto a instalação e a transmissão do símbolo, a relação entre o símbolo e o simbolizado. Freud procurava lançar luz sobre a questão do simbólico:

*“Seríamos, portanto, levados muito além da esfera da interpretação dos sonhos se fôssemos fazer justiça ao significado dos símbolos e examinássemos os numerosos, e em grande escala ainda não solucionados, problemas ligados ao conceito de um símbolo. [...] Em numerosos casos, o elemento em comum entre um símbolo e o que ele representa é óbvio; em outros, se acha oculto e a escolha do símbolo parece enigmática. São precisamente estes últimos casos que devem ser capazes de lançar luz sobre o significado final da relação simbólica, indicando que esta é de natureza genética. As coisas que estão simbolicamente ligadas hoje provavelmente estiveram unidas em épocas pré-históricas por identidade conceitual e lingüística. A relação simbólica parece ser uma relíquia e um marco de antiga identidade”(FREUD,1900/1976: 375).*

É certo que a simbólica sexual era a maior preocupação dos discípulos de Freud e, ao mesmo tempo, o maior impasse de todos eles, pois faltou a todos uma verdadeira teoria do simbólico. O mérito principal de Jones foi ter reconhecido que o simbolismo analítico só é concebível ao ser relacionado com o fato lingüístico da metáfora. Sua teoria do simbolismo foi apresentada no artigo *The Theory of Symbolism* (JONES,1916) e teve como meta principal restaurar o desvio que a noção de inconsciente sofreu devido ao tratamento de mito dado ao símbolo por Jung.

Essa teoria constituiu motivo de um longo comentário de Lacan no artigo, *À memória de Ernest Jones: Sobre sua teoria do simbolismo*. Por um lado, ele valorizou o esforço desse discípulo de Freud para impedir a hermenêutica da psicanálise, para apontar, quanto ao simbolismo analítico, a divergência fundamental com Jung. Por outro lado, verificou como o próprio Jones traíra seus propósitos, desde que declarou sua adesão a Melanie Klein e aos conceitos kleinianos, particularmente os conceitos de objeto parcial e fantasia.

---

com substitutos secundários alienados da sua real natureza. A questão importante é se uma mulher nasce ou é feita.

Foi o interesse de Jones pelo símbolo analítico que colocou sua obra na trilha tomada por Lacan no retorno a Freud, isto é, a trilha do simbólico. Numa carta endereçada a Winnicott, Lacan justificou sua escolha de falar da teoria do simbolismo no memorial de Jones. Enunciou três razões para essa escolha: a primeira, seu reconhecimento do esforço de Jones para situar em relação à metáfora, quer dizer, uma figura de linguagem, os efeitos ditos do simbolismo em análise. A segunda razão, ele a denominou de fracasso instrutivo, qualificando, dessa forma, o resultado do empreendimento teórico de Ernest Jones. Trata-se de um fracasso instrutivo, porque os buracos que mostraram sua empresa designaram onde ela deveria ser retificada. Por fim, a terceira razão consistiu no fato de Lacan encontrar em Jones, a despeito do que ele próprio desconhecia, uma confirmação de suas teses sobre a função privilegiada do falo.

*“É porque eu encontro aí ainda uma confirmação de minhas teses sobre a função privilegiada do phallus: a maneira pela qual eu a derivo de suas relações ao significante é ilustrada de forma tão mais brilhante pelo autor, sem que ele mesmo o saiba, pelo fato de que todos os exemplos que ele promoveu para satisfazer a sua teoria não são outros senão símbolos fálicos” (LACAN, 1960:8).*

Jones compreendeu o processo de simbolização como a ocorrência de um deslocamento substitutivo do símbolo de uma idéia mais concreta, na qual tem sua aplicação primária, para uma idéia mais abstrata, com a qual se relaciona secundariamente, um deslocamento que só pode ter lugar num único sentido:

*Idéia abstrata* → com a qual o símbolo se relaciona secundariamente;

*Idéia concreta* → onde o símbolo tem sua aplicação primária;

O verdadeiro símbolo se funda na idéia concreta, definida como suporte concreto do desenvolvimento do símbolo. Ele compôs uma lista das idéias primárias, sobre as quais observara que são pouco numerosas, constantes e estáveis; ao contrário dos símbolos, sempre abertos à adjunção de novos símbolos que se empilham sobre essas idéias. As idéias primárias são as idéias de si mesmo e dos parentes imediatamente consangüíneos, os fenômenos do nascimento, do amor e da morte. Desse modo, considerou o simbolismo verdadeiro, o simbolismo propriamente natural e analítico, que concebeu como o produtor de símbolos. O símbolo que ele chamou de

verdadeiro e que designa a experiência freudiana não simboliza, o que nos remete à concepção de que o significante marca o real, no tanto ou mais que o representa. Contudo, não foi possível a Jones conferir a primazia à idéia concreta, não conseguindo livrar-se da noção de que há uma realidade mais profunda e menos superficial que seria qualificada propriamente de psíquica.

*“Sem esse passo, ele não consegue formular o que, no entanto, a interpretação analítica torna quase evidente, ou seja, que a relação do real com o pensamento não é a do significado com o significante, e que a primazia que tem o real em relação ao pensamento se inverte do significante para o significado, o que confirma aquilo que em verdade acontece na linguagem, onde os efeitos de significado são criados pelas permutações do significante” (LACAN, 1959/1998:712).*

Influenciado pela psicanálise kleiniana de crianças, Jones voltou seu interesse para a gênese do símbolo, isto é, uma abordagem predominantemente desenvolvimentista da constituição da relação da criança com o símbolo. Deteve-se no processo de como entra em jogo, para a criança, a operação metafórica, pelo exercício da substituição significante, através da qual ela passa a ter uma apreensão do mundo como mundo estruturado pela palavra, mas acabou privilegiando os aspectos mais genéticos da relação com a linguagem; e menos os aspectos estruturais da incidência do significante sobre o psiquismo.

A teoria de Jones chegou a se aproximar da noção de significante, ao comentar o jogo de transposição simbólica observável na criança, que demonstra sua instalação no campo da fala e da linguagem. Não passaram despercebidos para ele exemplos que demonstram a capacidade da criança de servir-se do significante como metáfora. Trata-se da transformação do signo, isto é, o signo no tanto que significa alguma coisa para alguém, em significante. A questão seria saber a partir de quando é possível empregar o símbolo em seu papel de significante. Considerando um exemplo, temos que, a partir do momento em que uma criança pode chamar um cachorro de au-au, ela chamará de au-au um tanto de coisas que podem não ter nada a ver com o cachorro, até mesmo fazendo a declaração de que o cachorro faz miau, e o gato faz au-au. O passo que é dado pela criança aí na sua relação com o significante, consiste no seguinte: de início uma cadeia monolinear é estabelecida, que diz que cachorro é equivalente a au-au. Depois a criança superpõe uma cadeia a outra, isto é, a

cadeia do cachorro que faz au-au à cadeia do gato que faz miau, demonstrando a possibilidade do cruzamento de uma cadeia com a outra:

S' .S

S . S'

Então o S' do gato é associado, enquanto é significado por esse signo, com o S, o au-au, enquanto significante do cachorro. É assim que o au-au pode ser elidido, quer dizer, assim que um termo no nível da linha superior se deslocou em relação a qualquer coisa que na linha inferior do significado também se deslocou, que o au-au torna-se propriamente uma enunciação significante. A metáfora se define pela implantação, numa cadeia significante, de um outro significante, mediante o que aquele que ele suplanta cai na categoria de significado e, como significante latente, perpetua nela o intervalo em que outra cadeia significante pode ser enxertada. Conforme nos diz Lacan, *“é pelo jogo da substituição significante que a criança arranca as coisas da ingenuidade destas, submetendo-as a suas metáforas, o que nos possibilita refutar o mito da ingenuidade infantil”*(LACAN,1959/1998:716). Aí se encontram, segundo Lacan, as dimensões que regem a estrutura que Freud deu ao sintoma e ao recalque, mas que, no entanto, não foram assim situadas na teoria do simbolismo de Jones. Para ele, o falo seria uma idéia concreta dos símbolos, que se encontra na base da substituição por outros símbolos. Isso é o que Jones teria elaborado quando se empenhou em distinguir com grande habilidade as fases protofálica e deuterofálica, como subdivisões da fase fálica.

*“E o falo, de uma à outra dessas fases, como idéia concreta dos símbolos que irão substituí-lo, só pode estar ligado a si mesmo por uma similitude tão concreta quanto esta idéia, pois, de outro modo, tal idéia concreta não seria outra coisa senão a clássica abstração da idéia geral ou do objeto genérico, o que deixaria a nossos símbolos um campo de regressão que é o que Jones tenciona refutar. Em suma, antecipamos, como se vê, a única noção que permite conceber o simbolismo do falo, que é a particularidade de sua função como significante”* (LACAN, 1959/1998: 710).

Lacan interrogou se o que há de concreto quanto às idéias primárias, que estão para Jones na origem dos símbolos, poderia constituir a rede do significante. Pois o que se pode verificar é que todas as idéias primárias designam os pontos onde o sujeito desaparece sob o ser de significante, qualquer que seja a

questão em jogo, isto é, sua identificação, a paternidade, a existência, o amor e o ser amado.

*“Todas elas ‘idéias’ em que o que há de mais concreto é a rede de significante, onde é preciso que o sujeito já esteja capturado para que nela possa se constituir: como ele mesmo, como situado em seu lugar num parentesco, como existente, como representante de um sexo, e até como morto, pois essas idéias só podem passar por primárias ao se abandonar qualquer paralelismo com o desenvolvimento das necessidades” (LACAN, 1959/1998:711).*

Jones fora traído por seu melhor recurso, a metáfora, o que Lacan interpretou como uma espécie de fuga ante a angústia das origens, problema para o qual só a lingüística estrutural nos traria uma solução. Ele se perdera repetindo uma falsa lei do deslocamento do semantema, segundo a qual esse sempre iria de uma significação particular para uma mais geral, de uma concreta para uma abstrata, de uma material para outra mais sutil, chamada de figurada ou até moral. Por referir o símbolo às idéias, definindo-as como os suportes concretos que o desenvolvimento supostamente lhes traz, ficou impedido de apreender a função de estrutura. Preocupado em diferenciar a simbolização natural e a sublimação, Jones pretendeu isolar o símbolo de todas as possíveis conotações culturais, como se os elementos da cultura não tivessem nenhuma repercussão no inconsciente. Por exemplo, para ele um anel não poderia constituir um símbolo analítico, no tanto que comporta uma conotação cultural, do tipo ser o representante do casamento, ou de uma aliança. Pois, na medida em que representa o casamento, comporta algo de cultural, de elaborado e de sublimado. Se um anel significa algo enquanto símbolo analítico, é, segundo Jones, porque ele é a simbolização natural do órgão sexual feminino. Ele não imagina que o anel exista já como significante, independentemente de suas conotações.

#### 3.4.2 A crítica de Jones à teoria da fase fálica e o passo adiante de Lacan

Encontramos as teses de Jones sobre a fase fálica condensadas em três artigos, *The Early Development of Female Sexuality (JONES, 1927)*, *The Phallic Phase (JONES, 1932)* e *Early Female Sexuality (JONES, 1935)*. No artigo *Early Female Sexuality (JONES, 1935)*, ele justificou o debate em torno da fase fálica

da menina, explicando-o não como falta de convergência teórica entre a Escola Inglesa de psicanálise e Freud, mas como falta de intercâmbio entre Londres e Viena.

*"I use the phrase 'many analysts' without attempting to enumerate these, but it is evident that there is some danger of local views becoming unified to such an extent as to enable people to speak of a Vienna school or London school as if they represented different tendencies of a possibly divergent order. This, I am convinced, is in no wise true. The differences are of just that kind that go with imperfect contact, which in the present case are strongly contributed to by geographical and linguistic factors"*<sup>16</sup> (JONES, 1935:263).

Fundamentalmente, Jones problematizou duas questões pertinentes à fase fálica, enunciando um veemente não à posição masculina da menina e à falta da angustia de castração na mulher, ainda que, para sustentar suas idéias, tenha modificado inclusive o conceito de castração. Seu esforço foi o de traçar a via real da evolução da feminilidade no nível biológico, através da migração da pulsão erótica, para contrapor-se ao que considerou um artificialismo de Freud, isto é, a noção de uma posição inicialmente fálica na mulher. Fez-se o defensor de uma abordagem naturalista quando considerou inadmissível que a evolução da sexualidade na mulher esteja fadada ao desvio do falicismo. A fase fálica da menina, segundo Jones, repousa numa pulsão cujos apoios naturais ele demonstrou em dois elementos: a bissexualidade biológica primordial e a presença de um esboço do órgão fálico. Achava absurdas e artificiais as duas mudanças, a de sexo e a de objeto de amor, que a menina freudiana deveria fazer no transcorrer do desenvolvimento, alegando que a mulher não é um homem castrado, nem um homem transformado em mulher. A seu ver, a fase fálica freudiana é contrária a feminilidade presente desde o início, observável através da atitude tipicamente receptiva e aquisitiva da menina na etapa da oralidade, da qual ela se defende através de uma atitude masculina, na proporção em que se vê tomada num circuito agressivo e persecutório nas primeiras relações objetais. Enquanto, para Freud, o tornar-se

---

<sup>16</sup> Eu uso a expressão 'muitos analistas' sem tentar enumerá-los, mas é evidente que há algum perigo de visões locais se tornarem unificadas de tal forma a permitir que as pessoas se refiram a uma escola de Viena ou escola de Londres, como se elas representassem diferentes tendências de uma ordem possivelmente divergente. Isto, eu estou convencido, é uma inverdade. As diferenças são do tipo que geram um contato imperfeito, que no presente caso, são fortemente implicadas por fatores geográficos e linguísticos.

mulher é o resultado de um processo muito complexo resultante de decepção, de transformações e de equivalências que implicam o circuito do simbólico, para Jones, há muito mais feminilidade na menina do que os analistas queriam admitir.

A crítica de Jones veicula o contraponto entre o que é natural e o que é artificial na determinação da posição sexual do sujeito. De fato, a teoria da fase fálica instaurou a dificuldade de inserir numa racionalidade biológica o que Freud deduzira da experiência, mas que entretanto solicitava uma outra racionalidade não alcançada pela crítica de Ernest Jones. O contraponto entre o que é natural e o que é artificial na assunção da posição do sujeito no sexo de fato só se resolveu com Lacan, que pôde dar um passo adiante nessa questão, desde que reconheceu que o falo é tomado numa certa função subjetiva na qual precisa desempenhar um papel de significante. Ele nos fez ver que o que é natural ou biológico não cessa de referir-se ao plano simbólico, onde se trata da assunção subjetiva, já que o próprio sujeito é tomado na cadeia simbólica.

Para mitigar os problemas de se aceitar como natural o falicismo feminino formulado por Freud, Jones acabou propondo algo mais natural ainda, isto é, a feminilidade primária. O artigo *The Phallic Phase (JONES, 1932)*, foi escrito para responder à crítica de Freud quanto ao conteúdo do artigo, *The Early Development of Female Sexuality (JONES, 1927)*, isto é, a fase fálica definida como formação defensiva e secundária.

*“Uma objeção semelhante aplica-se à opinião de Ernest Jones (1927) de que a fase fálica nas meninas constitui mais uma reação secundária, protetora, do que um estágio desenvolvimental genuíno. Isso não corresponde quer à posição dinâmica quer a posição cronológica das coisas” (FREUD, 1931/1976:279).*

Também na conferência *Feminilidade (FREUD, 1933)* Freud se posicionou contrariamente às teses de Ernest Jones, a despeito de ter sido ele um dos seus discípulos mais considerados, inclusive seu biógrafo.

*“É difícil duvidar da importância da inveja do pênis. Os senhores podem imaginar como sendo um exemplo de injustiça masculina eu afirmar que a inveja e o ciúme desempenham, mesmo, um papel de relevo maior na vida mental das mulheres, do que na dos homens. Não é que eu pense estarem essas características ausentes nos homens, ou julgue que elas não tenham nas mulheres outras raízes além da inveja do pênis; estou inclinado, no entanto, a atribuir sua quantidade maior nas mulheres a essa influência. Alguns analistas mostraram uma tendência a minimizar a importância dessa primeira instalação da inveja do pênis na fase fálica. Opinam que aquilo que encontramos dessa atitude em mulheres é, principalmente, uma estrutura secundária surgida por ocasião de conflitos posteriores, mediante regressão a esse impulso infantil inicial” (FREUD, 1933/1976:154).*

A questão é, pois, saber qual a solução proposta por Jones para a fase fálica, noção que ele queria conservar por fidelidade a Freud, ao mesmo tempo que apoiava Melanie Klein e as feministas. Sua saída foi afirmar que a fase fálica é mais complexa do que pareceu a Freud, complexidade essa que ele tratou dividindo a fase fálica em duas etapas, a etapa protofálica e a deuterofálica. Somente a segunda fase implica a divisão entre fálico e castrado, fase acompanhada, portanto, de angústia para ambos os sexos. A passagem de uma para a outra supõe a descoberta da diferença de sexos e está associada ao medo da castração, que se reduz ao medo masculino de perder o órgão fálico. Para resolver o problema levantado por Freud sobre a falta de motivos para a angústia da castração na mulher, Jones propôs o conceito de *aphanisis*, isto é, trata-se de um medo da abolição total do desejo. O temor da *aphanisis*, pode ser atribuído aos dois sexos por se tratar de uma ameaça que não concerne especificamente ao órgão, mas implica o temor de extinção total e permanente do prazer sexual. Isso somente se justifica mediante uma total confusão entre o falo e o órgão.

Jones diferenciou três momentos da fase fálica da menina. No primeiro, na fase protofálica, a feminilidade está associada à incorporação oral do pênis, equivalente ao seio. Essa etapa se conclui com a descoberta da diferença sexual que marca a entrada da menina na fase deuterofálica. A fase deuterofálica é uma defesa secundária da menina contra sua feminilidade primária, que ela teme ser destruída por retaliação aos ataques feitos à mãe, mediante a frustração oral. Enfim, Jones interpretou a fase fálica como um sintoma da feminilidade recalcada, sintoma cuja estrutura pode ser a mesma

de uma fobia ou de uma perversão, o que deixaria ao falo o papel de objeto fóbico ou fetiche. Nos dois casos, o que está em jogo é uma sintomatização da angústia feminina, uma formação defensiva, cuja finalidade é apaziguar o perigo gerado pela frustração das pulsões na precoce relação de objeto. Comentando Jones, Lacan disse:

*“Assim é que certos autores foram levados a considerar a fase fálica como efeito de um recalque, e a função que o objeto fálico assume nela como um sintoma: fobia, diz um, perversão, diz o outro, e às vezes o mesmo. Neste último caso, depreende-se que nada mais funciona: não que não se apresentem transmutações interessantes do objeto de uma fobia em fetiche, mas, precisamente, se elas são interessantes, é pela diferença de seu lugar na estrutura”*(LACAN, 1958/1998:694).

A saída da fase fálica deveria ser concebida tal como a cura de uma fobia, isto é, uma fobia normal, porém da mesma ordem e com o mesmo mecanismo paradigmático da fobia. Segundo esta concepção, a menina recalca sua apreensão da vagina a qual ela não ignora. O que impõe o recalque é a sua relação com seu próprio sexo, que evoca uma ansiedade maior do que a do menino, porque o órgão sexual feminino é mais interno, mais difuso, e cuja integridade não pode ser assegurada pela percepção. Disso resulta uma enorme angústia cujo deslocamento sintomático implica o clitóris, que é mais representável, mais exteriorizável, tomado, então, na mesma função de um objeto fóbico ou fetiche, de deter e conter a angústia. Trata-se da angústia diante do feminino, isto é, diante do inominável. Aqui encontramos a sutileza e o valor da articulação de Jones, ao aproximar a função do falo à função da fobia, pois essa aproximação evoca alguns passos de Lacan na concepção de sua teoria do falo. Por exemplo, podemos mencionar a elaboração que Lacan fez do objeto fóbico como um significante que serve para tudo, isto é, que implica uma multiplicidade de significações. A fobia, como pudemos verificar com o caso do pequeno Hans, organiza todo um campo de significações em torno do sexual. Contudo, faltou a Jones o passo de especificar o caráter significante em jogo na função do objeto fóbico.

O que Freud definira como complexo de masculinidade na mulher indicava, na verdade, uma ligação da mulher com o elemento fálico. Ainda que a querela do falo tenha partido da petição de princípio de que não podia ser assim, ela

acabou promovendo uma antítese da tese freudiana, que serviu a Lacan para dar um passo adiante. Esse passo consistiu em formalizar que o falo intervém na sexualidade como significante. Lacan soube destacar da elaboração de Jones, o reconhecimento dado à ligação do inominável da feminilidade com o elemento fálico, ligação destinada a deslocar a angústia. Ele procurou se servir dessa função do elemento fálico no desenvolvimento sexual da menina para esclarecer sobre o que é o falo.

*“Se é assim mesmo, como diz Jones, que a relação da menina com o falo deve ser concebida, decerto estamos nos aproximando da concepção que lhes forneço quando lhes digo que é a título de elemento significante privilegiado que o falo intervém na relação edipiana da menina”(LACAN, 12/03/1958/1999).*

Entretanto, Lacan nos advertiu quanto às elaborações de Jones, que significam, em última instância, uma prova de seu naturalismo, desde que se deixou levar pelo sistema teórico kleiniano. Primeiramente, porque o papel prevalente do falo na organização genital não pode ser deduzido somente da anatomia dos órgãos genitais. E depois, porque acabou operando uma redução do falo ao objeto parcial. Disso resultou uma degradação da função do pai e da castração. Em 1960, Lacan abriu a sua intervenção, que recebeu o título de *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina (LACAN, 1960)*, com um subtítulo de *Introdução histórica*, na qual descrevia o panorama de uma psicanálise que, dessa maneira, desfocava o seu centro:

*“Se considerarmos a experiência da psicanálise em seu desenvolvimento nos últimos sessenta anos, não será surpresa salientarmos o fato de que, tendo sido inicialmente concebida baseando na repressão paterna o complexo de castração, rebento primeiro de suas origens, ela orientou progressivamente para as frustrações oriundas da mãe um interesse tal que esse complexo, por ter suas formas distorcidas, não foi melhor elucidado”(LACAN, 1960/1998:734).*

Uma característica da leitura pós-freudiana da psicanálise, preconizada pelas teorias sobre a sexualidade feminina nascidas da querela do falo, foi deslocar para o primeiro plano da teoria e da prática a ênfase na relação primordial com a mãe. O privilégio atribuído, na teoria e na prática da psicanálise, à figura da mãe e aos problemas da relação objetal incidiu diretamente na concepção do falo depois de Freud.

No artigo dos *Escritos* encontramos sob outros subtítulos que delimitaram algumas das diretrizes sobre a sexualidade feminina - *Fulgor das ausências, A obscuridade quanto ao órgão vaginal, O complexo imaginário e as questões do desenvolvimento, Desconhecimento e preconceitos* - um diálogo de Lacan com Jones, onde o primeiro, muito contundentemente, tomou o partido de Freud na querela do falo.

*“Se considerarmos que isso é tudo a que Jones é levado pela iniciativa de reduzir o paradoxo de Freud, que instala a mulher no desconhecimento primário de seu sexo, mas que é também temperado pela confissão instruída de nossa ignorância – iniciativa tão movida em Jones pelo preconceito de dominância do natural, que ele se compraz em atestá-la com uma citação do Gênesis -, não vemos muito bem o que se possa ter ganho. Pois, já que se trata do prejuízo causado ao sexo feminino (“uma mulher nasce ou é feita?”, exclama Jones) pela função equívoca da fase fálica nos dois sexos, a feminilidade não parece ser mais especificada no que a função do falo se impõe, ainda mais equívoca, por ser recuada até a agressão oral” (LACAN, 1960/1998:738).*

Ao buscar dar um passo adiante em relação à leitura pós-freudiana, Lacan acabou atribuindo a Jones o adjetivo de um espírito fraco. Isso porque sua teoria implica a suposição de uma harmonia primitiva e natural na relação entre os sexos, que a incidência do falo e da castração apenas viria perturbar artificialmente. Conceber a fase fálica como defesa significa supor que tudo já estaria inscrito no inconsciente sobre o encontro sexual. Mas o que desde os *Três Ensaio*s Freud sustentou é que nada mostra, no desenvolvimento da criança, que estejam construídos os trilhos de acesso livre do homem à mulher e vice-versa. Por trás da crítica ao artificialismo de Freud, encontramos uma concepção que ignora a lógica do significante na fabricação das identificações sexuais.

*“O erro é partir da idéia de que existem a linha e a agulha, a moça e o rapaz, e entre um e outro uma harmonia preestabelecida, primitiva, de tal maneira que se alguma dificuldade se manifesta, só pode ser por alguma desordem secundária, algum processo de defesa, algum acontecimento puramente acidental e contingente” (LACAN, 05/12/1956/1995).*

A oposição de Jones ao artificialismo de Freud, na opinião de Lacan, teria custado a Jones a redução do falo ao objeto parcial.

*“Na verdade, o que ganhou ele ao normalizar a função do falo como objeto parcial, se teve de invocar sua presença no corpo da mãe como objeto interno – expressão que é função das fantasias reveladas por Melanie Klein -, e se tampouco pôde separar-se da doutrina desta última, relacionando essas fantasias com a recorrência da formação edípica até os limites da primeira infância?”(LACAN, (1958/1998:695)*

O passo adiante dado por Lacan nas questões sobre a mulher, discutidas na querela do falo, consistiu em articular a relação da mulher com o falo como estruturante de sua entrada no mundo simbólico.

*“Trata-se, na verdade, de ir além da teoria da pulsão natural e ver que o falo intervém, efetivamente, da maneira que lhes expus nas premissas da aula de hoje. E isso não é outra coisa senão o que acabamos de discernir por outros caminhos, ou seja, que o falo intervém aqui como significante”(LACAN, 12/03/1958/1999:289).*

Para isso, foi necessário admitir que o falo é o que introduz o sujeito, no nível genital da pulsão, na simbólica do dom<sup>17</sup>.

*“A simbólica do dom e a maturação genital, que são duas coisas diferentes, estão no entanto ligadas por um fator que está incluído na situação humana real, a saber, as regras instauradas pela lei quanto ao exercício das funções genitais, na medida em que estas entrem efetivamente em jogo na troca inter-humana. É porque as coisas se passam neste nível que há uma ligação tão estreita entre a simbólica do dom e a maturação genital. Mas isso não tem, para o sujeito, nenhuma coerência interna, biológica, individual” (LACAN, 16/01/1957/1995 :124).*

O próprio Lacan assim definiu seu empreendimento: *“situar o ponto preciso onde um assunto se esquia”(LACAN,30/01/1957:154).*

*“Para evitar as errâncias a que os autores se vêem conduzidos no decorrer dos anos [...], o nervo diferencial é o seguinte: não se trata em absoluto de um falo real na medida em que, como real, ele exista ou não exista, trata-se de um falo simbólico, na medida em que é de sua natureza apresentar-se na troca como ausência, ausência funcionando como tal”(LACAN, 30/01/1957/1985:154).*

O ponto preciso situado por Lacan concerne à função do falo nas trocas simbólicas, que certamente implicam a mulher. Pareceu-nos que aí temos o

---

<sup>17</sup> O dom é um conceito que Lacan tomou de Marcel Mauss, cujo estudo propôs mostrar que a troca se apresenta nas sociedades primitivas menos em forma de transações que de dons recíprocos. A forma primitiva das trocas não tem somente caráter econômico, mas constitui um fato social total, isto é, dotado de significação diversa, isto é, jurídica, moral, social, religiosa, sentimental. Estabelece-se o intercâmbio de nada por nada, no qual se anula a dimensão do valor natural correlacionado ao objeto. Trata-se da anulação do valor natural do objeto devido a ação exercida sobre ele pela linguagem. O exemplo dado por Mauss é o *Potlatch*, que coloca em jogo a gratuidade.

ponto de partida na concepção estrutural do falo, que Lacan começou a articular por ocasião do seu quarto seminário *A relação de objeto (1956-1957)*.

### 3.5 A simbólica do dom

A relação da mulher ao falo constituiu uma temática fundamental para a concepção do falo, tanto em Freud quanto em Lacan. Se o falo adquire, para a mulher, um valor simbólico, é que ela se acha inserida numa ordem simbólica. Lacan se esforçou para traçar a gênese do termo fálico na menina, o que o conduziu a elaborar a simbólica do dom. A simbólica do dom coloca em cena o circuito das trocas por onde o desejo humano obtém sua referência estrutural, referência fabricada pelo falo enquanto o que confere um valor aos objetos de desejo.

*“Com efeito, tudo o que se pode transmitir na troca simbólica é sempre alguma coisa que é tanto ausência quanto presença. Ele é feito para ter essa espécie de alternância fundamental, que faz com que, tendo aparecido num ponto, desapareça, para reaparecer num outro. Em outras palavras, ele circula, deixando atrás de si o signo de sua ausência no ponto de onde vem. Em outras palavras ainda, o falo em questão – nós o reconhecemos desde logo – é um objeto simbólico” (LACAN, 30/01/1957/1985:155).*

Se tanto em Freud como em Lacan, não há teoria do falo sem o feminino, o mesmo não podemos afirmar quanto às teses dos seguidores de Melanie Klein, como veremos no próximo capítulo.

*“O falo é inconcebível na dinâmica ou na mecânica kleiniana. Ele só é concebível se implicado desde logo como sendo o significante da falta, o significante da distância entre a demanda do sujeito e seu desejo. Para que se chegue a esse desejo, é sempre preciso fazer uma certa dedução da entrada necessária no ciclo significante. Se a mulher tem de passar por esse signidicante, por mais paradoxal que ele seja, é porque não se trata, para ela, de realizar uma posição feminina primitivamente dada, mas de entrar numa determinada dialética de troca. Enquanto o homem, o varão, é afastado em virtude da existência significante de todas as proibições que constituem a relação do Édipo, ela tem de se inscrever no ciclo das trocas da aliança e do parentesco, a título de ela mesma se tornar aí um objeto de troca”(LACAN, 12/03/1958/1999:296).*

O sujeito feminino é introduzido e instalado na simbólica do dom pelo pai. Sua entrada no complexo de Édipo requer um trabalho de falicização da situação, no qual a falta é o desejo principal, o que é também a característica da ordem

simbólica. O que coloca em evidência a correlação entre o objeto e a falta é, portanto, a sexualidade feminina, uma vez que ela se estrutura em torno da falta do falo. Com Lacan, pudemos depurar a especificidade da falta feminina, o que se tornou essencial para compreendermos a dimensão simbólica do falo. Ele diferenciou a inveja do pênis [*penisneid*] nos diversos tempos da evolução edipiana da menina segundo três modalidades de falta, frustração, privação e castração, desde a entrada até a saída do Édipo.

A frustração é uma falta imaginária que se refere a um objeto real, isto é, o fato de a menina não receber o pênis do pai constitui uma frustração. Uma privação é real, embora se refira a um objeto simbólico, tal como a privação relativa ao filho do pai desejado pela menina, que ela só pode ter simbolicamente. *“É a título de privação, portanto, que o desejo de um filho do pai intervém num momento da evolução”*(LACAN, 12/03/1958/1999:289). Se no real nada falta, a aparição de uma falta no real é efeito do simbólico, pois, no real, nada falta à mulher. Somente pode faltar-lhe o falo no tanto em que ele é um objeto simbólico prevalente na ordem simbólica como tal. *“É na medida em que ela não o tem como pertence, é mesmo na medida em que renuncia a ele, claramente, nesse plano, que ela poderá tê-lo como dom do pai”* (LACAN, 06/03/1957/1985:207). O bebê demandado pela filha ao pai como objeto simbólico implica o dom de amor e, por consequência, concerne à relação do pai com a castração. Já a castração é uma operação que incide sobre um objeto imaginário, isto é, a perda ou renúncia da menina àquilo que conservava a título de esperança, a fantasia de vir a ter o falo. Pois desde Freud, pudemos verificar a falta no inconsciente de um significante da mulher.

#### 4. A REDUÇÃO DO FALO À IDÉIA DE OBJETO PARCIAL E A ERRÂNCIA DA PSICANÁLISE DEPOIS DE FREUD

Foi no contexto da elaboração sobre as formações do inconsciente, durante o seminário *As formações do inconsciente* (LACAN, 1957-1958/1999), que encontramos o enunciado lacaniano sobre a condição de errância da psicanálise, termo que evoca a noção de desvio teórico, e, para além disso, indica o afastamento da causa freudiana. Com o termo errância, é possível também visualizar algo do tipo uma rede de caminhos teóricos, aos quais, entretanto falta um ponto de convergência, uma amarração, isto é uma orientação. Essa é uma imagem do que se tornou a psicanálise ao distanciar-se da orientação freudiana, espalhando-se em várias direções. Ao elaborar a posição central do falo no inconsciente, Lacan afirmava que *“isso basta, por si só, para nos mostrar onde está a errância da psicanálise de hoje. É que ela se afasta cada vez mais dele. Elude a função fundamental do falo, com o qual o sujeito se identifica imaginariamente, e o reduz à idéia de objeto parcial”* (LACAN, 08/01/1958/1999:165). Nossa hipótese de que a redução do falo à idéia de objeto parcial, ligada ao desvio naturalista da psicanálise pós-freudiana, praticamente neutralizou os efeitos da função simbólica na subjetividade, o que comprometeu a abordagem das questões do sexo e da existência.

Ao mencionar os traços que constituem o arcabouço do edifício freudiano, dentre os quais destacamos a função imaginária do falo, Lacan interpreta o incômodo que essa noção, que subverteu definitivamente a abordagem da vida sexual, causou para alguns analistas:

*“Contentar-nos-emos em propor, para sua meditação comum, o efeito de despaisante produzido – com respeito a uma especulação que se dedicou a girar em círculos entre desenvolvimento e meio ambiente – pela simples menção dos traços que, no entanto, são o arcabouço do edifício freudiano, quais sejam, a equivalência, sustentada por Freud, da função imaginária do falo nos dois sexos (desespero, por muito tempo, dos cultuadores de falsas janelas “biológicas”, isto é, naturalistas), o complexo de castração descoberto como fase normativa da assunção de seu próprio sexo pelo sujeito, o mito do assassinato do pai, tornado necessário pela presença constitutiva do complexo de Édipo, em toda história pessoal, e, last but not ..., o efeito de desdobramento introduzido na vida amorosa pela própria instância repetitiva do objeto sempre reencontrado como único. Será que ainda é preciso lembrar o caráter intrinsecamente dissidente da noção de pulsão em Freud, a disjunção por princípio da tendência, de sua direção e de seu objeto, e não apenas sua “perversão” original, mas sua implicação numa sistemática conceitual, aquela cujo lugar Freud marcou, desde os primeiros passos de sua doutrina, com o título de teorias sexuais infantis? (LACAN, 1958/1998: 549-549).*

Para reelaborar o conceito de falo no retorno a Freud, Lacan não pôde prescindir da leitura, ainda que crítica, da teoria das relações objetais, a qual se dedicou especialmente no seminário *A relação de objeto* (LACAN, 1956-1957/1995). Ele valorizou, sobretudo, o capital da experiência clínica que se ligou legitimamente aos analistas da relação de objeto, o que não o impediu de enfatizar o descrédito atribuído ao conceito de relação objetual, devido à soma de concepções muito pouco freudianas, que se pretendeu validar naqueles tempos, sob a sua égide. A crítica lacaniana da noção de relação de objeto consistiu em desfazer a neutralização da função fálica, operada pelo pós-freudismo. Veremos nesse capítulo, que antes de definir o falo como um significante, Lacan o definiu como objeto, a partir da disjunção entre o falo e o objeto parcial.

#### 4.1 O primado da relação de objeto

Enquanto em Freud, a posição central do objeto fálico para o sujeito, isto é, a falta de objeto, implicava a prevalência da castração como pivô da dialética libidinal, ao contrário, a teoria da relação de objeto colocou no centro da subjetividade o objeto e a frustração. Isso fica patente na abordagem do falo segundo a qual o falo é um objeto parcial, tomado na série dos demais objetos pulsionais. O primado da relação de objeto pretendeu dar à relação de objeto

um papel fundamental na psicogênese do sujeito, como também nas diversas vicissitudes de sua patologia, considerada, em última instância, patologia das atitudes relacionais. Além disso, sob a égide da relação objetal, foram promovidas modificações dos objetivos e da técnica do tratamento analítico. Mas quais teriam sido as razões da ampla inserção da teoria e da prática da relação de objeto no meio analítico, considerando-se que, nela, o falo se reduz a um objeto parcial? Quais os efeitos disso na clínica psicanalítica?

Relação de objeto é uma expressão que designa o modo de relação do indivíduo com o seu mundo, relação que é o resultado complexo e total de uma determinada organização da personalidade, de uma apreensão mais ou menos fantasmática dos objetos e de certos tipos privilegiados de defesa. A relação de objeto implica a relação com a outra pessoa, mas com a pessoa quando ela é visada pelas pulsões, isto é, qualificada de objeto. O termo relação, tomado na plena acepção da palavra, uma inter-relação, implica a forma como o sujeito constitui os seus objetos e a forma como eles modelam a sua atividade. A noção de relação de objeto implica as modalidades de relação objetal, nas quais se consideram os fatores da tipicidade de cada relação, tais como, a vida pulsional, os mecanismos de defesa correspondentes, o grau de desenvolvimento e a estrutura do ego. Acentua a vida relacional do sujeito, tendendo-se a considerar as relações reais com o seu meio. Disso decorrem modificações quanto à teoria da pulsão. O alvo pulsional tido como satisfação sexual de uma zona erógena se apaga diante da noção privilegiada de relação. Por exemplo, o que se torna centro de interesse na relação de objeto oral, são as metamorfoses da incorporação e sua forma enquanto fantasmática, predominante no centro de todas as relações do sujeito com o mundo.

Quanto ao objeto, não se leva em conta sua inscrição na história do sujeito, determinada por um circuito pulsional que não é sem relação com o campo do Outro. Trata-se de um objeto típico para cada um dos modos de relação tais como, objeto oral, anal, fálico, genital. O objeto parcial foi um conceito introduzido por Karl Abraham no campo analítico. Ele o postulou como o objeto em torno do qual a libido se organiza e que evolui para a condição de objeto total. Seu artigo *Breve Estudo do Desenvolvimento da Libido, Visto à Luz das*

*Perturbações Mentais (ABRAHAM, 1924/1970)* teve importância decisiva sobre o futuro da teoria das relações de objeto, particularmente desenvolvida por Melanie Klein.

Três eixos principais estruturaram a obra de Abraham: a teoria dos estágios, o fundamento sexual de toda neurose e a teoria do objeto parcial. A contribuição mais importante de Karl Abraham à psicanálise foi a sistematização da teoria dos estágios sob a forma de uma teoria do desenvolvimento da libido. De acordo com as indicações de Freud, ele estabeleceu um esquema preciso do desenvolvimento da libido. Esse esquema compreende uma série de organizações libidinais distribuídas em estágios: oral, anal, fálico e genital. A cada um dos estágios corresponde um amor de objeto diferente que pode constituir muitos pontos de fixação patológica. O que Abraham reteve dos *Três Ensaio*s é a existência de pulsões parciais de onde se deduz a noção de objeto parcial. Para ele, as pulsões parciais permanecem sob o primado do falo, embora explicasse essa primazia através de argumentos absolutamente evolutivos. No artigo sobre o desenvolvimento da libido, leva às últimas conseqüências o paralelo do desenvolvimento psicosssexual com os processos biológicos, afirmando, por exemplo, a hipótese da ontogênese psicológica, quer dizer, que o indivíduo recapitula a história de sua espécie em seus aspectos psicológicos. Prova disso é sua abordagem do desenvolvimento do amor objetual, no seu artigo de 1924, portanto contemporâneo da tese freudiana da primazia do falo:

*“Vimos que a organização genital da libido se divide em duas fases que correspondem a dois estágios do desenvolvimento orgânico do amor objetual. Aqui, mais uma vez, o desenvolvimento orgânico do indivíduo fornece o modelo. Os órgãos genitais são a princípio ‘indiferenciados’ e somente mais tarde que se diferenciam em ‘masculino’ e ‘feminino’. Isto se aplica tanto às glândulas generativas quanto aos órgãos de cópula. Da mesma maneira detectamos um processo gradual de diferenciação na vida psicosssexual do indivíduo”*(ABRAHAM, 1924/1970:160).

Diferentemente de outros discípulos de Freud, Abraham não questionou a tese da primazia do falo, o que não significou que ele a tivesse compreendido. Acabou compatibilizando-a com o esquema do desenvolvimento, desconhecendo que o falo não se reduz a um objeto parcial. Entretanto,

quando o falo se tornou objeto de polêmica e de discórdia entre os analistas, Abraham não estava mais presente para tomar posição no debate dos anos trinta. O que ele valorizou, especialmente, em seu estudo do desenvolvimento e que contaminou toda a abordagem da transferência feita pela teoria da relação de objeto, foi a questão do acesso ao estágio genital. É exatamente esse acesso que define a capacidade de amar e, conseqüentemente, de se adaptar e sublimar. A capacidade de amar supõe a possibilidade de encontro de um objeto total que sob a égide do amor genital, define uma relação harmônica de objeto. Desse modo, o amor genital, pós-ambivalente, corresponderia ao objetivo último do tratamento analítico. E a capacidade de amar tornava-se uma espécie de dado constitucional, que serve de medida do grau de curabilidade de um sujeito, do qual o psicótico, no extremo, se encontra excluído.

A questão da suposta harmonia das relações genitais, visada pela psicanálise depois de Freud, acabou por prejudicar a ênfase antes colocada por Abraham na dimensão da parcialidade pulsional. O problema não está no fato de estabelecer a oposição entre parcial e total, mas na existência hipotética de um objeto total. A idéia de que o desenvolvimento sexual culminaria no encontro do objeto total foi o que precisamente Freud pulverizou no esquema do desenvolvimento, com a interpolação aos *Três Ensaio*s, isto é, com a tese do primado do falo de 1923, pois a noção do falo é, para ele, antievolutiva. A hipótese de um objeto total, quer dizer, do objeto adequado, esperado antecipadamente, cooptado à maturação do sujeito, ignora o núcleo do real da experiência analítica, que aparece em Freud sob a forma da pulsão de morte ou daquilo que escapa ao sentido. Se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é porque ela é pulsão parcial. Seu alvo não é outra coisa senão o retorno em circuito, distinto da realização do emparelhamento reprodutivo.

A questão do objeto sexual é precisamente a que se coloca como decisiva e como elemento diferencial das duas orientações: a) a orientação decorrente do primado do falo; b) a orientação decorrente do primado da relação de objeto,

que prevaleceu junto aos pós-freudianos. No primeiro caso, o falo está no centro, o que significa que há aí uma falta de objeto central, em torno da qual se organizam os objetos pulsionais, sempre parciais. No segundo caso, o que está no centro é a relação do sujeito com o objeto, e a perspectiva do encontro do objeto genital.

A primeira observação de Lacan, a propósito da teoria da relação de objeto, foi a de que essa teoria teve como ponto de partida o seguinte problema: a posição de Freud quanto ao autoerotismo, quer dizer, uma situação do bebê para o qual o objeto não existe, em contraposição à observação clínica de que, desde o início da vida, há relações com os objetos. É preciso dizer que a observação clínica teve um lugar cada vez mais importante numa das atividades pioneiras dos analistas pós-freudianos, isto é, a clínica psicanalítica da criança, de onde extraíram várias interrogações de ordem teórica e prática. Lacan considerou o problema criado em torno da existência primordial do objeto uma pseudopolêmica, pois, com o recurso aos três registros, real, simbólico e imaginário, torna-se possível tratar as relações objetais em diferentes planos. Por exemplo, se precisarmos a diferenciação entre o pequeno outro e o grande Outro, verificamos que o outro imaginário é estruturalmente a forma originária do campo no qual se estrutura para o recém-nascido humano uma multiplicidade de objetos.

A despeito da falsa premissa que guiou o progresso da teoria das relações objetais e da ausência dessa noção no aparelho conceitual freudiano, ela ocupou espaço, proliferou e teve seguidores no movimento analítico. Embora se trate de uma leitura da psicanálise, que abriga diversas referências conceituais, de um modo geral são referências que oscilam entre a teoria da sexualidade em Freud, e a de Karl Abraham. Tal oscilação reflete, na verdade, uma constante tensão entre uma concepção geneticista e outra mais estrutural do desenvolvimento pulsional, que é, por exemplo, muito evidente na obra de Melanie Klein.

A confusão entre o falo e o objeto parcial, tributária da teoria da relação de objeto, foi percebida por Lacan, logo no início do retorno a Freud, concomitantemente ao tratamento de vários impasses da clínica psicanalítica

nos anos cinqüenta. Podemos formular a correlação do falo e do objeto parcial de modo lógico, de tal sorte que possamos considerar os aspectos de uma relação de conjunção e de disjunção entre eles. Se o falo não é o objeto parcial, isso não quer dizer que ele também não seja tomado como tal.

#### 4.2 A redução do falo ao objeto parcial

Em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (LACAN, 1953/1988), que marcou a proposta lacaniana de recuperação do simbólico para a psicanálise, encontramos um levantamento dos problemas da psicanálise naquele momento. Todos eles implicados na prevalência do imaginário em detrimento do simbólico. A teoria do simbólico em Lacan teve um percurso cuja marca registrada foi o seu relatório de 1953, *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*, de onde data a conexão da psicanálise com a lingüística, ponto de partida da teoria do significante. O próprio Lacan situou esse relatório, também conhecido como *Discurso de Roma* (1953,) em oposição ao de Jones, *Early Female Sexuality* (1935), no qual Ernest Jones declarou seu comprometimento com os kleinianos, em divergência com Freud.

*“É que, depois de seu ‘desenvolvimento precoce da sexualidade feminina’, de 1927, e de usa “fase fálica” de 1932, Jones concluíra pela monumental declaração de 1935 diante da Sociedade de Viena, declaração de completa adesão ao genetismo de que Melanie Klein fez o eixo de sua doutrina, e onde qualquer reflexão sobre o simbolismo na psicanálise permaneceu encerrada, até nosso relatório de 1953” (LACAN, 1959/1998:710).*

Lacan circunscreveu os problemas da doutrina psicanalítica em torno de três questões da teoria e da prática analítica, realçando a dimensão dos impasses clínicos a elas associados. Trata-se do problema da função das fantasias na técnica analítica, da noção das relações libidinais de objeto, e da noção de contra-transferência. Cada uma dessas questões indica algumas atividades pioneiras dos analistas pós-freudianos, manifestadas respectivamente em três diferentes fronteiras, quais sejam, a da psicanálise de crianças, a da clínica da psicose e a da formação dos analistas. E representaram para eles, a tentação de abandonar o fundamento da fala, justamente em campos em que sua

utilização, por confinar com o inefável, exigiria mais do que nunca seu exame: a saber, a pedagogia materna, a ajuda samaritana e a mestria/dominação dialética. A avaliação da situação da psicanálise na década de cinquenta, em que foram detectados os problemas já mencionados, parece ter orientado a pesquisa de Lacan nos seus seminários posteriores. Haja vista, por exemplo, os seminários que se seguiram: *As psicoses (LACAN, 1955/1956/1985)*, *A relação de objeto (LACAN, 1956/1957/1995)* e, depois, *A transferência (LACAN, 1960-1961/1992)*.

As três questões isoladas por Lacan suscitam a discussão do papel do falo. Igualmente suscitam a discussão do simbólico ou dos impasses de uma teoria do simbólico na psicanálise antes de Lacan. Tanto na psicanálise de crianças, quanto na clínica das psicoses, e na formação do analista, encontramos problemas que concernem à questão do falo, isto é, ao descaso da função do falo na teoria e na prática dos pós-freudianos. A redução do falo ao objeto parcial inviabilizou o tratamento possível das psicoses, com base nos fundamentos freudianos da clínica, no tanto que a considerou como um problema sem nenhuma articulação ao Édipo e à castração. Também comprometeu a psicanálise de crianças, no tanto que a reduziu a uma psicologia evolutiva, às custas de desconhecer a ação da linguagem na desnaturalização das necessidades infantis e a própria função do falo na relação mãe-criança. E, por fim, modificou a ação analítica nos aspectos táticos, estratégicos e éticos da direção do tratamento, no tanto que a solução de uma análise se reduziu ao encontro de uma identificação mais adaptada aos ideais.

#### 4.2.1 A redução do falo ao objeto parcial na clínica da psicose

Foi a psicose que nos mostrou, ao avesso, o que é a função do falo, ao indicar os efeitos de sua elisão na realidade psíquica. Se Lacan se posicionou aqui em prol de um retorno ao eixo técnico da simbolização da qual a psicanálise teria se afastado, foi porque a extensão do método analítico às psicoses se perdera

nos labirintos do plano imaginário, o que certamente não é sem correlação com a própria função que tem o imaginário na estrutura psicótica.

No *Seminário: as psicoses (1955-1956/1985)* a investigação lacaniana sobre a lógica do significante, de onde se depreendeu o conceito lacaniano de falo, parece ter se desenvolvido, a princípio, a partir do estudo das psicoses, mais precisamente desde o encontro com a paranóia feminina, isto é, com o caso Aymée. Comentando o percurso de seus seminários, Lacan nos disse:

*“Finalmente, no decorrer do terceiro ano, dei-lhes um exemplo manifesto da absoluta necessidade que existe de se isolar essa articulação essencial do simbolismo que se chama o significante, para compreender o que quer que seja, analiticamente falando, no campo propriamente paranóico das psicoses” (LACAN: 1956/1985:10).*

Ao examinar os distúrbios de linguagem presentes na psicose, as alucinações verbais, por exemplo, e fazer a distinção entre fenômenos de código e fenômenos de mensagem, o estudo lacaniano abordou a especificidade da relação entre o significante e o sujeito nessa estrutura. Devido à falta do ponto de basta, promovido pela incidência do significante do Nome do Pai na experiência do Édipo, ocorre que, para o psicótico, se dê uma separação radical entre o significante e o sujeito. De tal modo que ele se vê privado do efeito de sentido, que requer a fixação de um significante a um significado, ou que articula o que é do simbólico ao que é do imaginário.

A observação dos fenômenos psicóticos decorrentes da forclusão do Nome do Pai, testemunhando, de modo negativo, o papel da significação fálica na subjetividade, levaram Lacan à investigação da temática do falo, o que se estendia igualmente à função paterna. Na medida em que o recurso ao Édipo como referência para a compreensão da psicose foi restabelecido por Lacan, pôde-se observar que os fenômenos psicóticos que se devem à forclusão do Nome do Pai demonstram, pelo avesso, a correlação do falo com o Nome do Pai. Quer se trate dos fenômenos de sentido ou de outros, tais como as bengalas imaginárias na pré-psicose, a dissolução imaginária no desencadeamento, a restauração delirante de uma identificação, encontramos, em todos eles, a implicação da vicissitude particular do falo nessa estrutura, qual seja, a sua elisão.

Tão logo Lacan entrou na lógica do significante a propósito da compreensão da paranóia, de imediato verificou o descaso da função do falo no meio analítico da década de cinquenta, que muito afetou a abordagem clínica da psicose. Ele o articulou à uma certa maneira de tratar o símbolo, conforme expressou no artigo *De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses (1958/1998)*.

*O atual descaso pela função do falo (reduzido ao papel de objeto parcial) no concerto analítico não passa da consequência da profunda mistificação em que a cultura mantém o símbolo, entendendo-se isso no sentido como o próprio paganismo só o produziu ao término de seus mais secretos mistérios”(LACAN, 1958/1998:561).*

Sobretudo, a investigação da paranóia colocou em confrontação duas teses, a de Freud, e a dos pós freudianos, uma das quais, citada e comentada por Lacan, foi a de Ida Macalpine e seu estudo sobre Schreber. Para essa analista, que se baseia na noção das relações libidinais de objeto, a paranóia é associada à irrupção de uma fantasia pré-edípica de procriação, presente em crianças de ambos os sexos. Trata-se de uma fantasia de desejo, um desejo de se igualar à mãe na sua capacidade de fazer uma criança. Para Lacan, tal explicação deixa à parte a prevalência dada por Freud à função paterna como determinante da posição do sujeito na estrutura, além de implicar o risco de eludir a função procriadora do pai.

Na última lição do seu terceiro seminário, Lacan faz uma interpretação do Édipo, na qual restitui ao falo seu papel central da economia libidinal em jogo na estruturação edípica. O privilégio do complexo de Édipo é o de introduzir aí o Nome do Pai como ponto de basta, isto é, que tem por função atar o significante ao significado e o imaginário e ao simbólico. Para isso, o pai intervém no jogo entre a criança e a mãe, como portador de um elemento significante irreduzível a toda espécie de condicionamento imaginário. Dessa maneira, a intervenção paterna promove uma detenção na oscilação imaginária entre o ser ou não ser o falo.

*“Dizem-nos que a exigência de uma mãe é a de prover-se com um falo imaginário, e explicam-nos muito bem que sua criança lhe serve de suporte, suficientíssimamente real, por esse prolongamento imaginário. Quanto à criança, isso não oferece dificuldade alguma – macho ou fêmea, ela localiza o falo muito cedo, e, dizem-nos, ela o concede generosamente à mãe, em espelho ou não, ou em duplo espelho. O par deveria muito bem se conciliar em espelho em torno dessa ilusão comum de falicização recíproca. Tudo deveria se passar no nível de uma função mediadora do falo. Ora, o par se acha, ao contrário, numa situação de conflito, e mesmo de alienação interna, cada um por seu lado. Por quê? Porque o falo, se posso me exprimir assim, é vadio. Ele está alhures. Todo o mundo sabe onde a teoria analítica o coloca – é o pai que é suposto ser o seu portador. É em torno dele que se instaura o temor da perda do falo na criança, a reivindicação, a privação, ou o tédio, a nostalgia do falo na mãe. Ora, se trocas afetivas, imaginárias se estabelecem entre a mãe e a criança em torno da falta imaginária do falo, o que é seu elemento essencial da cooptação intersubjetiva, o pai, na dialética freudiana, tem o seu, é tudo, ele não o troca nem o dá. Não há circulação alguma. O pai não tem função alguma no trio, exceto a de representar o portador, o detentor do falo – um ponto, é tudo” (LACAN, 04/07/1956/1985:358).*

#### 4.2. 2 A psicanálise de criança, o falo e a sexualidade feminina

Foi no terreno da psicanálise de crianças, principalmente na clínica dos kleinianos, que destacamos todos os problemas advindos da redução do falo à idéia de objeto parcial, associado ao desvio naturalista da psicanálise. Apesar de Lacan não ter se ocupado diretamente da psicanálise de crianças, a incidência do seu ensino nesse campo foi contundente, pois permitiu uma retificação fundamental dos rumos tomados pela prática analítica com a criança depois de Freud. A concepção lacaniana de falo foi de particular importância, sobretudo aí, onde verificamos freqüentemente os efeitos maléficos de uma neutralização da função fálica na teoria e na prática. Trata-se da redução da prática a uma pedagogia dos cuidados maternos, que toma o desejo pela necessidade, neutralizando toda a ordem da castração ligada à assunção do desejo e à satisfação da pulsão.

O primeiro passo para esse desvio foi dado pelo movimento da querela do falo dos anos trinta. A psicanálise depois de Freud, através da teoria e da prática das relações de objeto, sustentou uma densa interrogação em torno da mãe, do seu papel e das suas falhas na construção da normalidade da criança e na

garantia da felicidade futura do adulto, sem, contudo, poder dar conta dessa interrogação a partir da teoria do significante. Até que ponto, pode-se perguntar, esse interesse predominante pela figura da mãe não constituiu um deslocamento da interrogação freudiana sobre a mulher? Especialmente Melanie Klein e seus seguidores obturaram a pergunta deixada em aberto por Freud sobre o enigma da mulher, deslocando o foco da concepção inicial da psicanálise com base na repressão paterna e no complexo de castração para as frustrações oriundas das falhas dos cuidados maternos. Entretanto, ao fazê-lo, deixaram à parte a relação da mãe com o desejo, com a ordem simbólica, isto é, a particularidade do desejo feminino e o lugar que uma criança pode ocupar nesse desejo; a despeito de toda elaboração de Freud. Pois, se há uma tese relativa à sexualidade feminina, que foi defendida por Freud, trata-se justamente da equivalência da criança ao falo para a mulher.

Se examinarmos a situação da psicanálise de crianças antes de Lacan, podemos situá-la como uma área especializada, em que proliferou a chamada psicanálise do aparelho psíquico em formação, termo que sugere uma oposição à psicanálise do adulto, a de um aparelho psíquico já formado. Essa prática empreendida em mais de um continente se firmou em torno da noção de objeto parcial, que permanecera não criticada até a reformulação da teoria do simbólico. Com participação bastante significativa nessa situação encontramos a Escola Inglesa de Psicanálise, responsável pela expansão do primado da relação de objeto na psicanálise de crianças, através de sua representante maior, Melanie Klein. Os analistas de crianças acreditaram na chance de verificarem as hipóteses sobre a pretendida evolução pulsional na análise de crianças. Por exemplo, essa prática poderia se prestar a evidenciar muito bem os progressos da etapa pré-genital à genital, a passagem das relações de objeto parcial às relações com o objeto total, ou quaisquer outros índices da maturação do sujeito, segundo uma perspectiva geneticista. Sobretudo, o que estava em jogo na psicanálise de crianças, foi descrito por Lacan como uma prevalência do imaginário sobre o simbólico:

*“A função do imaginário, digamos, ou, mais diretamente, das fantasias na técnica da experiência e na constituição do objeto nas diferentes etapas do desenvolvimento psíquico. O impulso proveio, aqui, da psicanálise de crianças, e do terreno favorável oferecido às tentativas e às tentações dos investigadores pela abordagem das estruturações pré-verbais. É também aí que sua culminação provoca agora um retorno, levantando o problema da sanção simbólica a ser dada às fantasias em sua interpretação” (LACAN, 1953/1998:243).*

Esse parágrafo nos remete particularmente à obra de Melanie Klein e a clínica das relações de objeto. Ao aplicar o método analítico às crianças bem jovens, ela projetou a experiência subjetiva aquém do limite do aparecimento da linguagem. Sua clínica nos mostrou claramente todos os impasses provenientes da redução do falo ao papel de objeto parcial. Ou seja, ali onde Freud postulou a falta de objeto, sua negatividade estruturante, Melanie Klein colocou em jogo o objeto parcial. Ela se valeu da categoria do objeto parcial formulada por Karl Abraham, atribuindo-lhe um papel de primeiro plano na teoria da relação de objeto. Mas deu ao objeto parcial de Abraham um destino totalmente particular, ao lhe conferir o estatuto de objeto parcial fantasmático. Segundo os kleinianos, a noção de objeto parcial está no centro da reconstrução do universo fantasmático da criança. Ainda que parcial, o objeto (seio ou outra parte do corpo) é dotado fantasmaticamente de características semelhantes às de uma pessoa. Por exemplo, o seio, tanto quanto o pênis, poderá ser qualificado de perseguidor, tranquilizador, benevolente, bom ou mau.

Ao aproximar-se da experiência primitiva da criança, Klein nos fez descobrir uma relação com o objeto que se estrutura sob a forma que Lacan qualificou de império do corpo materno. Ela deu ao objeto falo o privilégio dentre os outros objetos contidos no interior do corpo da mãe, que são abordados, cobiçados ou atacados pela criança, segundo significações previstas por suas fantasias. Klein fez do falo o mais importante dos objetos, que introduz a criança numa relação especial com o continente do corpo da mãe. Uma série de objetos, entre eles o pênis paterno, coabita no corpo da mãe, como um elemento particularmente nocivo e rival em relação às exigências da criança no que concerne à posse do conteúdo do corpo materno. Assim Melanie Klein descreve as vivências primitivas do Édipo precoce:

*“De acordo com minhas observações, o sadismo alcança seu ponto culminante naquela fase, que se inicia com o desejo sádico-oral de devorar o seio da mãe (ou a mãe toda) e desaparece com o advento do primeiro estágio anal. No período a que me refiro, o alvo predominante do sujeito é apoderar-se do conteúdo do corpo da mãe e destruí-la com todas as armas de que o sadismo possa dispor. Esta fase constitui, ao mesmo tempo, a introdução ao complexo edípico. As tendências genitais começam agora a exercer sua influência, embora esta não seja ainda evidente, porque os impulsos pré-genitais dominam o terreno. Toda a minha argumentação se apóia no fato de que o complexo edípico começa num período em que predomina o sadismo.*

*A criança espera encontrar, no interior do corpo da mãe, a) o pênis do pai, b) excrementos e c) crianças, e homologa todas essas coisas como substâncias comestíveis. De acordo com as mais primitivas fantasias (ou ‘teorias sexuais’) infantis, a respeito do coito entre os pais, durante o ato o pênis do pai (ou todo seu corpo) é incorporado pela mãe” (KLEIN, 1930/1970:295).*

O Édipo precoce, no qual a libido genital faz sua aparição ainda quando predomina a libido oral, constitui, na teoria kleiniana, uma tentativa fracassada de sair da lógica evolucionista presente na abordagem da pulsão produzida por Karl Abraham. Além disso, o Édipo kleiniano significa um retrocesso quanto à determinação psíquica da diferença de sexos, pois a remete, a despeito de toda elaboração freudiana, ao naturalismo da evolução pulsional e da migração natural da libido.

*“Cheguei à conclusão de que as tendências edípicas são liberadas em consequência da frustração que a criança sofre com o desmame e que elas aparecem no fim do primeiro ano e princípio do segundo ano de vida; são reforçadas pelas frustrações anais sofridas durante o treinamento para os hábitos higiênicos. A influência seguinte, determinante dos processos mentais, é a diferença anatômica entre os sexos.*

*O menino, ao sentir-se impelido a abandonar a posição oral e anal pela genital, passa para os fins de penetração, associados à posse de um pênis. Assim modifica, não apenas sua posição libidinosa, mas também seu fim, e isto lhe permite reter os seus objeto de amor original. Na menina, por outro lado, seu fim receptivo é transladado da posição libidinosa mas retém seu fim, que já a conduziria a um desapontamento em relação à mãe. Desta forma origina-se na menina a receptividade para o pênis e ela se dirige então ao pai como objeto de amor” (KLEIN, 1928/1970:253).*

Se tanto para Freud quanto para Lacan, a realidade se constitui a partir do objeto perdido do desejo, para Melanie Klein o que importa é a perda vivida pela criança na posição depressiva, isto é, o luto que constitui a chave da integração do eu e da prova de realidade. Trata-se de uma experiência de perda que implica o objeto real, a perda do seio no desmame, empiricamente

verificável. Para Klein, a constituição da realidade psíquica é um reflexo do vínculo fantasmático mãe e filho, sendo a fantasia o significado primário dos processos mentais inconscientes. A realidade se divide em exterior e interior, mundo externo e interno, mau e bom, isto é, uma série de oposições que delimitam um campo projetivo, onde tudo indica que a construção da realidade se dá a partir de uma espécie de autogênese de fantasias primordiais.

*“Tenho assinalado que o objeto do sadismo em seu zênite, e do impulso epistemofílico que surge simultaneamente com ele, é o corpo materno com seus conteúdos fantasiados. As fantasias sádicas dirigidas contra o interior do corpo materno constituem a relação primeira e básica com o mundo exterior e com a realidade. Do grau de êxito com que o sujeito atravessa essa fase dependerá a medida em que possa alcançar, em seguida, um mundo externo que corresponda à realidade” (KLEIN, 1930/1970:297).*

O que é do mundo exterior é dado como algo que é projetado do interior, sendo o primeiro constituído à imagem e semelhança do segundo. Dessa maneira, sem a sanção simbólica do Outro como o lugar dos significantes, as fantasias foram reduzidas à sua dimensão apenas imaginária.

A questão não é que Melanie Klein não tenha se interessado pelo simbólico, mas de como acabou reduzindo-o ao plano do imaginário. Ela fez considerações importantes sobre o papel do símbolo na formação do eu, tema do artigo *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego* (KLEIN, 1930/1970:295). A angústia advinda das primeiras relações objetais se encontra na base da constituição do processo de simbolização. Este processo implica o ego e seu desenvolvimento na tarefa de dominar a angústia, como também pode ser detido pelo excesso de angústia. Para Klein, o simbolismo é o fundamento de toda sublimação, uma vez que é através da equação simbólica que as coisas, as atividades e os interesses se convertem em temas de fantasias libidinais. Entretanto, Melanie Klein tem uma descrição particular do processo de constituição das equações simbólicas:

*“Como a criança deseja destruir os órgãos (pênis, vagina, peito) que representam os objetos, começa a temer estes últimos. A ansiedade contribui a que equipare os referidos órgãos com outras coisas; devido a esta equiparação, estas, por sua vez, se converterão em objetos de ansiedade. E assim a criança se sente constantemente impelida a fazer novas equações que constituem a base do seu interesse nos novos objetos e do simbolismo” (KLEIN, 1930/1970:297).*

No artigo *A importância da formação de símbolos (1930/1970)*, Melanie Klein relata um caso clínico, o caso Dick, um menino de quatro anos, cujo desenvolvimento intelectual se encontrava no nível de uma criança de quinze meses. O diagnóstico de inibição generalizada do desenvolvimento do ego, definida como a detenção da formação de símbolos, da vida de fantasia e da relação com a realidade, demonstrava, de acordo com Melanie Klein, o fracasso do processo de simbolização, decorrente de uma incapacidade constitucional de tolerar a angústia persecutória. Tal angústia é tributária de uma relação de objeto na qual a esfera genital produziu uma prematura identificação com o objeto atacado, favorecendo uma defesa igualmente prematura contra o sadismo dirigido contra o corpo da mãe. A interpretação kleiniana da relação de Dick com os objetos do mundo externo é uma interpretação na qual ela coloca em jogo a significação fálica e o conteúdo edípico. Entretanto, podemos verificar que se trata de uma imaginarização do falo.

*“O menino era indiferente à maior parte dos objetos e brinquedos que via ao seu redor e nem entendia sua finalidade ou sentido. Mas se interessava pelos trens e estações ferroviárias, pelas maçanetas de portas, pelas portas e pelo movimento de abri-las e fechá-las. O interesse por esses objetos e ações tinha uma origem comum; relacionavam-se, realmente, com a penetração do pênis no corpo materno. As portas e fechaduras representavam os orifícios de entrada e saída do corpo materno, ao passo que as maçanetas representavam o pênis do pai e o seu próprio. Portanto, o que havia produzido a parada da atividade de formação de símbolos era o temor ao castigo que receberia (especialmente por parte do pênis do pai) quando houvesse penetração no corpo da mãe”(KLEIN, 1930/1970:301-302).*

Verificamos que, na elaboração kleiniana, o pai está representado sob a forma do pênis contido no corpo da mãe, o que traduz uma precariedade desse aparato conceitual para formalizar a função paterna, que acaba também sendo reduzida ao plano do imaginário. Entretanto, o valor atribuído por Lacan à obra de Klein está no fato de ela dizer coisas que têm toda sua importância, embora essas coisas permaneçam num plano predominantemente intuitivo:

*“Quanto mais ela recua no plano imaginário, mais constata a precocidade – muito difícil de explicar, se nos ativermos a uma idéia puramente histórica do Édipo – do aparecimento do terceiro termo paterno, e isso desde as primeiras fases imaginárias da criança. É nisso que digo que a obra diz mais do que pretende dizer” (LACAN, 15/01/1958/1998:170).*

Comentando os problemas do sistema teórico kleiniano, Lacan destaca a dimensão estrutural do Édipo, fazendo um contraponto com o naturalismo de Melanie Klein e seus seguidores:

*“É muito difícil não vermos que esses dados acusam e aprofundam o caráter problemático de relações que nos são apresentadas como supostamente naturais, ao passo que as vemos desde logo estruturadas pelo que chamei, da última vez, de toda uma bateria significativa, articulada de tal modo que nenhuma relação biológica natural é capaz de explicar suas causas”*(LACAN, 12/03/1958/1998:293).

Ao retroceder a incidência do complexo de Édipo para as vivências da primeira etapa das relações objetais, operando na prática com um manejo imaginário do Édipo, a abordagem kleiniana deixou a sexualidade fora da lógica do significante, fora da organização fálica da libido. De acordo com sua teoria, o falo, tanto quanto os outros objetos parciais, são naturalmente constituídos por uma dinâmica pulsional já dada, à revelia do que se passa no campo do Outro e à parte da ação da linguagem, isto é, da incidência do significante sobre as necessidades.

O problema do falo como objeto parcial no sistema teórico kleiniano, definição que também foi adotada por Ernest Jones, constituiu motivo de algumas perguntas endereçadas por Lacan a Jones. A primeira indaga sobre qual seria a afinidade do falo como objeto mau, herdeiro do seio mau, com o pai: *“Será o mau objeto de uma falofagia fantástica, que o extrai do seio do corpo materno, um atributo paterno?”*(LACAN, 1960/1998:738). A segunda pergunta incide sobre o falo como objeto bom, herdeiro do seio bom e seu estatuto simbólico:

*“Sendo o mesmo elevado à categoria de bom objeto e desejado como um mamilo mais manejável (sic) e mais satisfatório ( em quê?), a pergunta se precisa: será do mesmo terceiro que ele é tomado de empréstimo? Pois não basta adornar-se com a noção de casal parental combinado, resta ainda saber se é como imagem ou como símbolo que esse híbrido se constitui”*(LACAN, 1960/1998:738).

As perguntas de Lacan visam denunciar, no sistema teórico kleiniano, o problema da ausência de uma correlação do falo com o Nome do Pai. Enlaçar o falo ao seio e à mãe, tal como o encontramos enquanto objeto parcial na teoria da relação de objeto, conduz ao impasse sobre o Nome do Pai. Vale aqui

ressaltar o conceito de imago dos pais combinados ou unificados que constitui uma teoria sexual infantil kleiniana.

*“Expressão introduzida por Melanie Klein para designar uma teoria sexual infantil que se exprime em diversos fantasmas que representam os pais unidos numa relação sexual ininterrupta; a mãe contendo o pênis do pai, ou o pai na sua totalidade; o pai contendo o seio da mãe, ou a mãe na sua totalidade; os pais inseparavelmente confundidos num coito”(LAPLANCE, 1967/1970:419).*

A idéia de pais unificados se articula ao conceito de Édipo precoce e constitui uma espécie de variação do tema da fantasia da mulher fálica, isto é, a mulher que possui um pênis incorporado no decorrer do coito representa os pais acasalados. Enquanto, para Freud, a fantasia da mulher fálica decorre do desconhecimento da diferença de sexos e da castração feminina, para M. Klein, ela decorre de fantasias infantis mais primitivas, fantasias persecutórias, associadas ao sadismo pulsional arcaico, causador da angústia infantil primária. Além disso, a noção kleiniana de pais combinados provém da imagem do primeiro coito oral e vale como símbolo da primeira relação sexual, símbolo esse que, na verdade, não existe no inconsciente.

#### 4.3 O falo não é um objeto parcial

A afirmação “o falo não é um objeto parcial” nos chama a atenção devido ao seu caráter de negatividade, que encontramos também em outros enunciados sobre o falo presentes na obra de Lacan, tais como, “o falo não é uma fantasia”, “o falo não é o órgão”, todos eles presentes nos *Escritos*, no artigo dedicado à questão do falo, *A significação do falo* (LACAN, 1958/1998).

Se o falo não é, como pensavam os pós freudianos, um objeto parcial, o que é ele então? Trata-se de um objeto, ainda que esse não seja parcial? Trataremos, em seguida, da correlação entre o falo e o objeto parcial, cuja análise encontramos em diversos momentos da obra de Lacan. Entretanto, vamos privilegiar o trabalho desenvolvido em dois seminários, *A relação de objeto* (1956-1957/1995) e *As formações do inconsciente* (1957-1958/1999), além de um artigo dos *Escritos*, *De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses* (LACAN, 195/1998). Desse período datam o Esquema R

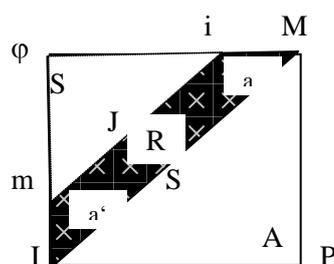
com o qual podemos confrontar as concepções lacaniana e kleiniana do falo e do objeto parcial; o matema da metáfora paterna, que inscreve o falo no campo do Outro, como produto do Édipo e o grafo do desejo, que articula a função imaginária do falo ao desejo e à sua significação.

O retorno à orientação freudiana, que possibilitou a gênese do conceito de falo em Lacan, teve início com a releitura do Édipo e implicou também a revisão do conceito kleiniano de Édipo precoce. Como resultado disso temos o Esquema R, cuja produção testemunha o encontro de Lacan com Melanie Klein, o que ele valorizou de sua obra, assim como o que criticou, e, por fim, o que pôde retificar em relação à orientação freudiana.

*“Esse esquema, de fato, permite demonstrar as relações que se referem, não aos estádios pré-ediípianos, que não são inexistentes, é claro, mas são analiticamente impensáveis ( como evidencia suficientemente a obra vacilante mas orientada da sra. Melanie Klein), porém às fases pré-genitais, tal como ordenadas na retroação do Édipo” (LACAN, 1958/1998:560)*

A importância maior do Esquema R para nossa investigação é que, nele, encontramos uma primeira formalização da concepção estrutural do falo, escrito como  $\varphi$  no vértice do triângulo imaginário desse esquema, distinto do objeto parcial. O Esquema R formaliza o início da abordagem estrutural do falo em Lacan como repercussão da abordagem estrutural do complexo de Édipo. Diz Lacan: *“essa função imaginária do falo, portanto, Freud a desvelou como pivô do processo simbólico que arremata, em ambos os sexos, o questionamento do sexo pelo complexo de castração”*(LACAN, 1958/1998:561). Essa função, que constituiu *“o desespero dos cultuadores das falsas janelas biológicas, isto é, os naturalistas”* (LACAN, 1958/1998: 549), é que retira o ser sexuado e a relação entre os sexos do domínio do saber da ciência natural. A incidência da função imaginária do falo na origem do questionamento do sexo desnaturaliza as relações entre os sexos e a própria identificação sexual. Caso contrário, teríamos uma identificação com o ser sexuado, isto é, o reconhecimento tanto do homem quanto da mulher enquanto seres sexuados, assegurada pelo ato sexual.

O Esquema R se constitui de três planos: o triângulo do imaginário, a faixa do real e o triângulo do simbólico.



Esquema R de Lacan

No triângulo do simbólico, encontramos uma tríade de termos, I, P e M, que são as fundações significantes de todo o progresso do sujeito no Édipo, precisamente o que faltou no sistema teórico kleiniano. Considerando, então, os vértices do triângulo simbólico, temos I, como ideal do eu, M, como o significante do objeto primordial, e P, como a posição em A do Nome do Pai, isto é, “*três significantes onde se pode identificar o Outro no complexo de Édipo*” (LACAN, 1958/1998:557). No triângulo do imaginário, encontramos os termos homólogos à tríade significativa do simbólico,  $\phi$ , i e m, localizados no nível do significado, do lado onde está o sujeito. Esses três termos, respectivamente, o falo, a imagem especular e o eu, designam as imagens que assumem o papel de guias.

A retificação da errância da psicanálise depende de se levar em conta os termos do triângulo simbólico do Esquema R, como os que fornecem o lastro simbólico do triângulo imaginário. A conjunção entre os planos simbólico e imaginário se apresenta no esquema sustentada pela articulação entre o elemento do vértice do triângulo simbólico, o pai, e o elemento do vértice do triângulo imaginário, o falo. A posição do falo no vértice do triângulo imaginário é homóloga ao posicionamento do Nome do Pai no lugar do Outro no vértice do triângulo simbólico. A ligação de um termo a outro é de ordem metafórica. Num plano, o do imaginário, temos a imagem fálica e, no outro, o do simbólico, temos o significante.

O esquema R representa as linhas de condicionamento do mundo percebido, enquanto linhas que circunscrevem o campo da realidade do sujeito. O campo da realidade está delimitado pelo quadrilátero Miml. A realidade é constituída pela incidência do simbólico, que produz a extração do objeto a do campo da realidade, isto é, barra o objeto a, que fica contido, velado pelo imaginário. O campo da realidade se sustenta pela operação de extração do objeto a,

enquadrado na fantasia do sujeito. A faixa do real, uma vez extraído o objeto a, vai sofrer uma meia torção, transformando-se numa banda de Moebius para nos dizer do sujeito e do pouco-de-realidade. Esse esquema possibilitou repensar a identificação do sujeito, questão que foi cada vez mais depurada na evolução da obra de Lacan, principalmente com o recurso à lógica e à topologia. Ela teve início com a tese do estágio do espelho e a formação do eu, segundo a qual a identificação foi definida como a transformação que o sujeito sofre pela assunção de uma imagem. Com o Esquema R, Lacan acrescenta à identificação especular a função do falo, como repercussão da intervenção do Nome do Pai no complexo de Édipo:

*“Para tanto, a relação polar pela qual a imagem especular (da relação narcísica) se liga, como unificadora, ao chamado conjunto de elementos imaginários do corpo dito despedaçado fornece um par, que não é preparado apenas por uma conveniência natural de desenvolvimento e de estrutura para servir de homólogo à relação simbólica Mãe-Criança. O par imaginário do estágio do espelho, pelo que manifesta de contranatureza, se convém relacioná-lo com uma prematuração específica do nascimento no homem, mostra-se apropriado para dar ao triângulo imaginário uma base que a relação simbólica possa de alguma forma abarcar”(LACAN, 1958/1998:558).*

A relação das imagens guias com a tríade significativa introduz o terceiro termo, o falo, através do qual, além da relação dual, o sujeito pede para ser significado. Temos, então, o problema da identificação radical do sujeito, a identificação ao falo associada à especificidade do desejo infantil, qual seja, desejar ser o objeto de desejo da mãe. A inscrição do falo no Esquema R propõe as relações entre os termos do ternário imaginário, a mãe, a criança e o falo, evidenciando a dependência estrutural da criança do vínculo com a mãe, cujo desejo orienta a identificação do sujeito e sua localização no campo do Outro.

A criança depende estreitamente de um desejo, isto é, o desejo feminino, no tanto que ele é significado, exatamente por aquilo que lhe falta, o falo. A partir da relação da mãe com o falo, ela pode deixar a criança mais ou menos bem situada. O termo I, ideal do eu, tem como base a criança desejada, isto é, a criança que corresponde à constituição da mãe como sede do desejo. Trata-se de uma dialética da satisfação que uma mulher pode encontrar na criança, na medida em que ela atenua sua falta fálica. Segundo os três registros

lacanianos, temos que a criança, como real, simboliza a imagem. A criança, como real, assume para a mãe a função simbólica de sua necessidade imaginária. O falo está, portanto, para além da mãe e de sua potência de amor, pois a mãe o remete a uma ordem diferente da ordem natural, isto é, a ordem simbólica na qual a criança é inserida. Para isso, é preciso que exista por trás da mãe toda a ordem simbólica.

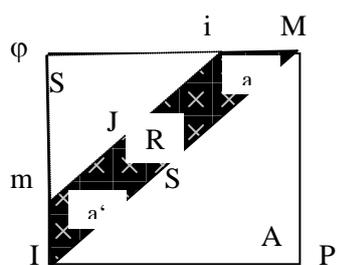
*“O terceiro termo do ternário imaginário, aquele em que o sujeito se identifica, em oposição com seu ser de vivente, nada mais é senão a imagem fálica, cujo desvelamento nessa função não constitui o menor dos escândalos da descoberta freudiana” (LACAN, 1958/1998: 559).*

A questão da identificação do sujeito no campo do Outro quer dizer que, a princípio, o ser vivente está por significar, isto é, ele é significável ou algo a significar. O significante da significação do sujeito é o fálico, e esse jogo implica uma mortificação no ser de vivente do sujeito, como condição do seu acesso ao estatuto de um sujeito desejante, isto é, o sujeito de uma falta a ser.

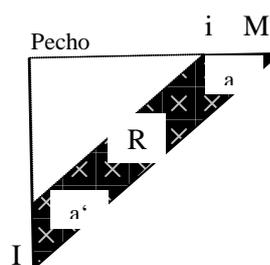
Ao contrário do que propôs a teoria da relação de objeto, Lacan entende que o problema da identificação nos conduz ao conceito de falo, distinto do conceito de objeto parcial. A partir do seminário *A relação de objeto (1956-1957/1995)*, compreendemos que onde Melanie Klein inscreve o objeto parcial entre a mãe e a criança, considerando-os como os elementos estruturantes da neurose infantil, Lacan inscreve o falo.

*“Para lhes resumir meu seminário do ano passado, é pura besteira colocar no centro da relação de objeto o objeto parcial. Para começar, é pelo fato de a própria criança ser o objeto parcial que ela é levada a se perguntar o que querem dizer as idas e as vindas da mãe – e o que isso quer dizer é o falo” (LACAN, 22/01/1958,/1999:181).*

Comentando a noção de objeto na psicanálise, Diana Rabinovich inspirou-se no Esquema R de Lacan para propor uma outra versão desse esquema, isto é, um suposto *“Esquema R em Klein” (RABINOVICH, 1988:59)*. Dessa maneira, possibilitou uma leitura comparada da noção de falo em cada um desses sistemas teóricos. O sistema teórico de Melanie Klein pode ser lido apenas com o triângulo imaginário do Esquem R de Lacan, descompletado dos significantes fundantes do triângulo simbólico.



Esquema R de Lacan

Esquema R em Melanie Klein  
Segundo Rabinovich

Ali onde Freud e Lacan localizaram como significação dominante a significação fálica, Melanie Klein instalou a significação do seio. Ela desconheceu que a significação do falo *“é com efeito, na economia subjetiva, tal como a vemos comandada pelo inconsciente, uma significação que só é evocada pelo que chamamos de metáfora, precisamente a metáfora paterna”* (LACAN, 1958/1998:561). Não passou despercebida a Lacan a intuição de Melanie Klein quanto ao primeiro encontro da criança com o falo paterno nas fantasias kleinianas, oriundas do chamado Édipo precoce. Se, de fato, pode-se constatar que as crianças projetam no corpo da mãe o falo como objeto, a teoria kleiniana não distingue essa projeção, que é do plano imaginário, do estatuto simbólico do falo, isto é, de sua condição de objeto privilegiado na ordem simbólica. É o que pudemos verificar, por exemplo, através da interpretação dada por Melanie Klein ao interesse do menino Dick pelos objetos, portas e fechaduras, que ela vê como meras projeções da fantasia fálica. Lacan fez avançar a intuição kleiniana, tratando a questão do falo à luz da teoria do significante. Dessa maneira, ele, não somente trouxe à psicanálise de crianças uma nova orientação, mas, sobretudo, retirou a psicanálise de sua errância.

O matema da metáfora paterna formaliza as operações do Édipo, envolvendo a oposição entre dois significantes, o Desejo da Mãe e o Nome do Pai. No seu escrito sobre as psicoses, Lacan apresentou a fórmula bruta da metáfora, retirada da lingüística estrutural, aplicando-a à metáfora do Nome do Pai.

$$\frac{S}{\cancel{S}} \cdot \frac{\cancel{S}}{X} \rightarrow \left( \frac{I}{S} \right)$$

Temos, então, os S que são significantes, x é a significação desconhecida e s é o significado induzido pela metáfora, que consiste na substituição, na cadeia

significante, de S' por S. A elisão de S' é a condição do sucesso da metáfora. A elisão do Desejo da Mãe, que cai para a posição de significado, sendo substituído pelo significante do Nome do Pai, dá lugar “à metáfora que coloca esse Nome em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação da ausência da mãe” (LACAN, 1958/1998:563).

Nome-do-Pai .           Desejo da Mãe           → Nome-do-Pai  $\left( \begin{array}{c} A \\ \hline \text{Falo} \end{array} \right)$   
 Desejo da Mãe      Significado para o sujeito

Na fórmula da metáfora paterna, o falo é um significante distinto dos outros, pois está localizado sob a barra, no lugar onde se esperaria o significado, o que indica já sua especificidade enquanto um significante privilegiado. Trata-se da produção do falo como significação, mas também da produção de toda significação como fálica. Como resultado da operação da metáfora paterna, o falo se inscreve no campo do Outro, onde permanece velado, testemunhando aí uma mudança no estatuto do Outro para o sujeito. No Seminário *As formações do inconsciente* (1957-1958/1999), a dimensão do Outro como lugar do tesouro do significante comporta o significante do Outro do Outro, capaz de dar fundamento à lei, qual seja, o significante do Nome do Pai.

*O Outro, o Pai, o lugar onde se articula a lei, está submetido, ele mesmo, à articulação significante, e mais do que submetido à articulação significante, é marcado por ela, com o efeito desnaturalizante que a presença do significante comporta. [...] o efeito do significante no Outro, a marca que este carrega dele nesse nível, representa a castração como tal” (LACAN, 18/06/1958/1999:475).*

O fato de o pai se achar numa posição metafórica depende de que a mãe faça dele aquele que sanciona a existência do lugar da lei. “O pai é, no Outro, o significante que representa a existência do lugar da cadeia significante como lei”(LACAN, 22/01/1958/1999:202).

Ao considerarmos o falo como objeto, é preciso levar em conta os objetos do desejo do Outro, a mãe segundo Lacan, e, portanto, o que o sujeito encontra no campo do Outro. O encontro do sujeito com o falo não é como o encontro dos demais objetos, pois, como já havia definido Freud, o encontro com o falo

implica a questão da castração da mãe. O falo surge como objeto privilegiado desse desejo ao qual Lacan se referiu da seguinte maneira:

*“O objeto de que se trata, disjunto do desejo, o objeto falo, não é a simples especificação, o homólogo, a homonímia, do a imaginário onde decai a plenitude do Outro, do grande A . Não é uma especificação, enfim surgida, daquilo que teria sido anteriormente o objeto oral, depois o objeto anal. Como lhes indiquei desde o início do discurso de hoje, quando marquei para vocês o primeiro encontro do sujeito com o falo – o falo é um objeto privilegiado no campo do Outro, um objeto que vem em dedução do estatuto do Outro como tal. Em outras palavras, no nível do desejo genital da fase da castração, da qual tudo isso é feito para lhes introduzir a articulação precisa, o a é o A menos phi ( $\phi$ ). E é por este viés que o phi vem simbolizar aquilo que falta ao Outro para ser o A noético, o A de pleno exercício, o Outro enquanto se pode confiar na sua resposta à demanda. Deste Outro noético, o desejo é um enigma. E este enigma está enlaçado com o fundamento estrutural da sua castração” (LACAN, 22/03/1961/1992:219).*

O objeto que vem em dedução do estatuto do Outro como tal nos remete ao objeto perdido freudiano, isto é, a perda do objeto inaugural do inconsciente, em que o objeto dá lugar ao símbolo. Trata-se da *“falta central do desejo, que sempre indiquei de maneira unívoca pelo algoritmo ( $-\phi$ )”*(LACAN, 14/03/1964), reafirma Lacan em toda a extensão de sua obra. A noção do objeto como faltante, perdido, e sempre reencontrado, é fundamentalmente o que Freud teoriza sobre o objeto nos seus *Três Ensaio*s. Ele divide a sexualidade em dois tempos, a infância e a puberdade, separados pelo período de latência. Devido ao período de latência, isto é, à memória latente que atravessa esse período, o objeto primeiro, precisamente o da mãe, é rememorado de uma maneira que não pode mudar, de tal sorte que o objeto não será senão um objeto reencontrado.

*“Numa época em que os inícios da satisfação sexual ainda estão vinculados à ingestão de alimentos, o instinto sexual tem um objeto sexual fora do corpo do próprio infante, sob a forma do seio da mãe. Somente mais tarde é que o instinto perde esse objeto, bem na época, talvez, em que a criança pode formar uma idéia total da pessoa a quem pertence o órgão que lhe está dando satisfação total. Via de regra, o instinto sexual torna-se então auto-erótico, e não é senão depois de atravessado o período de latência que a relação original é restaurada. Há, portanto, bons motivos para que uma criança que suga o seio da mãe se tenha tornado o protótipo de toda relação de amor. O encontro de um objeto é, na realidade, um reencontro dele” (FREUD, 1905/1976: 229).*

Existe sempre, a propósito da relação do sujeito com o objeto, uma divisão essencial no objeto reencontrado e no próprio fato de sua redescoberta, pois existe sempre discordância do objeto reencontrado com relação ao objeto procurado, o que implica a introdução de uma dialética na teoria da sexualidade, como também uma noção de desenvolvimento que, de modo algum, é harmônico e sem crises. A forma fundamental do objeto freudiano é o objeto perdido, herança da primitiva experiência de satisfação e condição do objeto pulsional tanto como da escolha de objeto. Entretanto, para os analistas da relação de objeto há uma confusão das três séries do objeto, a do desejo, a da pulsão e a do objeto de amor.

Em *O que Melanie sabia* (LAURANT, 1995), Éric Laurant explica que a repercussão da teoria e da prática da relação de objeto no movimento analítico pode ser atribuída à dificuldade que a comunidade analítica tivera para apreender o ensinamento freudiano sobre o desejo, e a ex-sistência do objeto do desejo. Ele distingue duas correntes no tocante a essa questão. A primeira acha que o objeto tem sua positividade, que sempre podemos ter a esperança de encontrar aquilo que irá aplacar o desejo e que o não-encontro é apenas uma questão de impotência. A segunda continua a pensar, com Freud e Lacan, que o que prima é a inadequação da pulsão a seu objeto. Em *A significação do falo* (1958/1998), Lacan reconhece que teria sido impossível que essa teoria da relação objetal tivesse avançado quanto à sua noção de objeto, levando em conta a comodidade de uma teoria da sexualidade que excluía a questão do falo e, conseqüentemente, excluía a dimensão discordante da função simbólica para ambos os sexos:

*“Pedir aos autores que formulem essa diferença dentro das perspectivas presentemente favorecidas sob o título de relação de objeto seria uma vã pretensão. Vã nessa matéria, por falta de outra referência que não seja a noção aproximativa de objeto parcial, jamais criticada desde que Karl Abraham a introduziu – lamentavelmente, visto o comodismo que ela oferece à nossa época”*(LACAN, 1958/1998:694).

No Seminário *A relação de objeto* (1956-1957/1995), é o trabalho com a sexualidade feminina, mais precisamente a relação da mulher com o falo, que se presta a Lacan para explicitar a questão da falta de objeto.

*“Quando temos começado a nos ocuparmos do falo de uma maneira estruturante e fecunda? Evidentemente a propósito dos problemas da sexualidade feminina, e a primeira introdução da diferença de estrutura entre demanda e desejo, não o esqueçamos, é a propósito dos fatos descobertos com todo seu relevo original por Freud quando abordou este tema, que se articula da maneira mais cernível nesta fórmula, que é porque deve ser demandado aí onde não está o falo, a saber, na mãe, que por aí passa o caminho normal por onde pode vir a ser desejado pela mulher” (LACAN, 09/05/1962, Seminário inédito).*

O exame da relação de objeto também viabilizou situar a questão do falo a partir da clínica da fobia e da perversão, visto que ambas concernem diretamente à castração materna e constituem modos de resposta ao encontro com a falta do falo na mãe. O objeto fóbico e o objeto fetiche são utilizados diante da angústia de castração suscitada por esse encontro crucial. Enquanto, com o primeiro, o sujeito sintomatiza sua angústia, com o segundo, o fetiche desmente a castração e apaga a angústia. A diferenciação dos dois, o objeto fóbico e o fetiche questionavam o estatuto de objeto da fobia, designado por Lacan como um significante.

Na medida em que Lacan avançou na sua teoria do simbólico, ele pôde depurar o estatuto do objeto relativo à teoria do significante, isto é, relativo ao fato de que o objeto é articulado à função do significante. Da articulação da falta central do desejo com o significante decorre a definição do objeto como metonímico, sendo o objeto do desejo objeto do desejo do Outro, e sendo o desejo sempre um desejo de Outra coisa. O trabalho de Lacan no retorno a Freud possibilitou depurar a disjunção entre o falo e o objeto parcial, sobretudo porque ele produziu a articulação do falo com a estrutura de linguagem do inconsciente.

Diferentemente de Ernest Jones, que foi tão longe quanto possível em sua elaboração, no sentido da indicação que destacou da *Interpretação dos sonhos* sobre a relação simbólica, Lacan encontrou o verdadeiro lugar do simbolismo ao se ater aos dois mecanismos da formação dos sonhos, condensação e deslocamento, também destacados da *Interpretação dos sonhos*, mas com os quais, Freud descreveu sobretudo o trabalho do inconsciente. Verificou que eles teriam bastado para suprir a falta de informação de Jones no tocante à metáfora e à metonímia, como efeitos primeiros do significante. Desse modo, a

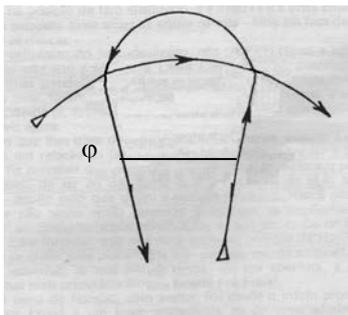
teoria lacaniana levou em conta o simbolismo das formações do inconsciente como subordinado às molas mestras da elaboração que estrutura o inconsciente, isto é, a condensação e o deslocamento.

*“Trata-se de encontrar, nas leis que regem essa outra cena (Eine andere Schauplatz) que Freud, a propósito dos sonhos, designa como sendo a do inconsciente, os efeitos que se descobrem no nível da cadeia de elementos materialmente instáveis que constitui a linguagem: efeitos determinados pelo duplo jogo da combinação e da substituição no significante, segundo as duas vertentes geradoras de significado constituídas pela metonímia e pela metáfora; efeitos determinantes para a instituição do sujeito” (LACAN, 1958/1998:696).*

Encontramos, no artigo *A instância da letra no inconsciente ou a razão depois de Freud* (LACAN, 1957/1998:519), as fórmulas dos dois modos de articulação dos significantes, a da metonímia e a da metáfora, em consonância com as teses estruturalistas de Roman Jakobson:

$$f(S\dots S')S'' \cong S (-) s \qquad f \left( \begin{array}{c} S' \\ S \end{array} \right) S'' \cong S (+) s$$

A primeira fórmula, a da metonímia, indica uma relação de combinação de significantes entre si. Essa articulação de significantes produz um efeito de sentido inextinguível na cadeia de significantes, por deslizamento. A segunda fórmula, a da metáfora, indica uma outra forma de articulação entre significantes: a substituição de um significante por outro, que produz um efeito de sentido, uma criação de sentido. Através dessas leis do inconsciente, temos que a metáfora está para o sintoma assim como a metonímia está para o desejo, isto é, a metáfora constitui o sintoma, enquanto a metonímia é a que dá a característica do desejo. Definidas, portanto, as leis da linguagem que regem a Outra cena, a cena do inconsciente, pode-se depreender que o falo, como eixo de toda a dialética subjetiva, é o objeto desejado pela mãe, o que pode ser apreendido, partindo da estrutura e da circulação significantes. Além de escrevê-lo no Esquema R, Lacan o localiza no seu grafo do desejo, situando-o no primeiro circuito do desejo:



*“No significante, podemos contentar-nos em situá-lo assim – é um objeto metonímico. Em virtude da existência da cadeia significante, ele circula de todas as maneiras, como o anel no jogo de passar o anel, por toda parte do significado – sendo, no significado, aquilo que resulta da existência do significante. A experiência nos mostra que esse significante assume para o sujeito um papel preponderante, que é o de objeto universal.*

*É isso o surpreendente. É isso que escandaliza aqueles que gostariam que a situação concernente ao objeto sexual fosse simétrica em ambos os sexos” (LACAN, 29/01/1958/1999:207).*

Nesse primeiro circuito do desejo, antes da intervenção do pai privador no segundo tempo do Édipo, a relação da criança com a mãe já é simbólica, visto que o falo opera, circulando entre eles. A criança é uma metonímia da mãe, assujeitada à errância do desejo.

*“É na medida em que a criança é desalojada, para seu grande benefício, da posição ideal com que ela e a mãe poderiam satisfazer-se, e na qual ela exerce a função de ser o objeto metonímico desta, que pode se estabelecer a terceira relação, a etapa seguinte, que é fecunda. Nela, com efeito, a criança torna-se outra coisa, pois essa etapa comporta a identificação com o pai de que lhes falei da última vez, e o título de propriedade virtual que o pai tem” (LACAN, 29/01/1958/1999:210).*

A articulação do objeto fálico à função do significante especifica a relação do homem com a significação, da qual decorre que o sujeito seja marcado pela falta a ser.

*“Constitui-se aqui uma relação entre duas séries, uma série de S, S, S, S, que simboliza para nós a existência de uma cadeia significante, e uma série de significações, na parte inferior. Enquanto a cadeia superior avança num certo sentido, o algo que está nas significações avança em sentido contrário. Há uma significação que sempre desliza, escoa e se furta, o que faz com que, no final das contas, a relação intrínseca do homem com toda a significação seja, em virtude da existência do significante, um objeto de um tipo especial. A esse objeto eu dou o nome de objeto metonímico.*

*Qual é seu princípio, na medida em que o sujeito tem uma relação com ele? O sujeito se identifica imaginariamente com ele de um modo absolutamente radical, e não com esta ou aquela das funções de objeto que atenda a essa ou àquela tendência parcial, como se costuma dizer. Alguma coisa exige que, nesse nível, haja em algum lugar um pólo que represente no imaginário aquilo que sempre se furta, aquilo que se induz de uma certa corrente de fuga do objeto para o imaginário, em razão da existência do significante. Esse pólo é um objeto. Ele é axial, central, em toda a dialética das perversões, das neuroses e até, pura e simplesmente, do desenvolvimento subjetivo. Ele tem um nome. Chama-se falo” (LACAN, 05/02/1958/199:240).*

Vemos aqui como o objeto e o desejo estão submetidos a todas as formas de transformação e equivalência advindas das leis da linguagem, a metáfora e a metonímia e como o desejo é apenas a metonímia da falta a ser, o deslocamento da falta na cadeia significante. Sendo o desejo marcado pela falta, isto é, o que não se tem, o que não se é, ele está, por isso mesmo, correlacionado a um objeto que nunca está ali onde se espera, que está sempre situado em outro lugar, que é sempre uma outra coisa, que nunca satisfaz. Trata-se de um objeto de um tipo especial de efeito da relação do homem com toda a significação, que Lacan chamou objeto metonímico. Se levamos em conta as duas séries, uma série de significantes que constituem uma cadeia significante e uma série de significações, temos que há uma significação que sempre escapa, escoa, desliza e que, conseqüentemente, introduz no ser humano a condição de uma falta a ser. Há sempre uma defasagem entre o significante e a significação, na medida em que ela não é uma significação natural ligada a alguma necessidade no sujeito, o que faz da significação um fator essencialmente metonímico. Disso decorre que o sujeito do qual se ocupa a psicanálise é um sujeito dividido pelo significante, jamais possível de reconciliação consigo mesmo. O que representa no imaginário isso que sempre se furta é o falo.

Para concluir, verificamos que a errância da psicanálise depois de Freud indica-nos, no mínimo, cinco conseqüências do afastamento da posição central do falo na economia libidinal freudiana, que estiveram na base do desvio naturalista:

1. desconhecimento do Édipo e da castração como estruturas fundantes do sujeito e do desejo;
2. degradação do modo de falta que concerne à castração e seu papel central no desenvolvimento;
3. privilégio do modo de falta que concerne à frustração e da necessidade no lugar do desejo;
4. redução da relação mãe-criança a uma relação dual e complementar;
5. desconsideração da simbólica do falo e de sua função junto ao sujeito do inconsciente, o sujeito da falta a ser, em prol do eu tomado apenas no plano do imaginário.

Há um artigo dos *Escritos Do Trieb de Freud e do desejo do psicanalista (1964/1998)*, onde encontramos a interrogação da posição do analista diante do desvio naturalista. Tal desvio colocou em discussão a psicologia e a psicanálise, ou a redução da análise a uma psicologia do desenvolvimento mobilizado pelo jogo das gratificações e frustrações maternas, o que desqualifica inteiramente a afinidade do desejo com a lei.

*“Mas Freud nos revela que é graças ao Nome-do-Pai que o homem não permanece preso ao serviço sexual da mãe, que a agressão contra o Pai acha-se no princípio da Lei e que a Lei está a serviço do desejo que ela institui pela proibição do incesto. Pois o inconsciente mostra que o desejo está agarrado à proibição, que a crise do Édipo é determinante para a própria maturação sexual”*(LACAN, 1964/1998:866).

Segundo Lacan, o *psicólogo deturpou prontamente essa descoberta em sentido contrário, para dela extrair uma moral da gratificação materna, uma psicoterapia que infantiliza o adulto, sem que por isso a criança seja mais bem reconhecida* (LACAN, 1964/1998:866). Trata-se de uma prática que se aproxima de uma espécie de pedagogia materna contra a qual Lacan se posicionou por entender que ela fere a ética freudiana.

*“A pulsão, tal como é construída por Freud a partir da experiência do inconsciente, proíbe ao pensamento psychologizante esse recurso ao instinto com que ele mascara sua ignorância, através da suposição de uma moral na natureza”(LACAN, 1964/1998:865).*

O que a psicanálise evidencia é que a pulsão encontra sempre a castração como o que regula sua satisfação e orienta o desejo do sujeito; e que não há, por isso mesmo, nada de natural no desejo. A moral que rege a vida pulsional advém da humanização do desejo, obtida pela instalação do sujeito na cultura e pela normatização fálica do gozo.

*“Assim é, antes, a assunção da castração que cria a falta pela qual se institui o desejo. O desejo é desejo de desejo, desejo do outro, como dissemos, ou seja, submetido à Lei.  
(É o fato de a mulher ter que passar pela mesma dialética – embora nada pareça obrigá-la a isso: ela tem que perder aquilo que não possui – que nos deixa com a pulga atrás da orelha, permitindo-nos articular que é o falo, por ausência, que produz o montante da dívida simbólica: conta devedora quando se o tem – e, quando não se o tem, crédito contestado”(LACAN, 1964/1998:867).*

Lacan definiu o desejo do analista como um diferencial da resposta do analista à demanda, em oposição ao que chamou de uma psicologia dos cuidados, apoiada numa redução teórica e prática do desejo à necessidade. Essa redução do desejo à necessidade ficou patente na teoria da relação de objeto, que defendeu o primado da relação de objeto, degradando a pulsão em instinto e a ordem simbólica em uma ordem natural às custas da redução do falo ao objeto parcial.

## 5. A CONCEPÇÃO ESTRUTURAL DO FALO

Não foi preciso esperarmos por Lacan para colocarmos a questão do que é o símbolo, sua ação e seus efeitos sobre o psiquismo do homem, nem tampouco para reconhecermos a afinidade da realidade do inconsciente com a linguagem. A abordagem da outra cena é tributária do início da psicanálise, desde os livros de Freud sobre os sonhos e sobre as demais formações do inconsciente; desde a clínica da histeria. Contudo, isso não impediu uma articulação paradoxal e insuficiente da especificidade dos fenômenos inconscientes descobertos por Freud, isto é, quanto ao reconhecimento da ordem desses fenômenos, o que deixou os seguidores de Freud mais ou menos perdidos. Para articular a especificidade do fenômeno analítico, foi preciso a intervenção de Lacan com a sua teoria do significante, sem a qual teria sido impossível a retificação dos rumos tomados pela psicanálise depois de Freud. Essa é uma das primeiras conclusões, viabilizada pela releitura de Freud desenvolvida por Lacan com o aparato conceitual da lingüística e à qual ele se referiu no seu artigo *A significação do falo (1958/1998)*:

*“Foi a partir dessa aposta – que colocamos no princípio de um comentário da obra de Freud em que trabalhamos há sete anos – que fomos levados a certos resultados. Em primeiro lugar, promover, como necessária a qualquer articulação do fenômeno analítico, a noção de significante, como oposta à de significado na análise lingüística moderna. Com essa nascida depois de Freud, ele não podia contar, mas sustentamos que a descoberta freudiana ganha relevo justamente por ter tido que antecipar suas fórmulas, partindo de um campo onde não era possível esperar que se reconhecesse seu domínio. Inversamente, é a descoberta de Freud que confere à oposição entre significante e significado o alcance efetivo em que convém entendê-la, ou seja, que o significante tem função ativa na determinação dos efeitos em que o significável aparece como sofrendo sua marca, tornando-se, através dessa paixão, significado”*  
(LACAN, 1958/1998: 695).

O campo teórico do retorno a Freud, no qual se produz a teoria lacaniana do falo, é demarcado pelo empreendimento de Lacan de depurar a lógica do significante, extraindo dela inúmeras conseqüências teóricas e clínicas, até que se produziu, no percurso lacaniano, a noção inédita de objeto, enquanto aquilo que não é significante. A concepção estruturalista, tão cara a Lacan no retorno a Freud, analisa as relações entre a natureza e a cultura, destacando a

incidência da linguagem e de suas leis na vida humana, cujo efeito é a separação do homem, não sem discórdia, da natureza.

Desde o final da década de trinta, mais precisamente, em *Os complexos familiares* (LACAN, 1938/1987), Lacan se interessou pela questão da estrutura ao fazer uma teoria da família, num momento em que ainda contava com o conceito de complexo. Ele pretendia tratar com o conceito de complexo as relações de parentesco, as relações entre instinto e cultura, entre fato natural e fato social, laços fictícios e laços naturais de consangüinidade, num momento anterior à sua teoria do significante. A função paterna emerge nessa primeira teoria da família em Lacan, como exemplo de uma função que não é dedutível da natureza e que, muito ao contrário, convoca toda a dominância do fator cultural. Posteriormente, em um artigo dos *Escritos, Observações sobre o relatório de Daniel Lagache* (LACAN, 1960) encontramos o conceito de estrutura: “os efeitos que a combinatória pura e simples do significante determina na realidade em que se produz”(LACAN, 1960/1998:655). A presença do significante implica tudo o que diz respeito à espécie humana, o que Lacan nomeou de paixão do significante, sustentada por Freud no corte epistemológico que operou com a psicanálise, no campo do saber:

*“Essa paixão do significante, por conseguinte, torna-se uma nova dimensão da condição humana, na medida em que o homem fala, mas em que, no homem e através do homem, isso fala, em que sua natureza torna-se tecida por efeitos onde se encontra a estrutura de linguagem em cuja matéria ele se transforma e em que por isso ressoa nele, para além de tudo o que a psicologia das idéias pôde conceber, a relação da palavra”* (LACAN, 1958/1998: 695).

O isso freudiano para Lacan é uma instância que tem relação com a libido, que não é da ordem do natural, ou melhor, traduz a presença do significante na natureza.

*“O Es de que se trata na análise é de que há significante e está já no real, há significante incompreendido. Ele já está lá, mas é do significante, não é uma propriedade primitiva e confusa qualquer, oriunda de alguma harmonia pré-estabelecida, hipótese a que voltam sempre aqueles a que não hesitarei em chamar, nesta ocasião, de espíritos fracos. Encabeçando essa lista, apresenta-se um sr. Jones, sobre quem lhes direi, mais adiante, como aborda o desenvolvimento primeiro da mulher e seu famoso complexo da castração, que cria um problema insolúvel para todos os analistas desde que estes surgiram”*(LACAN, 05/12/1956/1995:48).

Lacan empregou a noção de usina hidrelétrica e de seu funcionamento em analogia ao funcionamento do isso, considerando fundamentalmente, que o significante já se encontra na natureza:

*“Desde que existem aí significantes que funcionam, os sujeitos estão organizados em seu psiquismo pelo jogo próprio desses significantes. Por esse motivo, o Es, que vocês vão buscar nas profundezas, não é algo tão natural assim, e menos ainda que as imagens. Para dizer a verdade, a existência na natureza de usina hidrelétrica feita por obra do Espírito Santo é o contrário mesmo da noção de natureza”*(LACAN, 05/12/1956/1995:49).

Só se instala uma usina hidrelétrica onde certas condições naturais se apresentam como utilizáveis de modo a servir às necessidades da civilização, isto é, como mensuráveis, contabilizáveis. A energia só começa a ser levada em conta a partir do momento em que se torna mensurável. Só é possível medi-la a partir do momento em que as usinas funcionam. Para mensurá-la, são necessários sempre dois pontos de referência, pois não existe a energia absoluta do reservatório natural, mas, sim, uma energia desse reservatório calculada em relação a dois níveis de água, um superior e um inferior. É preciso portanto, para se construir uma usina hidrelétrica, que já se encontre na natureza um sistema tomado como significante.

A lingüística, que já servia de modelo à etnologia através do estruturalismo de Lévi-Strauss, foi subvertida por Lacan, que transformou seus conceitos, tanto os de Saussure quanto os de Jakobson, fazendo uma transposição deles para a psicanálise. Lacan propôs separar o domínio de Jakobson do domínio de Freud, reservando, então, uma palavra forjada por ele, “*lingüisteria*” (LACAN, 19-12-1972/1985:25), para diferenciar o emprego dos conceitos da lingüística na psicanálise, devido a tudo o que decorre da definição da linguagem quanto à fundação do sujeito. De saída, Lacan subverteu o algoritmo saussuriano, invertendo-o de baixo para cima. O significante, material fonológico concreto, reduzido a uma imagem acústica, passa a comandar a partir da sua localização sobre a barra. Ele colocou o significante em cima, sobre a barra, e o significado embaixo, isto é, enquanto recalçado, S/s, visto que Freud já havia isolado a afinidade do trabalho do inconsciente com o jogo do significante, mais do que com o do significado. O significante é fundamental em relação ao significado, ou seja, ele funda o significado. O significante como tal não significa nada e,

por isso mesmo, ele é capaz de dar a todo momento significações diversas. Ele é somente um termo que permite diferenciação e, portanto, pode ser tomado em relação a um outro significante. É isso que constitui o jogo de equivalência simbólica.

Do início ao fim do seu ensino, Lacan transmitiu a posição ética que decorre da estrutura de linguagem do inconsciente, ao fazer valer a barra entre significante e significado, como condição de sustentação do mal-entendido estrutural decorrente da relação do homem com a linguagem. O discurso analítico é aquele no qual *“ao que se enuncia de significante, damos sempre uma leitura outra que não o que ele significa”* (LACAN,09-01-1973/1985:52). O retorno de Lacan a Freud não é apenas uma delimitação de um campo teórico ou um recorte epistemológico ou conceitual, mas, sobretudo, tratou-se de criar as condições para que a descoberta freudiana voltasse a produzir efeitos de verdade, que se encontravam obturados pela leitura ortopédica que dela fizeram os pós-freudianos. Uma leitura ortopédica quer dizer uma interpretação, que, por não levar em conta a função e a lógica do significante no inconsciente, pretendeu ultrapassar muito rapidamente os impasses e os problemas com os quais Freud havia se deparado, traduzindo, na prática, o refechamento do inconsciente sobre sua mensagem.

O problema maior dos pós-freudianos decorria de uma noção do simbolismo analítico, na qual se confundiam os conceitos de simbólico e de simbólica, onde não se conseguia, portanto, distinguir o simbólico do imaginário, nem tampouco articular as relações entre esses dois registros, impedidos que estiveram de depurar o símbolo do imaginário, o que só se tornou possível através da passagem da noção de símbolo à de significante. A leitura ortopédica do texto de Freud acabou por implicar os pós-freudianos numa posição de resistência à descoberta da psicanálise. Empregamos aqui a palavra resistência, entendendo-a como uma prevalência do imaginário no tratamento do símbolo.

*“É do imaginário, com efeito, isso é sabido desde sempre, que provêm as confusões no simbólico, mas o erro, não menos secular, está em querer remediar isso através de uma crítica da representação, quando o imaginário continua preponderante nela. É disso mesmo que Jones permanece tributário: ao definir o símbolo como “idéia” do concreto, ele já consente em que este não seja mais que uma figura” (LACAN, 1959/1998:731).*

Interessava à investigação lacaniana isolar a questão de como é o significante que organiza o mundo subjetivo e permite deslocá-lo, e não a significação imaginária do mundo subjetivo, das formas imaginárias, que tanto fascinava a atenção dos analistas pós-freudianos, tal como aconteceu com a teoria do simbolismo de Jones.

*“Qual o sentido de minha conferência de ontem à noite sobre a formação do analista? É que o essencial consiste em distinguir cuidadosamente o simbolismo propriamente dito, ou seja, o simbolismo enquanto estruturado na linguagem, aquele no qual nós nos entendemos aqui, e o simbolismo natural. Resumi isso numa fórmula – ler na borra de café não é ler nos hieróglifos” (LACAN, 21/03/1956/1985:198).*

No período do retorno a Freud, os três termos aos quais Lacan opôs a noção de falo, o objeto, a fantasia e o órgão, vão sendo expurgados de uma abordagem no plano puramente da imagem, tal como os encontramos no primado da relação de objeto, e redimensionados no plano do simbólico. A formulação sobre o falo enquanto significante surgiu no artigo dos *Escritos, Die Bedeutung des Phallus*, (LACAN, 1958/1998), que condensa o essencial do pensamento lacaniano sobre a questão do falo, tal como ele a havia desenvolvido principalmente ao longo de três seminários: *A relação de objeto (1956-1957/1995)*, *As formações do inconsciente (1957-1958/1998)* e *O desejo e sua interpretação (1958-1959, inédito)*.

*“Pois o falo é um significante, um significante cuja função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios. Pois ele é destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante (LACAN, 1958/1998:697).*

A maior dificuldade de compreender a definição do falo enquanto significante, é que ela vai sofrendo variações e nuances tão importantes, que chegam quase a contrariar a própria noção de significante. Além disso, algumas vezes Lacan o define como um símbolo, outras vezes como um signo, ou ainda como um

significado. A variedade das definições acaba desembocando numa densa discussão sobre o estatuto privilegiado desse significante. O certo é que não se trata de um significante como os outros e, sim, de um significante privilegiado, ao qual Lacan se refere de diversas maneiras, tais como um significante sempre velado, um significante ímpar, o significante excluído do significante. Antes de examinarmos o caráter privilegiado do significante falo, de onde decorre seu emprego como algoritmo e a função da máscara, vamos desenvolver o conceito de falocentrismo, formulado por Lacan no retorno a Freud e que parece solucionar definitivamente os problemas da perspectiva naturalista da abordagem do falo junto aos pós-freudianos.

### 5.1 O falocentrismo: estrutura e desenvolvimento

A noção de falocentrismo surge no percurso de Lacan no seu artigo *Uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses* (LACAN, 1958/1998). Ela marca aí um momento em que a releitura da primazia do falo e da organização genital em Freud é convocada, de algum modo, pelo estudo das psicoses, no que essas colocam em discussão, além dos fenômenos decorrentes da elisão da significação do falo, o problema da regressão. Mais precisamente, destacamos a questão da regressão no desenvolvimento, que Lacan nomeou de regressão genética, diferenciando-a de duas outras modalidades: a tópica e a temporal. Na verdade, o conceito de regressão vai implicar diretamente a articulação entre desenvolvimento e estrutura, que, em Freud, se apresenta com a primazia da organização fálica da sexualidade.

A definição lacaniana de falocentrismo revigora o primado do falo freudiano e estabelece, de modo surpreendente, a afinidade do falo com a relação entre significante e significado. Pois o falo é um significante que, como tal, produz efeitos de significação.

*“O falocentrismo produzido por essa dialética é tudo o que temos a reter aqui. Ele é, bem entendido, inteiramente condicionado pela intrusão do significante no psiquismo do homem e estritamente impossível de deduzir de qualquer harmonia preestabelecida do dito psiquismo com a natureza que ele exprime” (LACAN, 1958/1998:561).*

A intrusão do significante no psiquismo, com suas leis próprias, constitui uma intervenção à qual está submetido todo sujeito e cujo fundamento é o perpétuo deslizamento do significado sob o significante e do significante sobre o significado. O significante é introduzido pela demanda. O desejo é a impossibilidade de uma palavra que estabeleça um acordo, uma adequação entre significante e significado. O falocentrismo segundo a interpretação lacaniana, implica a abordagem da dialética da demanda e do desejo, nascida na relação da criança com a mãe, *“relação esta constituída na análise, não por sua dependência vital, mas pela dependência de seu amor, isto é, pelo desejo de seu desejo (LACAN,1958/1998:561)*. Então temos que, *“a incidência concreta do significante na submissão da necessidade à demanda que, recalcando o desejo na posição de desconhecido, dá ao inconsciente sua ordem”(LACAN,1959/1998:717)*.

*“O que é assim alienado das necessidades constitui uma Urvedrangung, por não poder, hipoteticamente, articular-se na demanda, aparecendo, porém, num rebento, que é aquilo que se apresenta no homem como o desejo (das Begehren). A fenomenologia que se depreende da experiência analítica é de natureza a demonstrar, no desejo, o caráter paradoxal, desviante, errático, excêntrico, e até mesmo escandaloso, pelo qual ele se distingue da necessidade. [...] Paradoxalmente, no entanto, a psicanálise redescobre-se na dianteira do obscurantismo de sempre, e ainda mais entorpecida ao negar esse fato num ideal de redução teórica e prática do desejo à necessidade”(LACAN, 1958/1998:697)*.

A desnaturalização da pulsão quer dizer que os objetos pulsionais são tomados na dialética da demanda e do desejo no centro das quais encontra-se o falo, enquanto falta de objeto. A demanda, articulando as necessidades na cadeia significante, dá origem a um aquém e um além dela mesma. Mais além da necessidade está a demanda de amor. Mais aquém está o desejo, como o que escapa à cadeia da demanda, permanecendo como resíduo desta.

*“A demanda em si refere-se a algo distinto das satisfações porque clama. Ela é demanda de uma presença ou de uma ausência, o que a relação primordial com a mãe manifesta, por ser prenhe desse Outro a ser situado aquém das necessidades que pode suprir. Ela já o constitui como tendo o “privilégio” de satisfazer as necessidades, isto é, o poder de privá-las da única coisa pela qual elas são satisfeitas. Esse privilégio do Outro, assim, desenha a forma radical do dom daquilo que ele não tem, ou seja, o que chamamos de seu amor”(LACAN,1958/1998:697)*.

A ordenação do desenvolvimento, segundo a dialética da demanda e do desejo, vai no sentido contrário ao de promover uma equivalência do que é do plano biológico com o que é do plano da estrutura.

*“É por isso que voltarei hoje a frisar o sentido daquilo que lhes disse, levando ao exame as fases ditas da migração da libido sobre as zonas erógenas. É importante ver em que medida a visão naturalista implicada nessa definição se articula e se resolve em nossa maneira de enunciá-la, centrando-a na relação entre a demanda e o desejo”(LACAN,22/03/1961:210).*

Não se trata, portanto, nas fases do desenvolvimento, da migração de uma erogeneidade orgânica, que pudéssemos respaldar com o recurso a uma analogia com o biológico.

*“Analogia não é metáfora, e o recurso que nela encontraram os filósofos da natureza exige o gênio de um Goethe, cujo próprio exemplo não é animador. Nada repugna mais ao espírito de nossa disciplina, e foi ao se afastar expressamente disso que Freud abriu a via adequada à interpretação dos sonhos e, com ela, à noção de simbolismo analítico. Essa noção, dizemos nós, vai estritamente contra o pensamento analógico, que uma tradição duvidosa faz com que alguns, até mesmo entre nós, ainda considerem solidário”(LACAN, 1953/1998:264).*

O desenvolvimento, segundo essa dialética, é considerado na perspectiva da lógica retroativa do significante de acordo com as noções de diacronia e sincronia tomadas do campo da análise estrutural. A oposição diacronia-sincronia introduz uma revisão da noção de história, na medida em que a idéia de sincronia implica uma certa mobilização do tempo e em que a idéia de diacronia tende a representar o processo histórico como uma pura sucessão de formas. Essa visão da história se aproxima daquela transmitida pelo conceito de posterioridade, o *Nachtraglichkeit* freudiano, que especifica a temporalidade dos fenômenos do inconsciente. Assim sendo, sem eliminar o problema do desenvolvimento da sexualidade, ao contrário, reconhecendo-o, mas articulando-o com a estrutura de linguagem do inconsciente, podemos dizer que a sexualidade sofre a incidência sincrônica do falo sobre a diacronia do desenvolvimento.

Para escrever o desenvolvimento nesta perspectiva lacaniana da estrutura, encontramos uma fórmula proposta por Geneviève Morel em *El goce sexual* (MOREL, 1992/1993:18) que sobrepõe a castração ao desenvolvimento:

-φ  
desenvolvimento

Com essa fórmula, Geneviève Morel escreve a metáfora sexual, conceito extraído de uma passagem do artigo *Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina (LACAN, 1960/1998)*, no qual Lacan lança os termos de uma solução para o problema do desenvolvimento, segundo uma perspectiva falocêntrica. Sob essa perspectiva o falo tem a função de indexação do objeto do desejo, isto é, funciona como um princípio de equivalência:

*‘Se ele se combina (também ele) com o mau objeto e com o bom, então é necessária uma teoria da função de equivalência do falo no advento de qualquer objeto do desejo, para a qual não poderia bastar a menção de seu caráter ‘parcial .*

*Seja como for, reencontra-se a questão estrutural introduzida pela abordagem de Freud, isto é, a de que a relação de privação ou de falta-a-ser simbolizada pelo falo se estabelece, como uma derivação, com base na falta-a-ter gerada por qualquer frustração particular ou global da demanda – e que é a partir desse substituto, que afinal o clitóris instaura antes de sucumbir na competição, que o campo do desejo precipita sus novos objetos (antes de mais nada o filho por chegar), pela recuperação da metáfora sexual com que já estavam comprometidas todas as outras necessidades*

*Esta observação aponta para o limite das questões do desenvolvimento, exigindo que se as subordine a uma sincronia fundamental”(LACAN, 1960/1998:739).*

A função privilegiada do falo no advento de qualquer objeto do desejo foi interpretada por Lacan da seguinte forma:

*“Se há algo que se demanda à mãe, não lhes parece surpreendente que seja a única coisa que ela não tem, a saber, o falo? Ou seja encontramos aqui a função privilegiada do falo na constituição do objeto do desejo, na transmutação, por exemplo, do seio em objeto erótico. É o falo da mãe, o falo ausente, que constitui o ponto pivô, o ponto de giro da mutação do objeto da necessidade em objeto do desejo”(LACAN, 24/01/1962, sem. inédito)*

Para Geneviève Morel, “*não se tem 1) seio objeto perdido, 2) fezes objeto perdido, 3) falo objeto perdido (clitóris) senão “seio=fezes=clitóris” graças a um princípio de equivalência: (-φ) a castração”(MOREL, 1992-93:34)*. Vemos, na penúltima citação extraída do texto de Lacan, como ele reconhece que a primazia do falo postulada por Freud significa uma antecipação de uma visão estrutural do desenvolvimento da sexualidade. Os pós-freudianos, ao contrário, não reconheceram que a castração não pode ser deduzida simplesmente do

desenvolvimento das fases da libido se esse é tomado evolutivamente. O conceito de metáfora sexual nos parece, portanto, uma interpretação lacaniana da noção de equação simbólica que encontramos em Freud. A condição da metáfora sexual é o Édipo, que introduz a primeira metáfora, a metáfora paterna.

O desenvolvimento pulsional, que está submetido à dialética da demanda e do desejo no seu âmago, coloca em jogo o encontro com o falo:

*“É na dialética da demanda de amor e da experiência do desejo que se ordena o desenvolvimento.*

*A demanda de amor só pode padecer de um desejo cujo significante lhe é estranho. Se o desejo da mãe é o falo, a criança quer ser o falo para satisfazê-lo. Assim, a divisão imanente ao desejo já se faz sentir por ser experimentada no desejo do Outro, por já se opor a que o sujeito se satisfaça em apresentar ao Outro o que ele pode ter de real que corresponda a esse falo, pois o que ele tem não vale mais que o que ele não tem para sua demanda de amor que quereria que ele o fosse’ (LACAN, 1958/1998:700).*

O encontro do desejo do Outro faz surgir o objeto que falta, aquele, que em última instância, a criança demanda à mãe e que justamente é o que ela não tem:

*“Essa experiência do desejo do Outro, a clínica nos mostra que ela não é decisiva pelo fato de o sujeito nela aprender se ele mesmo tem ou não tem um falo real, mas por aprender que a mãe não o tem. É esse o momento da experiência sem o qual nenhuma conseqüência sintomática (fobia) ou estrutural (Penisneid) que se refira ao complexo de castração tem efeito. Aí se assina a conjunção do desejo, dado que o significante fálico é sua marca, com a ameaça ou a nostalgia da falta-a-ter” (LACAN, 1958/1998: 701).*

Lacan extraiu conseqüências dessa dialética que concernem ao analista e à pulsão, distinguindo aqueles que fizeram da psicanálise uma psicologia evolutiva, apoiados numa ética naturalista, dos que, ao contrário, puderam, com Freud, sustentar a ética do desejo. Ao contrário do que Freud postulou sobre o mal-estar na civilização associado à questão do sexo, grande parte dos pós-freudianos difundiu a idéia do encontro de uma solução harmônica para a vida sexual tanto dos homens quanto das mulheres. Bastaria, para isso, que o desenvolvimento sexual promovesse o encontro de um objeto adequado à pulsão. Trata-se do acesso à genitalidade, isto é, de superar a relação ao objeto parcial, através da relação ao objeto total, que condensa os impulsos da pulsão e do amor. Dessa maneira, o movimento analítico da década de

cinquenta, sob a égide da teoria das relações objetais, levava a crer que uma análise teria exatamente a função de assegurar o cumprimento das etapas do desenvolvimento, que, porventura, foram comprometidas pela neurose. Como conseqüência, a vitória da genitalidade seria o fiador maior da relação harmônica entre os sexos, homem e mulher sendo naturalmente reconhecidos como tais, pela via do ato sexual.

A genitalidade, isto é, o acesso a uma modalidade de relação objetal tipicamente genital, considerada a solução ideal oferecida pela civilização ao desejo, constitui, nessa perspectiva, o arranjo entre a pulsão e os ideais da civilização. Tal arranjo requer a idéia de que há uma disposição natural da pulsão a esse desenvolvimento, salvo acidentes patológicos ou desvios sintomáticos e defensivos. Essa solução deixa à deriva a função do falo na relação entre os sexos. Lacan se posiciona contundentemente contra isso, que podemos considerar uma visão ingênua do desejo.

*“O desejo não é, portanto, nem o apetite de satisfação, nem a demanda de amor, mas a diferença que resulta da subtração do primeiro à segunda, o próprio fenômeno de sua fenda (Spaltung). Concebe-se como a relação sexual ocupa esse campo apropriado onde se produz o enigma que essa relação provoca no sujeito, ao “significá-la” duplamente para ele: retorno da demanda, que ela suscita, como demanda sobre o sujeito da necessidade; e ambigüidade presentificada no Outro que está em causa na prova de amor demandada. A hiância desse enigma confirma o que a determina na fórmula mais simples para torná-la patente, qual seja, que tanto para o sujeito quanto para o Outro, no que tange a cada um dos parceiros da relação, não basta serem sujeitos da necessidade ou objetos do amor, mas têm que ocupar o lugar de causa de desejo” (LACAN, 1958/1998: 698).*

O recurso à genitalidade adotado pelos teóricos da relação de objeto, suporte de uma visão mais geneticista do que estrutural do sexual, é, para Lacan, uma tentativa de camuflar essa hiância estrutural da relação sexual através do apelo à virtude do genital, o que supõe o recurso ao Outro como realidade, e não como *“lugar evocado pelo recurso à palavra”*(LACAN, 1958/1998:696). Pois camuflar a hiância do encontro sexual, isto é, obturar o enigma do sexo com a suposta maturação genital, significa excluir do encontro sexual a dimensão do impossível, isto é, do real como impossível. Conforme Lacan nos adverte, a hiância entre demanda e desejo, jamais é obturada por nenhum objeto total:

*“Dizem que o progresso, a maturação sexual, consistiria em passar de um objeto parcial a um objeto total. O que lhes pude esboçar da perspectiva que lhes dou do jogo entre o sujeito do desejo e o significante do desejo, [...] já basta para inverter uma noção como essa, que obscurece toda a dialética da abordagem do outro na relação sexual. Há aí uma verdadeira camuflagem ou escamoteação. Ao ter acesso ao lugar do desejo, o outro de modo algum se torna o objeto total, mas o problema, ao contrário, é que ele se torna totalmente objeto, como instrumento do desejo”(LACAN,07/05/1958:397).*

## 5.2 O privilégio do significante falo

O privilégio do significante falo advém da relação do homem com a linguagem, da qual depende sua relação com o desejo. É isso que encontramos no âmago da descoberta freudiana. Com Lacan, chamamos de natural *“o campo da ciência em que não há ninguém que se sirva do significante para significar, a despeito de que o significante se encontre na natureza”(LACAN,11/04/1956/1985:213)*. A psicanálise nos convida a pensar sobre como o homem se serve do significante. E, mais precisamente, podemos nos perguntar como o homem se serve do significante falo. O que cria o privilégio do falo é, por certo, sua implicação com as relações fálicas da espécie humana. No reino animal, a função orgânica do pênis não é universal, porque os insetos e os peixes têm outros modos de se acoplarem sem as relações fálicas. As estruturas do Édipo e da castração, introduzindo na natureza a dimensão do impossível, são as estruturas que levam o homem a servir-se do falo como significante. Isso faz da reprodução humana um enigma simbólico, uma questão do inconsciente.

*“... o falo é uma moeda, na troca amorosa, que precisa passar ao estado de significante para servir de meio, à maneira dos pedregulhos ou conchas que, em algumas tribos remotas, servem de objetos de troca. Isso já está na ordem natural”(LACAN, 5/06/1958:494).*

Em alguns momentos, Lacan o destaca como um artifício, como uma de *“nossas representações fabricadas, significantes” (LACAN, 19/04//1961/1992: 241)*, o que supõe a disjunção de sua função orgânica da função significante, ou melhor, a determinação da primeira pela segunda.

*“Esse falo como significante não cai do céu. É preciso que haja em sua origem, que é uma origem imaginária, uma certa propriedade em exercer sua função significante. Não se trata de uma função qualquer – ela é mais especialmente adaptada do que outras para prender o sujeito humano no conjunto do mecanismo significante. De certo modo, esse é um significante-encruzilhada. Para ele converge, mais ou menos, o que aconteceu durante a captação do sujeito humano no sistema significante, visto que é preciso que seu desejo passe por esse sistema para se fazer reconhecer, e que é profundamente modificado por ele”*(LACAN, 19/03/1958 /1999:299).

Para além da apreensão imaginária do falo, isto é, enquanto faltante na imagem desejada, ele deve ser transformado em significante. *“Pois o órgão só é trazido e abordado se transformado em significante, e, para ser transformado em significante ele é cortado”*(LACAN, 12/04/1961/1992:229). Trata-se, portanto, da significantização do órgão, da sua negativização. Essa passagem do órgão ao significante, isto é, a passagem metafórica à categoria de significante implica, portanto, o órgão, a imagem e o significante.

*“Esse momento de corte é assombrado pela forma de um farrapo ensangüentado: a libra de carne paga pela vida para fazer dele o significante dos significantes, como tal impossível de ser restituído ao corpo imaginário; é o falo de Osíris embalsamado”* (LACAN, 1958/1998:636).

O mito de Osíris e Ísis, em que um símbolo é erigido por Ísis, diante do encontro da falta de um pedaço do corpo de Osíris, nos mostra a operação de transformação do real em significante. Conta o mito que, depois de ter descido à terra e feito do vale do Nilo um país feliz, e depois de ter conquistado nações por toda parte, Osíris foi vítima da inveja de seu irmão Tifon, que, não conseguindo arrebatá-lo o trono, resolveu matá-lo. Por ocasião de uma celebração para comemorar o regresso do rei, mandou fazer uma caixa de madeira preciosa dentro da qual caberia exatamente o tamanho de Osíris e declarou que daria essa caixa àquele que nela coubesse. Todos tentaram, em vão, e logo que Osíris se colocou nela, Tifon a fechou e a atirou ao Nilo. Quando Ísis soube, procurou diligentemente o corpo do marido, que não encontrou. A caixa ficou presa entre os juncos que cresciam nas bordas do rio, e o poder divino do corpo de Osíris fez do arbusto uma árvore, que envolveu com seu tronco o caixão do deus. Essa árvore foi então derrubada e erigida como uma coluna no palácio do rei da Fenícia. Ísis apareceu como deusa

rodeada de raios e trovões, atingindo a coluna e libertando o caixão, do qual se apossou. Tífon o descobriu e retalhou o corpo do marido de Ísis em quatorze pedaços, que espalhou em vários pontos do rio. Depois de nova busca, Ísis encontrou treze pedaços, tendo os peixes do Nilo comido o outro. Ísis substituiu o que faltava por uma imitação em madeira de sicômoro e enterrou o corpo em Filoe. Um templo foi construído em honra ao deus. Em todos os locais onde cada pedaço de seu corpo fora encontrado, templos menores e túmulos se erigiram para comemorar o acontecimento.

Se as coisas se relacionam com a ordem do logos, visto que a linguagem as penetra e as subverte, o falo é o significante da anulação da coisa: ... *“quando anulamos qualquer outra coisa, seja ela imaginária ou real, por isso mesmo a elevamos ao grau, à qualificação de significante”* (LACAN, 23/04/1958/1999: 356). O privilégio do falo requer que o apreendamos na sua afinidade com o significante e com a barra existente entre significante e significado, o que justifica que Lacan o tenha empregado como algoritmo.

*“Outrossim, é como um algoritmo que vou empregá-lo agora, não podendo, sem dilatar indefinidamente minha exposição, senão fiar-me no eco da experiência que nos une para fazê-los captarem esse emprego.*

*Que o falo seja um significante impõe que seja no lugar do Outro que o sujeito tem aceso a ele. Mas, como esse significante só se encontra aí velado e com razão do desejo do Outro, é esse desejo do Outro como tal que se impõe ao sujeito reconhecer, isto é, o outro enquanto ele mesmo é um sujeito dividido pela Spaltung significante”*(LACAN, 1958/1998:700).

Como algoritmo quer-se dizer que o falo é o significante da operação de significantização, isto é, ele corre no fundo de qualquer assunção significante, de onde decorre sua afinidade com a barra. A barra é um dos modos de elevar à dignidade de significante tudo o que não é significante, o real. A elevação de um objeto ou de uma imagem à condição de significante implica que esse objeto ou imagem sejam dessubstantivados, desimaginarizados, ou negativizados, na operação metafórica, quer dizer, implica que o gozo seja castrado. O falo tem, para Lacan, o privilégio de ser o próprio significante da barra, que só pode desempenhar seu papel enquanto velado, isto é, não disponível no Outro, desde que ele próprio passou de órgão à condição de significante, na fase fálica. Enquanto algoritmo, *“O falo como significante dá a*

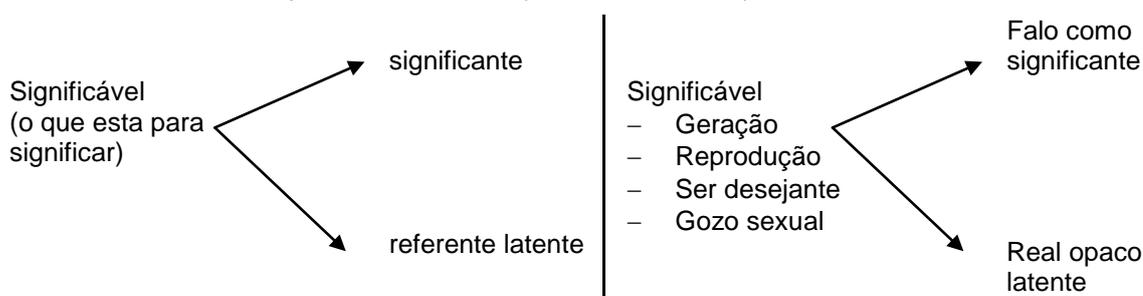
*razão do desejo ( na acepção em que esse termo é empregado como 'média e razão extrema' da divisão harmônica)"(LACAN, 1958/1998:700).*

O significante imprime na vida essa espécie de efeito chamado significado, mortificando-a. Tudo o que ingressa na ordem significante comporta uma certa mortificação. Tudo o que é do real e que deve passar ao significante implica o falo sempre velado. O que é velado é, então, o significante falo, enquanto o desvelamento mostra nada, isto é, a ausência do que é desvelado, o que evoca a figura do horror à qual Freud se refere com o mito da Medusa.

*"Todas essas afirmações ainda não fazem senão velar o fato de que ele só pode desempenhar seu papel enquanto velado, isto é, como signo, ele mesmo, da latência com que é cunhado tudo o que é significável, a partir do momento em que é alçado (aufgehoben) à função de significante"(LACAN, 1958/1998: 699).*

Encontramos um comentário desse parágrafo, feito por Geneviève Morel, em *El goce sexual* (MOREL, 1992/1993) no qual ela trabalhou alguns aspectos da teoria do falo em Lacan. A paixão do significante associada ao falo implica o que é significável, o significante e um referente.

*"...cada vez que algo do significável (algo a significar) é elevado a função de significante, não-todo do real, de partida, é elevado a esta função. Há algo, supostamente indizível pelo significante, que permanece latente"(MOREL, 1992: 61).*



Como exemplo do emprego do falo como algoritmo, temos que a geração, a reprodução, o ser vivo do sujeito, o gozo sexual estão para serem significantizados e que todas essas coisas reais são elevadas à função de significante graças ao falo. Porém, resta algo do real que não se reduz ao simbólico com o significante falo. De uma parte, ele é um significante que ordena, no inconsciente, o que é desejável para o sujeito, isto é, o que é possível ser ordenado segundo as leis da Outra cena; de outra parte, Lacan o contrasta com o significante, já que nem tudo da libido é capturado pelo

significante. Nem toda libido é mortificada pelo significante, o que está na base da articulação do falo ao gozo, questão que se apresenta de modo mais contundente na teoria lacaniana do falo, no início dos anos sessenta.

### 5.3 O paradoxo do significante falo: interface entre significante e gozo

Mesmo já tendo definido o falo como um significante, Lacan continua perguntando, *o que é o falo?* (LACAN, 08/04/1959/1986:47), e, ao manter a questão sob a forma de uma interrogação, a despeito de toda sua elaboração anterior, situa sua dimensão de enigma. O desenvolvimento da questão por ocasião de seu sexto seminário, *O desejo e sua interpretação* (LACAN, 1958-1959, inédito) e do seu oitavo seminário, *A transferência* (LACAN, 1960/1961/1992), evidencia que o privilégio do significante falo é, também, seu próprio paradoxo, decorrente da falta estrutural do significante no ponto do encontro com o desejo do Outro. O início da década de sessenta, marcadamente desde o *Seminário: a ética da psicanálise* (LACAN, 1959-1960), trouxe uma modificação da abordagem feita por Lacan do significante falo, a partir da noção de gozo, associado à coisa ou ao *das Ding* freudiano. Mais precisamente, a alteração no conceito de falo é contemporânea ao *Seminário: a transferência* (1960-1961), que o articula ao gozo e ao desejo. A questão da presença real do desejo introduz a articulação do falo com o gozo, isto é, com algo impossível de ser negativizado pelo significante, “o falo simbólico impossível de negativizar, significante do gozo”(LACAN, 1960/1998:838).

*“Digo significante, na medida em que ele é utilizado como tal. Mas quando o introduzi há pouco, disse o símbolo falo, e este talvez seja, com efeito, o único significante a merecer, em nosso registro e de uma maneira absoluta, o título de símbolo”(LACAN, 19/04/1961/1992:234).*

A interface entre significante e gozo implica uma nova leitura do estatuto do Outro, que, como lugar do significante, não dispõe de pelo menos um significante.

*“Este significante de que o Outro não dispõe, se podemos falar dele, é porque deve estar em algum lugar.*

*... O significante escondido, aquele de que o Outro não dispõe, e que justamente lhe concerne, vocês poderão reconhecê-lo em qualquer lugar onde esteja a barra. É o mesmo que vocês põem em jogo na medida em que vocês, desde que nasceram, entraram neste maldito negócio de logos. É a parte de vocês que foi sacrificada aí, não sacrificada fisicamente com se diz, ou realmente, mas simbolicamente. Esta parte de vocês que adquiriu função significante, há só uma, é a função enigmática que chamamos o falo.*

*O que é o falo? É esta alguma coisa do organismo onde a vida – termo que usamos ao nosso bel prazer, mas que está aqui no seu lugar – onde a intumescência vital, está simbolizada. É aí, nesta alguma coisa enigmática, universal, mais macho do que fêmea, da qual, todavia, a fêmea ela mesma pode tornar-se um símbolo, é aí onde no inconsciente está a vida, onde ela é capturada, onde ela adquire sentido.*

*Sua vida, o sujeito a faz significante. Mas este significante não garante em nenhum lugar a significação do discurso do Outro, porque no Outro ele está indisponível”(LACAN, 08/04/1959 /1986:47).*

No parágrafo anterior, encontramos a articulação com a qual podemos compreender a interface do significante e do gozo encarnada pelo falo. De uma parte, enquanto  $-\phi$ , ele negativiza o gozo, mortificando-o, isto é, desnaturalizando-o, de outra parte, enquanto  $\phi$ , ele o positiva, isto é, indica o vigor da natureza, isto é, a parte viva da libido.

*“Assim é que o órgão ereto vem a simbolizar o lugar do gozo, não como ele mesmo, nem tampouco como imagem, mas como parte faltante na imagem desejada; por isso é que ele é igualável ao  $-1$  da significação, produzida acima, do gozo que ele restitui, pelo coeficiente de seu enunciado, à função de falta de significante ( $-1$ )”(LACAN, 1960/1998:837).*

O fato de que o falo, enquanto significante, não se encontre disponível no Outro implica o elemento crucial da concepção estrutural do falo. Trata-se do significante excluído do significante, que entretanto, organiza a concatenação significante.

*“Acentuo, agora, que do ponto que, enquanto estrutural, representa a falta do significante, o falo,  $\phi$ , pode funcionar como o significante. O que quer dizer isso? O que é que define como significante alguma coisa da qual acabamos de dizer que, por hipótese, por definição, de saída, é o significante excluído do significante? Será, então, que ele só pode voltar por artifício, contrabando e degradação?”(LACAN, 26/04/1961/1992:257).*

Com a afirmação dessa especificidade do falo, a de ser um significante excluído do significante, Lacan o contrasta com o significante, articulando-o

com a presença real do desejo, isto é, o encontro da presença real do desejo nos intervalos do que é encoberto pelo significante, no intervalo da cadeia significante. Disso decorre a relação problemática do neurótico com o desejo, captada na sua fantasia.

*“De todos os signos possíveis, não é aquele que reúne em si mesmo o signo e o meio de ação e a própria presença do desejo como tal? Deixar emergir o falo em sua presença real, não é de natureza a estancar todo o reenvio que tem lugar na cadeia de signos, e, mais ainda, fazer com que os signos voltem a não-sei que sombra do desejo? Não há signo mais certo, sob a condição de que nada mais haja além do desejo.*

*Entre este significante do desejo e toda a cadeia significante, estabelece-se uma relação de ou...ou. (LACAN, 19/04/1961/1992:241).*

Nesse ponto ocorre uma disjunção entre o falo e o desejo. “O que a experiência analítica nos revela é que, mais precioso que o próprio desejo, é guardar o seu símbolo, que é o falo” (LACAN, 12/04/1961:229). A fantasia do neurótico é, então, apresentada por Lacan, como a estrutura com a qual o sujeito pode manejar a presença real do desejo, que remete a certa positividade do gozo, e que fantasmaticamente o neurótico tenta ordenar.

*“Sabemos qual é a dificuldade do manejo do símbolo  $\phi$  na sua forma desvelada. Disse-o há pouco a vocês, o que ele tem de insuportável é que não é simplesmente signo e significante, mas presença do desejo. É a presença real” (LACAN, 19/4/1961/1992:244).*

Verificamos, então, que o falo não é uma fantasia, mas que, no entanto, ele participa da fantasia do neurótico, tanto na histeria quanto na obsessão e na fobia. Através de sua fantasia, o sujeito procura velar a presença real do desejo, valendo-se para isso, do falo imaginário, através do qual busca reduzir o gozo. Aliás, é com sua fantasia que o neurótico encontra um manejo possível do mistério do símbolo  $\phi$ , isto é, uma maneira de operar com a dificuldade do símbolo phi, pois ele supõe o encontro com a falta no Outro. Lacan escreve a fórmula da fantasia histérica e a fórmula da fantasia do obsessivo, mostrando-nos em cada uma a participação do falo. Em ambas, de modo distinto, o sujeito recorre ao falo imaginário, negativizado, operando com ele no manejo da presença real do desejo. Lacan empregou a fórmula da fantasia histérica para reler o caso Dora e a fórmula da fantasia do obsessivo para reler o do Homem dos Ratos, evidenciando a relação do neurótico com o falo. Mais uma vez

Lacan nos dá prova de que o conceito do falo é um conceito do retorno a Freud, mostrando-o em operação nos casos clínicos de Freud.

Fórmula da fantasia histérica:

$$\frac{a}{(-\varphi)} \diamond A$$

Fórmula da fantasia obsessiva:

$$A \diamond \varphi (a, a', a'', a''', \dots)$$

A histérica encontra o significante velado e recorre a todas as formas de substituto desse identificando-se com o drama do amor, para assim reparar o Outro da sua falta, sendo fornecedora do falo sob a forma imaginária. Temos na fórmula, no lugar do objeto a, objeto metafórico, o Sr. K, que se presta a Dora para mascarar sua castração imaginária,  $-\varphi$ , mas também para lhe possibilitar, pela via da identificação com o homem, colocar a questão sobre o que é uma mulher. A é o lugar que ocupa a Sra. K, como Outro não barrado, ao qual a fantasia visa. *“Ela prefere que seu desejo seja insatisfeito a que o Outro guarde a chave de seu mistério”*(LACAN, 19/04/1961:243).

Quanto ao obsessivo, ele também se confronta com o mistério  $\varphi$  do significante fálico, diante do qual sente-se ameaçado de ser tomado como objeto do desejo. É com sua fantasia, que trata de torná-lo manejável. O recurso fantasmático do obsessivo é o de preencher o intervalo significante, com uma série metonímica de objetos, que têm um valor imaginariamente fálico. O clássico caso de neurose obsessiva, o do Homem dos Ratos, apresenta com o objeto rato, objeto do gozo do sujeito dele mesmo ignorado, a redução do falo simbólico, através da degradação desse. O rato está na base de uma série substitutiva, ilustrada pela fórmula - tantos ratos, tantos florins - na qual o rato simboliza o lugar de  $\varphi$ , unidade de medida dos objetos do gozo do sujeito. Dessa maneira, o obsessivo rejeita os signos do desejo do Outro, tornando impossível a manifestação do seu próprio desejo.

Ainda em *A significação do falo* (LACAN, 1958/1998), encontramos uma formulação sobre esse significante privilegiado, que avança, ao apresentá-lo nos três registros, o do real, do simbólico e do imaginário. Ao mesmo tempo que o remete à sua função lógica, comentada por Miller, em termos do *“pas-de-pênis”* (MILLER, 05/02/1992:7, sem. inédito).

*“Pode-se dizer que esse significante foi escolhido como o mais saliente do que se pode captar no real da copulação sexual, e também como o que é mais simbólico no sentido literal ( tipográfico) desse termo, já que ele equivale aí à cópula (lógica). Também podemos dizer que, por sua turgidez, ele é a imagem do fluxo vital na medida em que ele se transmite na geração”(LACAN, 1958/1998:699).*

Miller nos lembra as histórias clínicas de Freud, que evidenciam o encontro do sujeito com o *pas-de-pênis* da mãe, da irmã, visto que esse encontro tem a função estruturante da divisão subjetiva, como é patente no caso Hans. Podemos colocar a pergunta se o privilégio do significante falo não é precisamente o que levou Lacan, posteriormente, a classificá-lo de *semblant*<sup>18</sup> por excelência. Segundo Miller, afirmar que o significante é *semblant* significa introduzir uma equivalência do simbólico e do imaginário em relação ao real. *“É dizer que, a partir da introdução do gozo, vemos confundir o simbólico e o imaginário. Em relação à natureza da Coisa, o simbólico e o imaginário são equivalentes” (MILLER, 29/11/1991, sem. inédito).*

#### 5.4 O falo e o sujeito do inconsciente

A concepção estrutural do falo remete-nos à dimensão da falta no Outro, colocando para o analista, a questão de como ele se situa com relação ao significante falo na transferência, onde o sujeito vai sempre demandá-lo, como estratégia defensiva diante da sua falta a ser.

*“Se phi, o falo como significante, tem um lugar, é, muito precisamente, o de suplência no ponto onde, no Outro, desaparece a significância – onde o Outro é constituído por haver, em algum lugar, um significante que falta. Daí o valor privilegiado desse significante, que se pode escrever, sem dúvida, mas que só se pode escrever entre parênteses, dizendo que ele é o significante do ponto onde o significante falta.*

*E é por essa razão que ele pode se tornar idêntico ao próprio sujeito, no ponto em que podemos escrevê-lo como sujeito barrado, isto é, no único ponto em que nós, analistas, podemos colocar um sujeito como tal. Digo nós, analistas, na medida em que estamos ligados aos efeitos que resultam da coerência do significante, quando um ser vivo se faz seu agente e suporte. Se admitirmos essa sobredeterminação, como a chamamos, o sujeito não tem mais, a partir daí, outra eficácia possível se não pelo significante que o escamoteia. E é por isso que o sujeito é inconsciente” (LACAN, 19/04/1961:230).*

<sup>18</sup> Optamos por manter o termo em francês, visto que as traduções para o português – aparência, faz-de conta, semblante – reduzem a dimensão conceitual do *semblant*, na teoria de Lacan.

Isso é o que Lacan elabora, recorrendo aos três registros e estabelecendo a distinção entre a presença real, o falo imaginário  $-\phi$ , o falo simbólico,  $\phi$ . A presença real é a presença real do desejo. O falo imaginário,  $-\phi$ , isto é, a falta na imagem, está correlacionado ao modo de falta que concerne à castração, enquanto  $\phi$ , o falo simbólico, a falta no real, está correlacionado ao modo de falta que concerne à privação. O fato de que o sujeito possa se tornar idêntico ao significante falo diz respeito ao seu estatuto de sujeito da falta a ser e corresponde ao tempo de sua privação fundamental, isto é, um modo de falta que corresponde ao primeiro tempo da identificação do sujeito, de acordo com a teoria lacaniana da identificação.

No início da década de sessenta, Lacan desenvolve o problema da identificação, considerando-a segundo os tempos lógicos da estruturação subjetiva, quais sejam, a privação, a frustração e a castração. São momentos que marcam a função da falta enquanto operação lógica de negação, nos três registros: real, simbólico e imaginário. A identificação, seja à uma imagem, seja na cadeia significante, seja ao objeto de desejo, será sempre uma tentativa de suturar esta falta fundamental. Trata-se de um momento da obra de Lacan do qual ele extrai radicalmente as conseqüências da sua teoria do significante, até discernir o que é mais íntimo do sujeito e que não pode ser captado no significante, ou seja, o objeto a. O tema da identificação implica a pergunta, “quem sou”, cuja resposta, em última instância, se reduz aos termos da estrutura fantasmática, o sujeito dividido e o objeto a.

O que verificamos é que ao tratar da identificação do sujeito e o papel que nela tem o falo, Lacan vai tendo que recorrer à lógica e à topologia com a qual formaliza a função do falo na identificação. Podemos discernir a função do falo em cada tempo lógico da estruturação da identificação do sujeito, que, entretanto, não desenvolveremos nessa investigação. Vamos mencionar somente a privação que constitui o ponto mais central da estrutura da identificação do sujeito. É o momento lógico da ausência desse sujeito. Encontramos, aqui, os elementos da elaboração lacaniana que nos permitem fazer a aproximação entre o falo, o traço unário e o sujeito. A privação definida como a falta de um objeto simbólico no real implica que o sujeito é a privação

na coisa. Só há uma negação fundante, uma exclusão originária que, como falta no real, institui o lugar antecipado do sujeito por vir. Esse lugar antecipado é o suporte lógico para a instauração da série mínima significativa, que fará emergir o sujeito. A partir do Outro, originário como lugar do significante, e do sujeito que tem que situar-se como determinado pelo significante, dá-se a operação de divisão promovida pelo traço unário. No princípio, é o traço unário, o *Einzigiger zug* freudiano, pelo que cada um é um, que introduz a diferença no real. Essa operação produz um resto, como, por exemplo, se dá, na divisão matemática, um resíduo. Esse resto, única garantia da alteridade do Outro, é o objeto a. Disso decorre que o sujeito não possa ter identidade, pois a operação que o inscreve no campo do Outro torna o Outro faltante do significante que diria seu ser. Na cadeia significativa, o sujeito emergirá desde sempre dividido, entre dois significantes, na condição de falta a ser. O traço unário instaura o registro lógico do possível: possibilidade de sujeito e possibilidade do dito. O traço não é suficiente para fundar o impossível no sentido lógico. Mas essa fundamentação lógica do possível traz em si a não existência como uma das possibilidades: é a exceção, o quadrante vazio que Lacan toma de Peirce<sup>19</sup>. Esse (-1) é a primeira forma do sujeito como conseqüência do ato de enunciação, é a possibilidade de sujeito e equívale à operação de privação. Através da função de (-1), Lacan elabora a noção de um significante que nunca pode incluir-se na bateria significativa e cuja característica é a de ser impronunciável. No Seminário *A identificação* (LACAN, 1961-1962, inédito), Lacan nos fala do estatuto singular do falo, enquanto significante que tem a ver com a função lógica do (-1) :

*“Antecipo e profiro que o falo, em sua função radical, é somente significante, porém, ainda que possa significar-se a si mesmo, é inominável como tal. Se ele está na ordem do significante – pois é um significante e nenhuma outra coisa – pode ser colocado sem diferir ele mesmo. Como concebê-lo intuitivamente? Digamos que é o único nome que abole todas as outras nomeações, e é por isso que é indizível”*(LACAN, 09/05/1962, sem. inédito).

---

<sup>19</sup> Trata-se do quadrado lógico que vem de Aristóteles, apresentado por Peirce. Ele apresenta seu quadrante a propósito da articulação de Aristóteles para as proposições Universais e Particulares por um lado, Afirmativas e Negativas por outro. O quadrante põe às claras a possibilidade de termos Universais Afirmativas para as quais se coloca a questão da inexistência do sujeito na casa vazia.

Se avançamos na obra de Lacan, vemos que sua teoria do falo cada vez mais elucidada a sua natureza articulada à falta, que se encontra no cerne da divisão do sujeito do inconsciente, chegando a formulá-lo, como índice do ponto de falta no sujeito, no seu último artigo dos *Escritos*, *A ciência e a verdade* (LACAN, 1965/1998):

*“Lembremos onde Freud o desata: na falta do pênis da mãe onde se revela a natureza do falo. O sujeito divide-se ali, diz-nos Freud com respeito à realidade, ao mesmo tempo vendo abrir-se o abismo contra o qual se protegerá com uma fobia, e, por outro lado, cobrindo-o com a superfície em que erigirá o fetiche, isto é, a existência do pênis como mantida, ainda que deslocada.*

*De um lado, extraímos o (nada-de) do (nada-de-pênis), a ser posto entre parênteses, para transferi-lo para o nada-de-saber, que é a não-hesitação da neurose.*

*Do outro reconheçamos a eficácia do sujeito nesse gnômon que ele erige para lhe apontar a toda hora o ponto da verdade.*

*Revelando, do próprio falo que ela nada mais é além desse ponto de falta que ele indica no sujeito”(LACAN, 1965/1998:892).*

A elaboração lacaniana do falo feminino, testemunha a fidelidade de Lacan a Freud.

## 5.5 A função da máscara

A expressão “*função da máscara*”(LACAN, 1958/1998:702) está no antepenúltimo parágrafo do artigo *A significação do falo* (1958) e implica a função do falo na relação entre os sexos. Lacan a considerou primeiramente em relação à demanda e ao desejo<sup>20</sup>. O desejo constituiu a ênfase maior do início da descoberta freudiana, colocando a questão de sua articulação com aquilo do que ele se reveste e de como é possível reconhecê-lo. Para Lacan, “*o desejo está ligado a alguma coisa que é sua aparência e, para dizermos a palavra exata, sua máscara*”(LACAN, 16/04/1958/1999:331). Ele é inseparável da máscara, e não adianta procurá-lo por trás dela em alguma suposta essência mais profunda. A máscara constitui a lei de expressão do desejo inconsciente na Outra cena, onde ele sofre os disfarces, os desvios no significante. A transformação do desejo, como ligado a uma certa máscara,

<sup>20</sup> No artigo sobre Gide, *Juventude de Gide ou a letra e o desejo* (LACAN, 1958), Lacan abordou o tema da máscara, localizando-o como presente na obra desse escritor, precisamente em *Paludes*, onde Gide se interroga sobre o ser e o parecer.

situa-se na constituição do ideal do eu, isto é, a metaforização, a partir da intervenção do pai, do desejo do qual o sujeito foi objeto, que aparece sob a forma do ideal do eu.

*“O ideal do eu, de Freud, pinta-se sobre essa máscara complexa e se forma, com o recalque de um desejo do sujeito, pela adoção inconsciente da imagem mesma do Outro que desse desejo detém o gozo, juntamente com o direito e os meios”(LACAN, 1958/1998:763/764).*

Recortamos um trecho do artigo *A significação do falo* (LACAN, 1958), que traz a afinidade do falo com a máscara, postulada por Lacan, ainda no retorno a Freud. A afinidade do falo com a máscara implica todo o jogo do amor e do desejo na relação entre os sexos.

*“Mas, atendo-nos à função do falo, podemos apontar as estruturas a que serão submetidas as relações entre os sexos. Digamos que essas relações girarão em torno de um ser e de um ter que, por se reportarem a um significante, o falo, têm o efeito contrário de, por um lado, dar realidade ao sujeito nesse significante e, por outro, irrealizar as relações a serem significadas. E isso pela intervenção de um parecer que substitui o ter, para, de um lado, protegê-lo e, de outro, mascarar sua falta, no outro, e que tem como efeito projetar inteiramente as manifestações ideais ou típicas do comportamento de cada um dos sexos, até o limite do ato da copulação, na comédia”(LACAN, 1958/1998:701).*

Através da máscara fálica, ambos os sexos, no imaginário, tentam se enganar, cada um a si mesmo e um ao outro, sobre o que eles têm ou não têm, sobre o que eles são ou não são, não sem o efeito cômico da mascarada fálica. O jogo entre o sujeito do desejo e o significante do desejo, isto é, o falo, inverte completamente a idéia da teoria da relação de objeto, de que, com a genitalidade, assegura-se uma identificação totalizante na relação entre os sexos. Muito ao contrário, o acesso ao lugar do desejo coloca, para o sujeito, a questão da sua posição de objeto. É bem porque podemos perguntar se a função da máscara, para Lacan, não implica o ponto estrutural da privação radical do sujeito, uma vez que, por trás da máscara, o que há é o vazio. A hiância estrutural da relação entre os sexos, que mais tarde Lacan formula em termos da não existência da relação sexual, pode ser mascarada pelo falo, que se torna, no imaginário, um traço de união entre os sexos. O falo irrealiza as relações entre os sexos numa comédia, isto é, projeta as manifestações sexuais típicas de maneira a colocá-las sob o efeito do cômico. A máscara fálica, portanto, sustenta-se na conjunção do simbólico e do imaginário em

oposição ao real. Trata-se da intervenção do falo na relação sexual, qual seja, a intervenção de um parecer, que definitivamente desnaturaliza a relação entre os sexos ao irrealizá-la. O trabalho com a teoria do falo no retorno a Freud nos leva a reconsiderar a função do falo como máscara, pois, enquanto tal, ela ilustra a concepção estrutural<sup>21</sup> do falo em oposição à interpretação naturalista dos pós-freudianos. A especificidade da máscara é seu caráter de artifício<sup>22</sup>, de invenção. O que a função da máscara realça é que, ao contrário da perspectiva naturalista como a de Ernest Jones, segundo a qual, tanto para o homem quanto para a mulher, o ato sexual assegura o reconhecimento de suas respectivas posições enquanto seres sexuados, há um parecer que se joga na relação entre os sexos.

O falo, como máscara, nos reenvia ao conceito de mascarada, contemporâneo à querela do falo. Curiosamente, o conceito de mascarada surgiu primeiramente num artigo clássico na psicanálise, *A feminilidade como mascarada* (RIVIÈRE, 1929), que já mencionamos no capítulo 3. De um lado, esse artigo nos presta quase como contra-exemplo da teoria do falo, que buscamos localizar em Lacan, no tanto que defende a idéia de uma feminilidade primária, imune a marca fálica. De outro, a própria autora não se dá conta de que sua tese da feminilidade como máscara evoca a perspectiva estrutural do falo, ainda que ela própria não a tivesse concebido. Trata-se, portanto, de um artigo paradoxal, pois, ao mesmo tempo que introduz a questão do artifício da mascarada e, com ele, nos remete a uma série de binômios, tais como o natural e o artifício, o ser e a aparência, acaba defendendo as idéias de Jones sobre a feminilidade verdadeira, natural e primária.

---

<sup>21</sup> Uma concepção estrutural da máscara também se encontra em Lévi-Strauss, no capítulo XIII 'O desdobramento da representação nas artes da Ásia e da América' do seu livro *Antropologia Estrutural*, onde ele examinou a recorrência à um método de representação tão pouco natural, entre culturas separadas umas das outras no tempo e no espaço. Define o 'desdobramento da representação' como um traço comum às culturas de máscara.

<sup>22</sup> O estatuto da máscara como um artifício é algo que merecerá de nossa parte uma maior pesquisa e se coloca, portanto, no horizonte de nossa investigação.

*“O leitor pode se perguntar que distinção faço entre a feminilidade verdadeira e a mascarada. De fato, eu não pretendo que uma tal diferença exista. Que a feminilidade seja superficial ou fundamental, ela é sempre a mesma coisa.[...] A feminilidade foi utilizada como um meio de evitar a angústia mais do que como um modo primário de gozo sexual”(RIVIÈRE, 1929/1999:31).*

O texto de Joan Rivière comenta três casos clínicos dos quais ela extrai a tese da feminilidade como máscara, nos quais ela emprega a expressão *“representar um papel, de fazer o semblante”* (RIVIÈRE, 1929/1999:31). Entretanto, o caso mais conhecido deles e comentado por Lacan é o de uma mulher que aparentemente mostrava satisfação com sua condição feminina, de sucesso na vida pessoal e profissional. Mas era tomada de angústia em situações nas quais dava mostras de sua potência fálica, necessitando de se assegurar de sua feminilidade através da sedução, endereçada a um substituto do pai, através da qual buscava se certificar de sua feminilidade ameaçada. A mascarada, então, consistia em mostrar que não se tem o falo, quando se faz o outro crer que sim, exibindo-se como tendo-o, ao passo que, de fato, não o tem. Trata-se da fabricação de um ser a partir da dialética entre o ter e o não ter, onde essa mulher buscava, em última instância, o reconhecimento amoroso como reassegurador de sua posição no desejo. Do que ela não queria saber é que, se a feminilidade encontra refúgio na máscara, no entanto, essa não pode abrigá-la totalmente.

Importa-nos destacar, aqui, a mascarada feminina, tal como Lacan a define em *A significação do falo* (LACAN, 1958/1998), isto é, uma das formulações sobre a mulher que resulta da releitura do conceito de falo no retorno a Freud. Mais uma vez Lacan apresenta o conceito de falo correlacionado ao feminino, pois é na relação da mulher com o falo que ele se revela por excelência na sua função de máscara, enquanto um artifício que vela o real da feminilidade. Se a mulher se serve do falo para compor para si uma máscara, onde se coloca em jogo o parecer, é que não há, no corpo da mulher, no lugar do Outro, um signo identificatório do feminino.

*‘Por mais paradoxal que possa parecer essa formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na mascarada’* (LACAN, 1958/1998: 701).

A partir da “*função da máscara na medida em que ela domina as identificações*” (LACAN, 1958/1998:702), Lacan desenvolve a lógica da vida amorosa introduzida por Freud, situando-a em relação a dois conceitos, o amor e o desejo, isto é, em relação à dialética da demanda e do desejo, nas quais o sujeito encontra sua divisão. No caso da mulher, essa duplicidade implica que, do lado do desejo, ela recebe do homem o instrumento de seu gozo, o órgão que adquire valor de fetiche, enquanto, no amor, o parceiro está privado do que lhe dá, o falo simbólico. No caso do homem, o objeto é amado sob a condição de estar marcado por uma falta particular, enquanto o desejo visa qualquer objeto que se erige como um significante universal.

Como pudemos verificar, as variações das fórmulas sobre o falo seguem passo a passo com o avanço da teoria do significante e traduzem o percurso da teoria do simbólico em Lacan, comentado por Miller em seu seminário *De la nature des semblants (1991-1992/inédito)*: “*é a partir da promoção da noção de significante no símbolo que se pode dizer que é acentuada a disjunção do significante e da imagem*”(MILLER, 20/11/199, sem. inédito). Esse seminário pareceu-nos muito importante para a evolução de nossa investigação, no tanto que nele, não somente encontramos comentários sobre a teoria do falo em Lacan, como também algumas articulações inéditas quanto à natureza de *semblant* do falo. Miller verifica que o início do percurso de Lacan é marcado pela supremacia do simbólico sobre os outros dois registros, o do imaginário e o do real, à qual se segue uma espécie de redução do simbólico ao significante. Isso se deve à necessidade que teve Lacan de proceder a uma desimaginarização do símbolo, que, como pudemos verificar, havia sido imaginarizado pelos pós-freudianos. É verdade que o conceito de falo, por um lado, se beneficiou disso, notadamente no tanto que a disjunção do simbólico e do imaginário viabilizou a disjunção do falo e o objeto parcial. Por outro, foi o conceito de falo que reintroduziu a conjunção entre significante e imagem, entre simbólico e imaginário. A inscrição do falo no Esquema R já lhe rendeu o nome de significante imaginário. Segundo Miller, pode-se perceber “*uma seqüência que conduz Lacan do simbólico ao significante, e do significante ao semblant*” (MILLER, 20/11/1991:2). A categoria do *semblant* abre-nos um leque

de possibilidades para tratarmos a questão de como o sujeito, masculino ou feminino, pode se servir do significante falo, e de quais os impasses ele encontra para operar com o falo enquanto um *semblant*. Nesse momento, não desenvolveremos essa questão, mas a situamos no horizonte de nossa investigação<sup>23</sup>, considerando que se trata de um tema fecundo, do ponto de vista da clínica psicanalítica.

Na década de setenta, Lacan avança no sentido de uma mudança na perspectiva estrutural, a partir da sua teoria dos nós e, conseqüentemente, produz novas formulações sobre a noção do falo na psicanálise. Busca os recursos da lógica e da topologia, muito mais do que propriamente os da lingüística, que, sobretudo, foi sua parceira por ocasião da releitura sistemática de Freud. Contudo, é possível localizar, tal como na citação que se segue, pontos de continuidade de sua elaboração nesses dois momentos. Trata-se de um parágrafo extraído da sétima lição do seu vigésimo primeiro seminário, *Les non-dupes errent* (LACAN, 1973-1974), num tempo do ensino de Lacan, considerado posterior ao que foi demarcado pela atual investigação:

“E o que eu gostaria de concluir é isto, não é ?, portanto, *é em volta desse x que se chama o falo que continuo a girar – a girar, pois que isto é, de uma só vez, a causa e a máscara – a não existência da relação sexual*” (LACAN, 12/02/1974 sem. inédito).

Esse parágrafo, evoca o que anteriormente extraímos do artigo da década de cinquenta, artigo que orientou nossa pesquisa, *A significação do falo* (LACAN, 1958), quando nele Lacan indica-nos que a relação entre os sexos é tomada sob a intervenção do parecer, pelo efeito do significante falo:

“Digamos que essas relações girarão em torno de um ser e de um ter que, por se reportarem a um significante, o falo, têm o efeito contrário de, por um lado, dar realidade ao sujeito nesse significante e, por outro, irrealizar as relações a serem significadas” (LACAN, 1958/1998:701).

Por certo, em ambos os momentos, a incidência da linguagem permanece como norteadora da abordagem das questões do sujeito com o desejo e o

---

<sup>23</sup> No início desse capítulo destacamos o conceito de falo enquanto significante. Consideramos esse conceito em relação a outros diferentes enunciados sobre o falo que surgiram na obra de Lacan, uma vez que alguns deles quase contrariam a própria definição de significante. Concluimos que a teoria do significante pareceu-nos insuficiente para a teoria lacaniana do falo. A função da máscara, por exemplo, conjuga o significante e a imagem.

gozo. Entretanto, torna-se necessário investigar, mais além da perspectiva estrutural, o que muda na teoria do falo em Lacan, os pontos de continuidade e descontinuidade entre suas formulações posteriores e as do retorno a Freud.

---

## CONCLUSÃO

Para seguirmos o caminho trilhado por Lacan na concepção do conceito de falo no retorno a Freud, empregamos uma metodologia, que pareceu-nos compatível com a elaboração de saber na psicanálise, isto é, o método da retroação. A noção freudiana de posterioridade, que revela as características intrínsecas a lógica da articulação significante, demonstra a afinidade da elaboração teórica em psicanálise com a lógica das produções no campo freudiano, definido como campo da fala e da linguagem. A noção de uma retroação ou de uma *Nachträglichkeit* do conceito, é viabilizada a cada momento que uma interrogação for colocada a um dos conceitos do campo freudiano. Primeiramente, tentamos fazer Freud retornar a Freud, uma vez que sua tese da primazia do falo surgiu em *A organização genital infantil* (FREUD,1923), num movimento de retorno aos seus *Três Ensaios* (FREUD,1905).

Com o conceito de falo e de sua primazia, Freud imprimiu definitivamente sua posição teórica inédita na abordagem do sexual, consolidando-a e diferenciando-a da concepção dominante no campo da ciência biológica, cuja repercussão na psicanálise, a desviou por uma vertente naturalista de abordagem da pulsão. Com a afirmação da natureza masculina da libido, que data dos *Três Ensaios* de 1905, temos uma espécie de fórmula universal da referência fálica do desejo, isto é, também na mulher, e não apenas no homem, o falo está no centro. Tal fórmula é totalmente anti-natural e implica o sexual noutra registro diferente daquele das necessidades naturais do organismo. Embora Freud não tenha explicitado a dimensão antievolutiva do falo, decorrente de sua função de organizador da vida sexual e a despeito de tê-lo introduzido no âmago de uma fase de desenvolvimento da sexualidade, nossa pesquisa pôde recolher alguns fragmentos extraídos de três artigos, que atribuem ao falo a primazia na significação sexual da pulsão. O primeiro, *Sobre as teorias sexuais infantis* (FREUD,1908), com o conceito de teorias sexuais infantis; o segundo, *As transformações dos instintos exemplificadas no erotismo anal* (FREUD,1917), com a discussão sobre as transformações das

pulsões; e o terceiro, *A dissolução do complexo de Édipo* (FREUD, 1924), contemporâneo da tese do primado do falo, que propõe a articulação entre a fase fálica, o Édipo e a castração. Esses três artigos, nos apresentam, respectivamente, o papel prevalente do falo, então ainda designado pênis, na produção das fantasias infantis, em 1908; o seu papel central e determinante das posições ocupadas pela libido e nas suas transformações, em 1917; e sua articulação com a lei do pai, em 1924. A articulação da organização fálica com uma ordem simbólica, com a significação do sexual, a definição do falo como um elemento do inconsciente em Freud, nos surpreende com formulações que articulam o falo e a linguagem. De tal sorte que arriscamos a dizer, que Freud também teria promovido, no que concerne ao conceito de falo, uma antecipação da teoria estrutural do falo em Lacan.

A elaboração da fase fálica, como também as divergências teóricas quanto à esse conceito freudiano, estiveram sempre associadas à questão do feminino. Isso ganhou relevo a partir de 1923, quando a tese da primazia do falo abriu a Freud, uma série de perguntas sobre a mulher. Destacamos três dessas perguntas que implicam a relação da mulher com o falo. A primeira delas, sobre a incidência da organização fálica e do complexo de castração sobre as mulheres decorreu imediatamente da inserção da fase fálica no desenvolvimento. A segunda pergunta concerne a passagem da fase fálica, masculina, à posição feminina, passagem cuja questão central é o deslocamento ou a transferência da libido dirigida a mãe para o pai. A terceira pergunta, se refere ao vínculo pré-edípico da menina com a mãe, vínculo decisivo nas vicissitudes da feminilidade. As repostas de Freud implicaram uma leitura inédita da diferença de sexos, do Édipo masculino e do feminino, que promoveram no movimento analítico o começo de divergências, discórdias e confusões conceituais, em torno da noção de falo, provocando a querela do falo, na qual destacamos a contribuição paradoxal de Ernest Jones.

A teoria da fase fálica levou Freud a interrogar a relação da mulher com o símbolo, com a norma civilizatória e com as saídas oferecidas pela cultura ao feminino. Ao mesmo tempo vimos surgir diversas questões feministas sobre a inserção e a exclusão do feminino do campo simbólico. Freud não

desconheceu as articulações e as críticas das analistas feministas. Respondeu a algumas delas, indicando os aspectos estruturais da exclusão feminina. Porém, Freud jamais creditou a mulher uma natureza antifálica, como pareciam defender os envolvidos na querela do falo. Enquanto ele sustentava a idéia de que a posição sexual é construída, fabricada pelas estruturas do Édipo e da castração, implicando a inserção da menina na organização fálica da estrutura edípica, Ernest Jones, por sua vez, se aferrava à idéia de uma autenticidade e uma essência da natureza feminina, que, aliás, teria sido, segundo ele, prejudicada pela visão preconceituosa de Freud. Sua interpretação da posição fálica na mulher, acabou implicando uma tendência a considerá-la à revelia da organização fálica e muito mais submetida à ordem e às leis naturais do desenvolvimento. A hipótese de Jones de uma feminilidade primária se apóia na concepção de um simbolismo natural, que o levou a comparar a feminilidade à passividade característica da oralidade precoce, o que é mais um pensamento analógico do que uma metáfora. Consequentemente, Jones acabou anulando toda a dimensão discordante da incidência da função simbólica na vida sexual, ao apelar para uma teoria do simbolismo natural, sem poder se dar conta, de que o significante se encontra na natureza.

Mas o que se seguiu à querela do falo, não sem relação com ela, foi a presença cada vez maior na teoria e na prática analítica, do primado da relação de objeto, que reduziu o falo a um objeto parcial, incluído igualmente na série dos demais objetos parciais. O primado da relação de objeto privilegiou uma abordagem geneticista da sexualidade, isto é, uma sexualidade que se desenvolve sem a intervenção do falo e cujo ápice implica a genitalidade, isto é, uma maturação sexual na qual o amor genital e o encontro de um objeto total, deve sobrepor-se à pulsão parcial. Tal concepção supõe que a pulsão possa evoluir sem a intervenção do significante, o que retrata uma tentativa de reduzir o Outro à realidade e, dessa maneira, escamotear a hiância da relação entre os sexos. Essa teoria prevaleceu principalmente na prática com crianças exercida depois de Freud, pelos analistas seguidores de Melanie Klein. Verificamos, no sistema teórico kleiniano, um recuo a propósito da abordagem freudiana da sexualidade feminina, certamente devido ao fato de que o falo é

inconcebível na dinâmica ou na mecânica kleiniana. Assim sendo, a questão do feminino foi logo obturada nesse sistema teórico, através do destaque que nele se deu à figura da mãe e dos cuidados maternos, em detrimento de toda a dialética da demanda e do desejo, na relação do sujeito ao Outro, cujo centro é o falo. O desvio kleiniano, se apoiou numa visão naturalista da pulsão, de onde depreendemos a redução da psicanálise à uma psicologia evolutiva. Se com Freud, temos a função da lei fálica como reguladora do gozo, com Melanie Klein, temos a suposição da existência de uma moral na natureza, que se presta à regulação da pulsão.

Com Lacan a psicanálise deu um passo a diante nas questões colocadas à teoria da fase fálica pelos analistas envolvidos na querela do falo. O passo adiante de Lacan foi ir além da teoria da pulsão natural e verificar que o significante intervém no psiquismo do homem, desviando suas necessidades. Destacamos o diálogo de Lacan com Ernest Jones, no qual Lacan tomou partido de Freud, quanto à questão da relação da mulher ao falo. A elucidação da especificidade da falta fálica na mulher, à qual Lacan dá o estatuto de privação, foi fundamental para a definição do falo simbólico, enquanto elemento das trocas no circuito simbólico, no qual a mulher se insere através da simbólica do dom no complexo de Édipo.

Da confrontação da leitura lacaniana e kleiniana do falo, depreendemos a disjunção do falo e do objeto parcial, no tanto que pudemos avançar na concepção da estrutura de linguagem do inconsciente. Lacan opôs à idéia de falo como objeto parcial, o conceito de objeto metonímico. Na outra cena do inconsciente é onde o desejo desliza nos intervalos da cadeia significante, e onde Lacan situa a função do falo como objeto metonímico do desejo, o que se furta, o que escapa, como efeito da relação do homem com a significação. Através da releitura do Édipo kleiniano, Lacan elucidou porque no sistema teórico de Melanie Klein ocorre a ausência de uma correlação do falo ao Nome do Pai. Enlaçar o falo ao seio e à mãe, tal como o encontramos enquanto objeto parcial no primado da relação de objeto, conduz ao impasse sobre o Nome do Pai. Empregamos o Esquema R para fazermos uma leitura comparada do Édipo e do falo, em Melanie Klein e em Lacan.

Concluimos que no período do retorno a Freud, os três termos aos quais Lacan opôs a noção de falo, isto é, o objeto parcial, a fantasia e o órgão, vão sendo expurgados de uma abordagem no plano puramente da imagem, tal como os encontramos no primado da relação de objeto. É então que o falo se apresenta para Lacan como significante. Segundo as perspectivas estruturalistas, pode-se estabelecer, com Lacan, um vínculo entre o desejo, o sujeito, o significante e o Outro, onde o falo ganha o estatuto de um significante privilegiado. A centralidade do falo na organização libidinal ganha contornos mais precisos, com a função do falo na dialética do desejo e da demanda, com a qual Lacan interpretou o falocentrismo freudiano, definindo-o como a intrusão do significante no psiquismo. O falocentrismo lacaniano expressou uma outra visão do desenvolvimento sexual, pois não o desconhece, mas o submete à estrutura da castração. Assim pudemos compreender a formulação lacaniana de metáfora sexual, conseqüente à metáfora paterna, que articula estrutura e desenvolvimento.

Outra conclusão que extraímos dessa pesquisa, é que os problemas conceituais do falo, tal como a sua redução à idéia de objeto parcial, ou ao órgão, não são sem correlação com a falta de uma teoria do simbólico na psicanálise, desde Freud até Lacan, a despeito das tentativas que alguns analistas fizeram para construí-la, como foi o caso de Ernest Jones e de Melanie Klein. De acordo com a concepção estrutural do falo, ele é um significante privilegiado e paradoxal, ao qual Lacan se refere de diversas maneiras: um significante sempre velado, um significante impar, o significante excluído do significante. Disso decorre uma série de conseqüências relativas à função e natureza do falo.

Em primeiro lugar, localizamos o emprego do significante falo como algoritmo, resultante de sua afinidade com a barra entre significante e significado. Enquanto velado ele é o significante da operação de significantização, isto é, a operação da anulação da coisa, da mortificação da libido enquanto ela é captada, ainda que não totalmente, na cadeia significante. Enquanto algoritmo o falo ( $-\phi$ ) está correlacionado ao órgão, ao objeto parcial e à fantasia, visto que todos esses elementos estão implicados ao desejo. O falo incide sobre o

objeto, negativizando-o, determinando-o como objeto de desejo, conferindo a ele seu valor de troca no circuito da demanda e do desejo. Trata-se da função privilegiada do falo na constituição de todo objeto de desejo, na mutação do objeto da necessidade em objeto de desejo. Também como algoritmo ele dá na fantasia, a medida ou o equacionamento do desejo do Outro, introduzindo uma desnaturalização do gozo ao barrá-lo. E na sua articulação ao órgão, ele o desnaturaliza, transformando-o em significante.

Em segundo lugar, examinamos a interface entre significante e gozo implicada na concepção estrutural do falo. Por ocasião do retorno a Freud, Lacan resolveu essa questão através da articulação entre falo imaginário,  $-\phi$  e falo simbólico,  $\phi$ . De uma parte, enquanto  $-\phi$ , o falo negativiza o gozo, mortificando-o, isto é, desnaturalizando-o; de outra parte, enquanto  $\phi$ , ele o positiva, isto é, indica a potência da natureza, isto é, a parte viva da libido. O falo enquanto imaginário participa da fantasia do neurótico onde traduz o manejo possível do encontro com a presença real do desejo, o falo simbólico. Com a escrita das fórmulas da fantasia do neurótico, a do sujeito histérico e do obsessivo, Lacan nos mostrou como o falo imaginário, que designa a falta no imaginário, se presta ao sujeito como um instrumento com o qual ele maneja, através da fantasia, o encontro com a presença real do desejo.

Verificamos então que tanto em Freud como em Lacan encontramos a articulação do binômio falo e castração, que Lacan elabora através da concepção do falo imaginário. O falo imaginário estabelece a dialética segundo a qual encontramos a questão freudiana do ter e da falta de ter, que Freud traduziu sob a forma da ameaça para o sujeito masculino, e da inveja do pênis para o sujeito feminino, ambas implicando as condições do acesso à posição sexual. Ao depurar o estatuto do falo enquanto simbólico, Lacan vai além de Freud, detendo-se na elaboração da privação, outro modo de falta, a falta no real, que concerne ao falo enquanto simbólico, e que, em última instância, implica a questão do ser do sujeito, sua privação mais radical. O falo simbólico é o significante excluído do significante. Seu estatuto lógico é de  $(-1)$ , o que lhe dá a função de ordenar a articulação da cadeia significante, incluído e excluído dela. Como tal, ele é também idêntico ao sujeito na sua privação fundamental.

Disso decorre que à pergunta o que é o falo, coloca-se em jogo a impossibilidade estrutural de uma resposta, senão, reduzindo-o imaginariamente numa fantasia.

Por fim, tratamos a articulação do falo à função da máscara, que localizamos em diferentes recortes teóricos sobre os quais incidiu nossa pesquisa. Ela está presente na abordagem do falo, de Freud a Lacan. Encontramos inicialmente essa noção na articulação freudiana a propósito do mito de Medusa, correlacionado à castração. Depois, junto aos pós-freudianos, a mascarada de Joan Rivière, é um conceito contemporâneo do debate da querela do falo. Com Lacan, a máscara implica algo mais do que o significante e retrata o percurso da sua teoria do simbólico. Ela constitui um refúgio para a feminilidade, testemunhando a relação da mulher com o falo, ainda que a feminilidade não seja toda abrigada sob a função da máscara. Ao contrário da perspectiva naturalista, segundo a qual, tanto para o homem quanto para a mulher, o ato sexual assegura o reconhecimento de suas respectivas posições enquanto seres sexuados, segundo uma perspectiva estrutural, isso decorre do significante e de suas leis. O que a função da máscara, realça é precisamente, sua especificidade enquanto um artifício, decorrente da intervenção do significante falo na relação entre os sexos. Dessa maneira, Lacan se posicionou contrariamente aos pós-freudianos e se colocou do lado de Freud. Pois camuflar a hiância do encontro sexual, isto é, obturar o enigma do sexo com a suposta maturação genital, significa excluir do encontro sexual a dimensão do impossível, isto é, do real como impossível.

Na década de setenta, Lacan avançou no sentido de uma mudança na perspectiva estrutural, a partir da sua teoria dos nós, e, conseqüentemente, produziu novas formulações sobre a noção do falo na psicanálise. Buscou os recursos da lógica e da topologia, muito mais do que propriamente os da lingüística, que sobretudo, foi sua parceira por ocasião da releitura sistemática de Freud. Verificamos que há pontos de continuidade entre esses dois momentos, como por exemplo, a formulação do falo como causa e máscara da não relação sexual. Por certo, em ambos os momentos, a incidência da linguagem permanece como norteadora da abordagem da noção de falo.

Entretanto, torna-se necessário investigar, mais além da perspectiva estrutural, o que muda na teoria do falo em Lacan, os pontos de continuidade e descontinuidade, entre suas formulações posteriores e as do retorno a Freud.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Attíe, J. (1994). Karl Abraham ou da fidelidade. Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, 10, 70 -76.

Abraham, K. (1970). Teoria Psicanalítica da Libido. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Baranger, W. (1981). Posição e objeto na obra de Melanie Klein. Porto Alegre: Artes Médicas.

Baranger, W. (1994). Contribuições ao Conceito de Objeto em Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Brandão, Junito de Souza. (1992). Mitologia Grega. Petrópolis: Editora Vozes.

Freud, S. (1923/1976). A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1905/1976). Três Ensaio sobre a teoria da sexualidade. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. VII). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1900/1976). A interpretação dos sonhos. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. IV ). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1923/1976). O Ego e o Id. In: Strachey (Ed.),ESB (Vol.XIX). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1923/1976). A Cabeça de Medusa. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1908/1976). Sobre as teorias sexuais das crianças. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. IX). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1909/1976). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In: Strachey (Ed), ESB (Vol. X,). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1930/1976). O mal-estar na civilização. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1937/1976). Análise terminável e interminável. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1910/1976). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens. In: Strachey (Ed), ESB (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1910/1976). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1918/1976). O tabu da virgindade. (Vol. XI). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1918/1976). História de uma neurose infantil. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1917/1976). As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1919/1976). Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. XVII). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1924/1976). A dissolução do complexo de Édipo. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1925/1976). Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. XIX). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1927/1976). Fetichismo. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. XX ). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1931/1976). Sexualidade Feminina. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago.

Freud S. (1933/1976). Conferência XXXIII, Feminilidade. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. XXII). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1940/1976). A divisão do ego no processo de defesa. In: Strachey (Ed.), ESB (Vol. XXIII). Rio de Janeiro: Imago.

Horney, K. (1979). Sobre la gênesis del complejo de castración de la mujer. Cuadernos Infimos, 85, 71-88.

Jones, E. (1935). Early Female Sexuality. The Internacional Journal of Psycho-Analysis, Volume XVI, 263-273.

Jones, E. (1927). The Early Development of Female Sexuality. The Internacional Journal of Psycho-Analysis, Vollume VIII, 459-472.

Klein, Melanie (1975). Psicanálise da Criança. São Paulo: Editora Mestre Jou.

Klein, Melanie (1970). Contribuições a Psicanálise. São Paulo: Editora Mestre Jou.

Lacan, J. (1966/1998). Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1938/1987). Os complexos familiares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1959/1986). Hamlet por Lacan. Campinas : Escuta/Liubliú

Lacan, J. (1955/1985). As psicoses. O Seminário: livro 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1956/1995). A relação de objeto. O Seminário: livro 4. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1957/1999). As formações do inconsciente. O Seminário: livro 5. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1958/1992). A transferência. O Seminário: livro 8. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1964/1985). O Seminário: livro 11. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1961/1962). La Identificación, inédito.

Lacan, J. (1973/1974). Les Non-Dupes errent, inédito

Lacan, J. (1960/1985). Lettre à Winnicott. Ornicar? revue du Champ freudien, 33, 7-10.

Lacan, J. (1972). L'Étourdit. Sclicet 4.

Laurant, Éric (1995). Versões da Clínica Psicanalítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Laurant, Éric (1998). A metáfora fálica, sua introdução e seu destino na cura psicanalítica. Carrocel – Centro de Estudos e Pesquisa de Psicanálise e Criança, 2, pp. 27-45.

Miller, J. A. (1997). Lacan Elucidado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Miller, J. A. (1991/1992). De la Nature des Semblants, inédito.

Morel, Geneviève. (1995). La différence de sexes, inédito.

Morel, Geneviève. (1992/1993). El goce sexual. Editora Literal.

Morel, Geneviève (1996). Anatomia Analítica. Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, 15, 43-48.

Naveau, P. (1993). La querelle du phallus. La cause freudienne – Revue de psychanalyse, 12-16.

Rabinovich, D. (1988). El concepto de objeto en la teoría psicoanalítica – sus incidencias en la dirección de la cura. Buenos Aires: Manantial.

Richards, A. K. (1999). Freud And Feminism: A Critical Appraisal. Journal of the American Psychoanalytic Association, 47 (4), 1213-1237.

Rivière, Joan (1929/1999). A Feminilidade como Máscara. Agente – Revista de Psicanálise, 11, 29-34.